ENTRE O PERMANENTE E O TEMPORÁRIO

UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA UM ANTIGO ARMAZÉM DE VINHO DO PORTO

TIAGO ALEXANDRE PEDROSA LEAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA APRESENTADA À

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ORIENTAÇÃO: PROFESSOR DOUTOR ARQUITECTO RODRIGO PARREIRA COELHO

CO-ORIENTAÇÃO: PROFESSOR ARQUITECTO FRANCISCO VIEIRA DE CAMPOS

PORTO, 2018

Notas:

Por decisão do autor, a presente dissertação foi escrita ao abrigo do acordo ortográfico anterior ao actualmente vigente.

Todas as citações em português, foram transcritas conforme o acordo ortográfico utilizado na respectiva edição.

Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas livremente para português, pelo autor.

AGRADECIMENTOS:

Aos meus pais e irmãos, por todo o apoio ao longo destes anos;
À Vanessa e amigos, pela confiança e motivação;
Aos professores Rodrigo Coelho e Francisco Vieira de Campos pela disponibilidade, interesse e conhecimento partilhado;
À Filipa Correia, da Ramos Pinto, pela oportunidade.

RESUMO

A prova de dissertação que aqui se apresenta, integrada no curso de Mestrado Integrado em Arquitectura, consiste na realização de um projecto de reabilitação de um Antigo Armazém de Vinho do Porto, inserido no centro histórico de Vila Nova de Gaia, freguesia de Santa Marinha. Pretende-se, através desta proposta projectual, realizar uma reflexão mais abrangente sobre a intervenção no património industrial, desde as questões teóricas e conceptuais às opções construtivas.

A partir do levantamento, análise e interpretação do pré-existente, procuramos encontrar uma resposta sob a forma de projecto, capaz de transportar o edifício para a contemporaneidade. Com base na preservação e reconversão do antigo armazém e a sua adaptação a um novo programa impulsionado pelas exigências actuais, através do estudo dos processos de transformação, princípios morfológicos e funcionais do antigo Entreposto de Vinho do Porto, desenvolveu-se uma intervenção contemporânea que preserva a identidade do edifício ao reinterpretar o desígnio do lugar, a par das apropriações e vivências contemporâneas, aprofundada e consolidada através do estudo da sua materialização e soluções construtivas.

Pretende-se deste modo, com o presente objecto de estudo desta dissertação, abrir a discussão sobre temas relacionados não só com as opções de projecto, mas também reflectir acerca das actuais necessidades do centro histórico, de modo a reverter a monofuncionalidade da frente ribeirinha, e a desocupação do seu interior.

Palavras-chave: Património, Paisagem Urbana, Identidade, Infra-estrutura, Reabilitação, Preservação, Adaptabilidade, Flexibilidade , Contemporaneidade, Vila Nova de Gaia

ABSTRACT

The following dissertation, integrated in the Master of Architecture, consists on the execution of a rehabilitation project in an old Port Wine warehouse, located in the Historic Center of Vila Nova de Gaia, in the parish of Santa Marinha. It´s intended through this project proposal a broader reflection on the parameters of intervention in the Industrial Heritage, from the theoric and conceptual questions to the more objective ones, such as the constructive options.

Through the Architectural Survey, the analysis, and the interpretation of the pre-existing, we begin the search for an adequate solution, a Project capable of elevating the building to a more contemporary age with a suitable renovated purpose. Based on the preservation and rehabilitation of the ancient warehouse and its adaptation to a new architectural programme, propelled by the new pressing requirements of society and through the study of the transformation processes, morphological principals and functions of the old Port Wine warehouse, it is developed a contemporary intervention which preserves the buildings´identity and reinterprets the intentions of its place, whilst being aware of the contemporary appropriations and perceptions. An intervention established and consolidated through a thorough study of its materialization and constructive solutions.

In conclusion, our main objective, with the present dissertation and subject of study, it's to propose a general discussion regarding the issues related to the proper formal conception of the proposed project, and last and not least, to the reflection on the rising needs of the Historic center, in order to reverse the single function buildings on the riverside front and the vacancy of its interior.

Key-Words : Heritage, Urban Landscape, Identity , Infrastructure, Rehabilitation, Preservation, Adaptability, Flexibility, Contemporaneity, Vila Nova de Gaia.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO 13

1. INTERVIR EM PATRIMÓNIO

1.1. Conceito de património 21
1.2. Teorias de intervenção no património 25
1.3. Património industrial 31
1.4. Metodologias de intervenção - o retorno à cidade 35

2. O ANTIGO ARMAZÉM DE VINHO DO PORTO

2.1. O lugar
2.1.1. O centro histórico de Vila Nova de Gaia 43
2.1.2. O Entreposto de Vinho do Porto no século XXI 51
2.1.3. Estratégia para a reabilitação do centro histórico de Vila Nova de Gaia 57
2.2. O Edifício
2.2.1. Contextualização histórica do armazém alfandegário 61
2.2.2. Caracterização do edifício 65
2.2.3. Levantamento métrico do existente 71
2.2.4. Sistema construtivo 83
2.2.5. Estado de conservação 93

3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

3.1. Princípios de intervenção 101
3.2. Definição de um programa 109
3.3. Proposta de intervenção 119
3.4. Opções construtivas
3.4.1. O perene 141
2.4.2. O efémero 155

CONSIDERAÇÕES FINAIS 167

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 173

ANEXOS 183

INTRODUÇÃO

É um facto que a industrialização mudou significativamente os modos de vida do Homem, e consequentemente, provocou também alterações na definição da estrutura da sociedade moderna, tanto na forma como ocupa a cidade e nas relações humanas, como na arquitectura. Neste lógica de pensamento, o património industrial, impulsionado pelos desenvolvimentos técnicos referentes à Revolução Industrial , tem hoje um papel meramente simbólico nas cidades.

Assistimos nas últimas décadas do séc. XX a um processo e desindustrialização nos centros urbanos que acaba por ter um efeito negativo para a cidade. Muitos destes espaços, que protagonizaram um papel fulcral na construção do núcleo urbano, encontram-se hoje vazios da sua condição inicial, mantendo contudo, características de centralidade urbana e qualidade arquitectónica. A falta de reconhecimento do valor do património industrial e a inexistência em muitos casos de uma estratégia de protecção, resulta em situações de demolição para dar lugar à construção de novos conjuntos edificados que respondem aos interesses dos investidores, perdendo-se em muitos casos um património edificado de elevado valor, em particular para a preservação do carácter e identidade de um determinado lugar.

Através do estudo de um caso específico, inserido no centro histórico, pretende-se despertar as atenções sobre o potencial que o património industrial abandonado podem oferecer quando reconvertidos para novos programas e usos. O interesse em desenvolver um projecto no âmbito da dissertação prende-se com a oportunidade de aproximação a uma intervenção em contexto real e no seu confronto com teorias contemporâneas. O tema do presente trabalho centra-se na concepção de uma estratégia e projecto de reabilitação de um edifício em contexto histórico, na freguesia de Santa Marinha, em Vila Nova de Gaia, no distrito do Porto.

Num contexto de confronto cultural, a problemática da perda de funções do Entreposto de Vinho do Porto e a consequente degradação do seu património industrial edificado têm gerado um debate em torno da sua recuperação e na procura de alternativas para a sua salvaguarda. Com o declínio da indústria e da produção industrial, algumas partes das cidades alteraram-se profundamente, descaracterizando-se, estando actualmente pontuadas por um conjunto de ruínas e vazios urbanos que dialogam com intervenções recentes motivadas por novos interesses locais e económicos.



Fig.1. Avenida Ramos Pinto. Centro histórico de Vila Nova de Gaia

Alterações de ordem económica, política, demográfica e sociocultural, às quais estão associados novos interesses e espectativas têm estimulado o aparecimento de novos conceitos e modelos de intervenção. A leitura da evolução da forma e imagem da cidade impõe, naturalmente, uma reflexão em torno do entendimento sobre o património, o centro histórico e a intervenção na cidade existente passando pela conservação e ou intervenção.

A intervenção sobre o pré-existente levanta várias opções face ao construir no construído, e é neste sentido que se pretende lançar hipóteses de resposta sob a forma de projecto segundo uma análise que envolva de forma abrangente os valores do lugar.

O objecto de estudo é um Antigo Armazém de Vinho do Porto, pertencente à empresa vinícola Ramos Pinto, na freguesia de Santa Marinha, Vila Nova de Gaia. Este armazém destinado ao armazenamento de vinho, já inventariado pela Alfândega do Porto, possui uma longa história de ocupação, tendo funcionado sempre como armazém anexo das empresas que se alojaram no sumptuoso edifício sede adjacente, na primeira linha de edificado em frente à agua, na margem sul do rio Douro, enquadrados numa área rica do ponto de vista patrimonial e histórico.

A possibilidade de adaptação programática do edifício a novos usos representa uma oportunidade de progresso, assim como um motor de transformação local, que é motivado pelo contexto histórico, respeitando e enquadrando, o contexto social, económico e histórico do lugar, integrado no conjunto urbano, constituindo por isso, elementos de elevado valor na imagem da cidade. O tema abordado surge da problemática de requalificação dos edifícios industriais desactivados.

A proximidade quer do rio, quer do centro histórico, incita à recuperação de uma área que revela princípios de uma intervenção libertina, construída ao longo do tempo, através de um processo de sucessivas ampliações e adições, pautada pela ausência de uso e pelo estado de ruína, desajustada do contexto onde se insere.

Posto isto, procuramos entender a cidade enquanto um organismo vivo, adaptado às novas necessidades e públicos, criando novas infra-estruturas e focos de atractividade. Priorizando os valores e a identidade do lugar em particular e, da cidade em geral, para nela perceber quais as hipóteses de intervenção que melhor se enquadram.

Num lugar, que consideramos de referência na cidade, a proposta para o antigo armazém da Ramos Pinto, visa potenciar uma nova dinâmica e vitalidade da malha urbana através de uma proposta ajustada às actuais necessidades da sociedade. O processo de trabalho é aqui exposto,



Fig.2. Rua Afonso III. Centro histórico de Vila Nova de Gaia

retratando as várias fases de desenvolvimento do processo de concepção.

A dissertação que aqui se apresenta divide-se em 3 capítulos, estruturando uma base teórica e uma base prática, para dar resposta ao problema da investigação. Num primeiro momento, através de uma revisão bibliográfica centramo-nos na análise do património, com foco no património industrial, incidindo a investigação nas teorias de restauro e reconversão, passando pela reabilitação e requalificação do centro histórico, e definindo por fim uma metodologia de intervenção adequada a estes contextos.

Na segunda parte do trabalho, é feita uma abordagem geral, de carácter histórico, sobre o desenvolvimento do núcleo urbano, o antigo Entreposto de Vinho do Porto, assim como é definida uma estratégia de reabilitação adequada ao centro histórico de Vila Nova de Gaia, incidindo no património industrial. Em particular, é também neste capítulo que apresentamos a análise efectuada ao objecto de estudo, o Antigo Armazém de Vinho do Porto, desde a contextualização histórica e características construtivas, ao estado de conservação actual.

Por último, apresenta-se o processo de projecto, desde a definição dos princípios de intervenção e programa, proposta de projeto e opções construtivas. Pretende-se assim, dar consistência a um modo de pensar a arquitectura, desde a escala da cidade até ao objecto arquitectónico, desde a apresentação do núcleo urbano em estudo, à comunicação do projecto recorrendo a diferentes escalas nas quais se apresentam plantas, cortes e alçados que permitem ilustrar o projecto desenvolvido.

1. INTERVIR EM PATRIMÓNIO

"A maior glória de um edifício não está nas suas pedras, ou no seu ouro. Sua glória está na sua Idade, e naquela profunda sensação de ressonância (...) que sentimos em paredes que há tempos são banhadas pelas ondas passageiras da humanidade." [1]

[1] RUSKIN, John - *A lâmpada da memória,* Coleção Artes e Ofícios, Ateliê Editorial, 2008. p.68

1.1 Conceito de património

É "*no horizonte da mundialização, do seu impacto nas sociedades e da crise de valores assim produzida que devemos interrogar a noção actual de património e decifrar o seu sentido*."[2]

Visto que actualmente existe uma tendência em classificar tudo o que é edificado, torna-se necessário entender o conceito de património e o que simultaneamente implica intervir neste tipo de edificado antes de elaborarmos qualquer proposta de intervenção.

O termo património, é actualmente um conceito bastante generalizado, e pronunciado em diferentes contextos, ao representar as características que se transmitem hereditariamente. "*(...) o vocábulo 'património' tornou-se uma palavra-chave da nossa sociedade mundializada (...) Mas a despeito de um aparente consenso, e de uma monossemia postulada, o conteúdo da noção está longe de ser claro*."[3]

Deve-se à historiadora francesa Françoise Choay o estudo mais aprofundado da questão do património, na sua publicação, *A Alegoria do Património*. Neste estudo, a historiadora retoma à origem do conceito, no séc. XIX e inícios do séc. XX, diretamente associada à ideia de "monumento histórico"[4], que englobava apenas os grandes edifícios religiosos e civis, até a valorização do termo que hoje conhecemos, considerado uma mais valia cultural e económica, ao desacreditar a "era da indústria cultural".

É comum o estabelecimento de correlações com outras palavras como histórico, arquitectónico, edificado, etc, conforme os diferentes significados atribuídos a este termo ao longo do tempo. O património histórico engloba valores arquitectónicos que devem ser garantidos para as gerações futuras, como refere Choay, "*A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objectos que congregam a sua pertença comum ao passado: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e*

---

[2] CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. Colecção Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70, 2010, p.11

[3] CHOAY, Françoise - *As Questões do Património, Antologia para um combate*. Colecção Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70, , p.11

[4] "*O monumento é uma criação deliberada (gewolte), cujo destino foi assumido à priori e à primeira tentativa, ao passo que o monumento histórico não é desejado inicialmente (ungewolte) e criado enquanto tal. Este último é constituído à posteriori pelos olhares convergentes do historiador e do amador, que o seleccionam de entre a massa dos edifícios existentes e de que os monumentos representam apenas uma pequena parte*." RIEGL, Alios, citado por CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. Colecção Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70, 2010, p.24 e 25

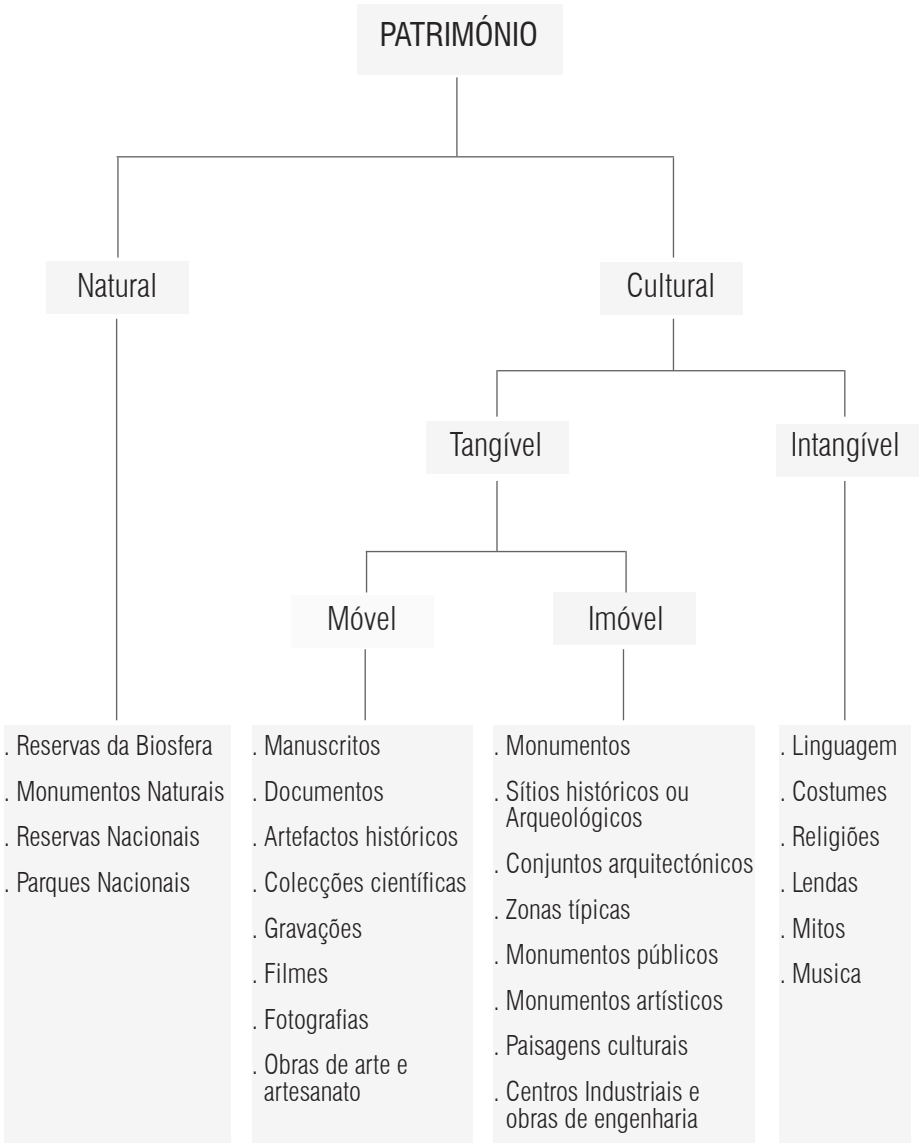


Fig.3. Diagrama adaptado pelo autor a partir do original de Albert Macaya Ruiz

conhecimentos humanos"[5]

Por sua vez a revolução industrial veio também revolucionar o conceito de património, que passa a englobar todas as formas de edificar, sejam elas eruditas ou populares, urbanas ou rurais, públicas ou privadas, através da criação de novas designações: a arquitectura menor, associada às construções privadas não monumentais; a arquitectura vernacular, proveniente da Inglaterra, distingue edifícios característicos de diferentes regiões; e a arquitectura industrial, das fábricas às estações, reconhecida em Inglaterra e posteriormente em França. Com referência a Françoise Choay, "*a preocupação em conservar o património arquitectónico e industrial do século XX (...) gerou nos dias de hoje um complexo de Noé, que tende a abrigar na arca patrimonial o conjunto completo dos novos tipos de construção que surgiram neste período.*"[6]

Antecedida por um conjunto de contribuições teóricas para a conservação e restauro do património[7], apenas em 1964 com a Carta de Veneza[8], sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios, é exposta a definição de Monumentos Históricos como "*criações arquitectónicas isoladas, assim como sítios, urbanos ou rurais, onde sejam patentes os testemunhos de uma civilização particular, de uma fase significativa da evolução ou progresso ou algum acontecimento histórico. (...) Grandes ou pequenas criações que adquiriram significado cultural com o passar do tempo*"[9]. Refere-se, ainda nesta carta, o conceito de sítio histórico, reconhecendo que "*os sítios dos monumentos devem ser objeto de um cuidado especial de forma a assegurar, que, estes sejam tratados e apresentados de forma correta*[10].

---

[5] CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. Colecção Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70, 2010, p.11

[6] CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. Colecção Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70, 2010, p.11

[7] Nomeadamente a Carta Italiana do Restauro, redigida em 1932 pelo *Conselho Superior de Antiguidades e Belas Artes,* em Itália, na qual é elavada a questão da conservação e restauro dos monumentos, e as Cartas de Atenas, de 1931 e 1933, referidas nas próximas páginas.

[8] No *II Congresso Internacional dos Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos,* em 1964, na presença de 61 países, foi redigida a Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios, mais conhecida como a Carta de Veneza. Segundo este documento, o restauro deveria ser considerado como uma acto excepcional que pretenda conservar e enaltecer os valores estéticos e históricos do monumento, devendo ser baseado no respeito pelos materiais originais e pela documentação autêntica. É ainda referido que não devem ser tolerados acrescentos nos edifícios, a não ser que respeitem todas as partes importantes do edifício, o equilíbrio da sua composição e a sua relação com o ambiente circundante. É também importante destacar que, a Carta de Veneza recomenda também uma cooperação entre todas as ciências e técnicas, documentando todas as intervenções, para que se possa divulgar publicamente estas transformações.

[9] ARTIGO 1 - *Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios* - Carta de Veneza de 1964

[10] ARTIGO 14 - *Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios* - Carta de Veneza de 1964



Fig.4. Centro histórico do Porto visto de Vila Nova de Gaia

1.2. Teorias de intervenção no património

Actualmente, as cidades revelam uma grande variedade formal e temporal, que faz com que nela se sobressaiam determinados núcleos, implantados noutras épocas, denominados de centros históricos, nos quais se torna fundamental repensar a continuidade dos mesmos, e consequentemente a sua adaptação à contemporaneidade.

Como tal, a arquitectura contemporânea deverá apropriar-se das pré-existências e reflectir sobre a sua história, de modo a recuperar e preservar estes espaços pertencentes ao passado, ajustando-os às necessidades do presente. "*Assumindo a cidade histórica e os seus elementos como parte da composição, mas considerando-a também como matriz teórica da nossa arquitectura, como património de formas que nós devemos retomar, continuar, transformar; aprofundando-o e ao mesmo tempo alterando-o, ancoramos o projecto à realidade e definimos os limites que pode ter a invenção, baseada sobre uma aprovação com os factos reais*"[11] . A partir desta ideia defendida por Daniele Vitale, julgamos que as intervenções nos centros históricos deverão responder à actualidade de forma a salvaguardar a autenticidade dos mesmos.

O termo intervenção engloba diversas percepções, da conservação à transformação e é interpretado por enúmeros autores, de diversas formas, ao longo dos últimos anos. Intervir exige o conhecimento do passado, questionando a continuidade ou ruptura do mesmo, procurando dar fundamento/pertinência ao projecto contemporâneo como uma "*proposta imaginativa, (...) pela qual se tenta não só reconhecer as estruturas do material histórico existente, mas também utilizá-las como uma pauta analógica do novo artefacto edificado*"[12] . Por conseguinte, intervir significa então a interpretação do edifício já existente, e do seu contexto, de modo a prolongar a identidade do mesmo, tendo em conta que "*a cidade é um património do passado a transferir para o futuro e, se possível, melhorado pelo presente*."[13]

A questão da intervenção sempre existiu na nossa cultura, no entanto, esta era encarada de uma forma natural, conforme as necessidades da comunidade, como se sucedeu no século IX, na Coliseu de Roma onde os arcos foram fechados e convertidos em habitações e armazéns, e na arena foi instalada uma igreja, como referiu Françoise Choay[14]. No Renascimento, com a

---

[11] VITALE, Daniele, citado por GRACIA, Francisco de - *Construir en lo construído: la arquitectura como modificación*. Madrid: Nerea, 2001, p. 143

[12] SOLÀ-MORALES, Ignacio de - *Del contraste a la analogia. Transformaciones en la concepcón de la intervención arquitectónica in Intervenciones*. Barcelona: Gustavo Gili. 2006, p.33-50

[13] VITALE, Daniele, Op. Cit. p. 176

[14] CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. Colecção Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70, 2010. p.32

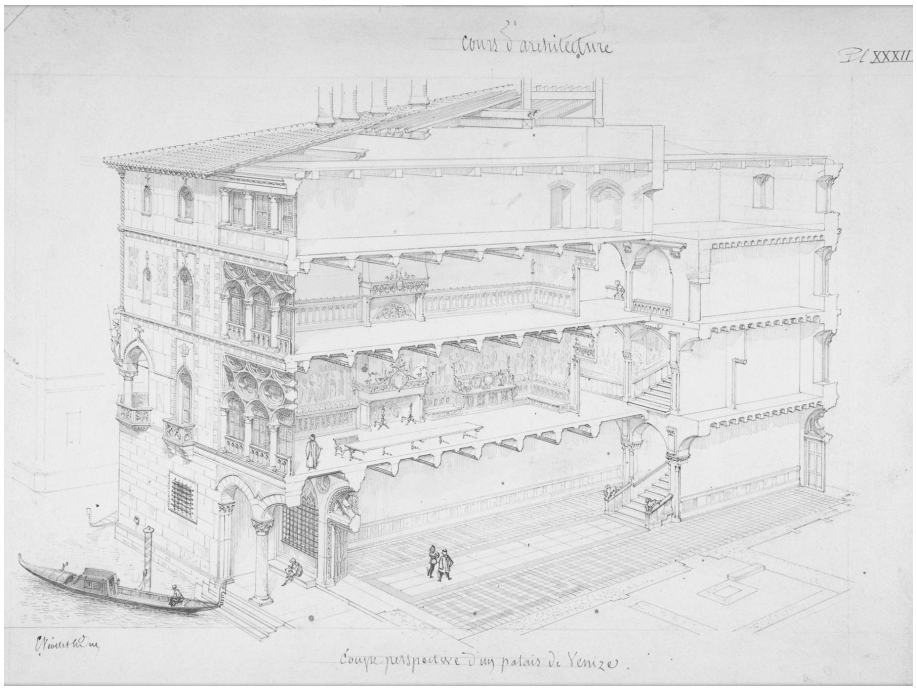


Fig.5. Perspectiva de um palácio em Veneza. Eugène-Emmanuel Viollet-le-Duc, (1830-1879)

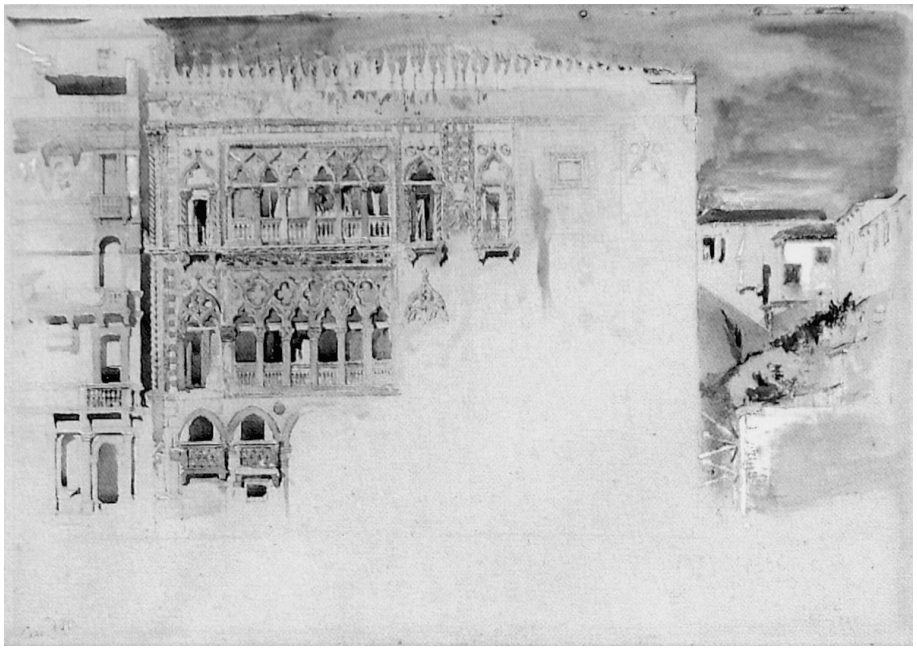


Fig.6. Ca' d'Oro. John Ruskin, 1845

valorização da história enquanto disciplina, assume-se a existência de um passado que importa ser valorizado. Neste época, as intervenções tinham como objetivo a construção de uma cidade uniforme e desta forma a arquitectura funcionava como "*um instrumento de intervenção que tem a sua propria congruência, que enfrenta e debate com as estruturas existentes, não para respeitar a sua diversidade, mas para as integrar num projecto de cidade que deve ter a sua própria unidade.*"[15].

Posteriormente, com o término da revolução francesa, é redigida a primeira legislação em prol da salvaguarda do património de forma a acabar com os inúmeros actos de vandalismo sobre importantes edifícios que representavam o estado e a igreja, que ocorriam em França, e com a revolução industrial, surgem ainda mais mudanças, tanto no quotidiano das pessoas como na arquitectura. Neste contexto, surgem diferentes posições acerca da salvaguarda e preservação do património. Para alguns historiadores, os centros históricos impediam o desenvolvimento da cidade contemporânea[16] enquanto que para outros era crucial proteger os objetos do passado em prol da sua congruência, originando "*uma dramática confusão entre preservação e reconstrução durante todo o século XIX*"[17].

Neste sentido, surgem no séc. XIX duas aproximações teóricas dominantes, o *restauro estilístico* defendido por Viollet-le-Duc (1814-1879) em França e o *restauro romântico* defendido por John Ruskin (1819-1900) em Inglaterra. Para Viollet-Le-Duc, o problema de intervir no património significa restaurar, isto é, acções perante o edificado que exprimam o seu percurso e a sua história, como forma de preservar a coerência do património. "*Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca num dado momento*"[18]. Este arquitecto afirma que o "estilo" do edifício deve ser reposto com base na documentação que permitisse reconhecer a sua forma inicial. Salientando ainda a importância da utilidade do edifício, "*o melhor meio de conservar um edifício é o de lhe encontrar um emprego*"[19]

Por outro lado, para Ruskin os monumentos têm de ser observados como testemunhos do passado, preservados no presente para que as gerações futuras neles possam reconhecer a sua temporalidade. Ruskin via o restauro como "*(...) a mais completa destruição que um edifício*

---

[15] SOLÀ-MORALES, Ignasi de – I*ntervenciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006, p. 21

[16] GRACIA, Francisco de - C*onstruir en lo construído: la arquitectura como modificación.* Madrid: Nerea, 2001, p. 27

[17] AGUIAR, José – *Cor e Cidade Histórica: Estudos Cromáticos e Conservação do Património*. Porto: FAUP, 2002, p. 38

[18] VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel - *Restauração.* Série Artes & Ofícios. São Paulo: Ateliê Editorial, Série Artes & Ofícios, 2000, p.29

[19] Idem, p.65

pode sofrer: uma destruição da qual não se salva nenhum vestígio: destruição que consiste numa falsa restituição do monumento destruído."[20] Este escritor romântico, acrescenta ainda que restaurar seria "*(...) tão impossível quanto ressuscitar os mortos, restaurar qualquer coisa que já tenha sido grandiosa ou bela em arquitetura*"[21].

Se por um lado John Ruskin apenas admitia a presença do monumento enquanto ruína, integrado na paisagem, uma posição assente numa certa nostalgia do passado, por outro lado, Viollet-Le-Duc, opondo-se à valorização simbólica e estética defendida por Ruskin, tinha uma atitude mais "animadora" ao propor a reconstrução dos monumentos. Este considerava o restauro uma combinação entre a história do edifício com a criatividade (embora limitada) do arquitecto, procurando desta forma a utilidade do mesmo. Nesta lógica, ambos os conceitos definiram os princípios de intervenção no término do século XIX, salientando-se o reconhecimento não só do edifício enquanto monumento, mas também da sua envolvente.

"*Na verdade, a teoria da conservação é um processo que resulta da confluência entre os ensinamentos da teoria da restauração de Viollet-le-Duc e da teoria da preservação de Ruskin, com o fim de formalizar critérios para encarar os edifícios históricos existentes.*"[22]

Ainda no século XIX surgem novas teorias do restauro protagonizadas por diversos autores, dos quais destacamos o italiano Camilo Boito (1834-1914) e Gustavo Giovannoni (1873-1947). Boito, apresenta-nos o *restauro filosófico,* uma tentativa de conciliar as teorias de Viollet-le-Duc e Ruskin, segundo a qual o restauro era fundamental para a subsistência do edifício, como forma de assegurar a sua autenticidade histórica[23].

Nesta linha de pensamento, Giovannoni cria uma outra doutrina, mais abrangente, ao reconhecer nos centros históricos um valor digno de preservação no presente, denominada de *restauro científico*, e tinha como princípio "*garantir a sobrevivência da autenticidade dos monumentos enquanto documentos históricos e enquanto obras de arte, recusando a sua renovação de acordo com os paradigmas arquitectónicos contemporâneos, por esta afectar drasticamente a salvaguarda desses valores*."[24]

---

[20] RUSKIN, John, citado por CHOAY, Françoise – *Alegoria do Património*. 2ªed. Lisboa: Edições 70, 2006, p. 159.

[21] Idem, Ibidem

[22] SOLÀ-MORALES, Ignasi de – *Intervenciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006, p. 26

[23] No *Congresso dos Engenheiros e Arquitectos Italianos*, realizado em Roma em 1883, Boito anuncia como primeiro princípio de intervenção o seguinte: "*ênfase no valor documental dos monumentos, que deveriam ser preferencialmente consolidados a reparados e reparados a restaurados*;" In BOITO, Camillo.- *Os restauradores*, Coleção Artes e Ofícios, Ateliê Editorial, 2008. p.25

[24] AGUIAR, José – *Cor e cidade histórica : Estudos cromáticos e conservação do património.* Porto, Faup Publicações, 2002, p. 50

Após mais de um século de debate, a questão da reabilitação do património construído, particularmente a associada aos centros históricos ainda persiste. A elaboração destas diretrizes, defendidas inicialmente por arquitectos e historiadores isolados, como Ruskin e Viollet-Le-Duc, anteciparam as políticas de protecção do património que se desenvolveram mais tarde por toda a Europa, e que foram objectivadas pelas convenções internacionais acerca da intervenção e conservação, ao proporem um diálogo da arquitectura do passado com a do presente, nomeadamente as Cartas de Atenas de 1931[25] e 1933[26]."*Pela primeira vez na história da conservação, (...) existia um documento internacional estabelecendo princípios e critérios aplicáveis à conservação do património arquitectónico*."[27] Por sua vez, estes critérios foram aprofundados anos mais tarde com a Carta de Veneza de 1964, já mencionada. Ao contrário da Carta de Atenas de 1931, cujos princípios se centravam meramente no monumento histórico, esta propunha uma relativização dos valores do conjunto urbano e, em simultâneo, a ponderação do património urbano no conceito do monumento a preservar.

Este intercâmbio de ideias, fez surgir novas cartas, das quais destacamos a Carta de Amesterdão de 1975[28], na qual a ideia de "conservação integrada" propiciou "*(…) a introdução de arquitectura contemporânea em áreas antigas quando o contexto existente, as proporções, as formas, a disposição dos volumes e a escala, sejam integralmente respeitados*."[29]

Deste modo, podemos afirmar que as melhores propostas de intervenção na cidade histórica, deverão ser aquelas que consigam conciliar a autenticidade do existente, face à transformação exigida pela contemporaneidade. "*O novo é novo porque introduz componentes que anteriormente não existiam, mas também, e sobretudo, porque modifica e reorganiza o pré-existente*"[30].

---

[25] A Carta de Atenas de 1931 resulta do *I Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos* na qual era debatida, entre 20 países diferentes, a questão do restauro e conservação dos monumentos, que origina esta primeira carta na qual estão presentes uma conjunto de princípios e intenções oficializadas internacionalmente, salientando-se a manutenção e reutilização dos edifícios, respeitando as suas particularidades e historicidade, como forma de garantir a continuidade dos mesmos.

[26] A Carta de Atenas de 1933 refere -se ao *IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna* (CIAM), que teve como tema a "cidade funcional", na qual se discutiram aspectos relacionados com urbanismo moderno, destacando particularmente os pontos 65 a 70 por se relacionarem diretamente com o património arquitectónico.

[27] Idem, p. 51

[28] Também conhecida como Carta Europeia do Património Arquitectónico, proclamada no *Congresso sobre o Património Europeu,* em Amesterdão no ano de 1975.

[29] Carta de Amesterdão de 1975. Disponível em: http://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/1975-carta_europeia_do_patrimonio_arquitetonico-conselho_da_europa.pdf (Consultada a 11 de Maio de 2017)

[30] MONFATI, Ezio citado por GRACIA, Francisco de - *Construir en lo construído: la arquitectura como modificación*. Madrid: Nerea, 2001, p. 8-9

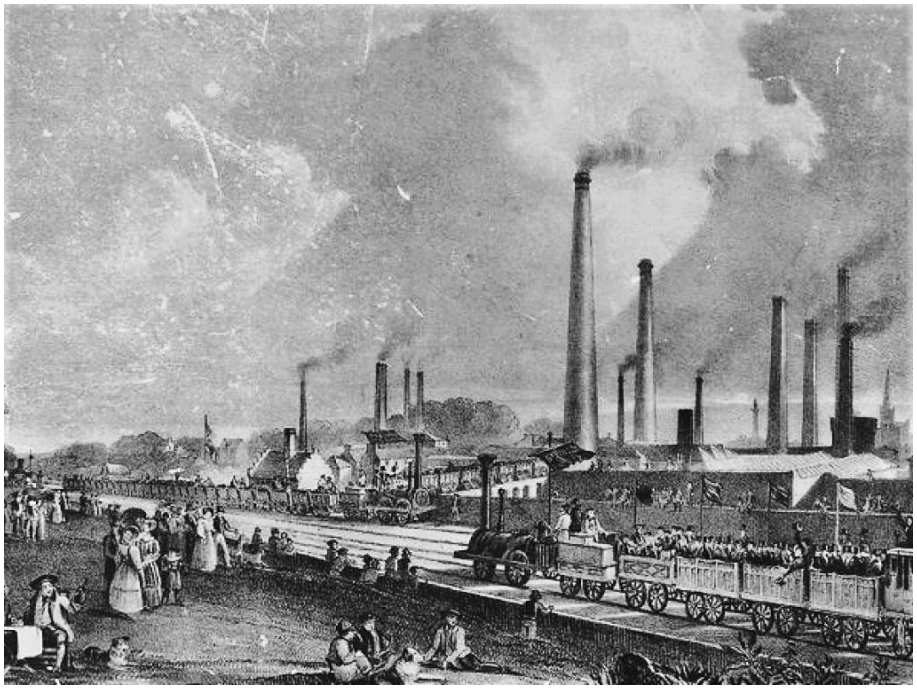


Fig.7. Gravura da Revolução Industrial

1.3. Património industrial

Os avanços tecnológicos, que originam a evolução da produção e a alteração das sociedades, provocam consequentemente a perda de funções da qual decorre o abandono, que leva a que edifícios industriais percam significado e que, por sua vez, apresentem uma dificuldade particular ao lidar com a alteração do programa inicial. As características construtivas impostas pelas funcionalidades dos imóveis actuais, não se encaixam com facilidade neste tipo de construção, logo, estes edifícios industriais atingem, na maioria das vezes, um estado de aparente inutilidade e uma necessidade urgente de adaptação, fazendo com que as áreas onde se inserem este tipo de edificado industrial, sejam desvalorizadas pela população em geral, uma vez que vêm neles amplos edifícios sujos e abandonados.

"*Se as sociedades mudam, os valores que vão criando devem, todos eles, ser protegidos*"[31]

Como verificamos no subcapítulo anterior, a segunda metade do século XX caracteriza-se pelas transformações nas sociedades ocidentais, destacando-se o alargamento do campo de intervenção no património cultural a outras áreas até então desconsideradas, isto é, surge a consciência de que o património não é apenas constituído por conventos, igrejas e palácios. Um dos melhores exemplos deste tipo de transformação foi o surgimento e a afirmação do património industrial, que nos interessa abordar na presente dissertação. Tendo em conta que esta preocupação em estudar e proteger o património industrial é relativamente recente, podemos afirmar que existe ainda uma certa resistência na aceitação deste tipo de património, datado de períodos cronológicos mais próximos, cujo o intuito da sua construção é marcadamente funcional e aparentemente menos prestigiante.

O Património Industrial "*integra tanto os testemunhos materiais como imateriais das actividades técnicas e industriais com maior incidência para o período da industrialização ligada ao desenvolvimento da economia capitalista: fábricas, lojas, armazéns, habitações, escolas, creches ou cinemas, máquinas, sistemas de energia, etc., e o próprio urbanismo, para além das novas formas de vida ou das relações de trabalho produzidas pelo desenvolvimento da indústria*"[32]. Esta subcategoria de património arquitectónico, assim como as restantes vertentes, reflete valores

[31] VELOSO, Cláudia - "*A história das cidades termina no século XX e não no século XVIII*". Entrevista a Jorge Custódio. In: Pedra & Cal : revista da conservação do património arquitectónico e da reabilitação do edificado. Ano I – Nº 4, 1999, p. 15.

[32] VIEIRA, João, LACERDA, Manuel (coord.) – *Kits – Património Industrial.* Coleção KITS – PATRIMÓNIO; IHRU / IGESPAR, 2010, p.54.



Fig.8. A antiga fábrica de Cerâmica das Devesas em estado de degradação - exterior. Vila Nova de Gaia



Fig.9. A antiga fábrica de Cerâmica das Devesas em estado de degradação - interior. Vila Nova de Gaia

como a memória, a antiguidade, a originalidade, a raridade e a singularidade. Distingue-se na dimensão técnica que é capaz de atingir ao se associar aos valores tecnológicos, científicos, sociais, económicos e estéticos da sua época.

Porém, esta vontade em salvaguardar este património surge também como forma de preservar a realidade industrial, isto é, do saber-fazer, da ciência, da mecânica, entre as demais noções reunidas neste fenómeno do século XX, inseparáveis de uma reestruturação económica, social, cultural e técnica. É premente preservar o edificado que anteriormente desencadeou uma era de progresso e uma nova forma de viver nas cidades e que hoje necessita de reconhecimento e de ser assumido como uma herança para as gerações futuras.

Françoise Choay, em *Alegoria do Património*, descreve este fenómeno da conservação do património de uma forma concreta, ao planear uma resposta aos problemas levantados ao longo do tempo, no que envolve a arquitectura e as cidades, "*monumentos e cidade histórica, património cultural e urbano: estas noções e as suas figuras sucessivas fornecem um esclarecimento privilegiado sobre o modo como as sociedades ocidentais assumiram a sua relação com a temporalidade e construíram a sua identidade*"[33].

A historiadora alerta ainda para os edifícios que se encontram em mau estado de conservação, e muitas vezes sujeitos a demolição. Para Choay, "*a reutilização é a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil de valorização do patrimonial*"[34] logo, delinear um novo uso não é uma tarefa simples e clara, na qual não deve ser apenas considerada uma operação de reconstrução ou reedificação da forma original do edifício.

Desta forma, nesta fase, tal como propõe Françoise Choay, é necessário analisar, diagnosticar e consolidar o estado material do edifício e, posteriormente, avaliar a intervenção em função do uso dos seus potenciais utilizadores.

[33] CHOAY, Françoise - Alegoria do *Património*. Colecção Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70, 2010, p.181

[34] Idem, p.191



Fig 10. Cidades do Porto e Gaia durante o evento *Red Bull Air Race* em Setembro de *2017*

1.4 Metodologias de intervenção - o retorno à cidade

Como verificamos, o ponto de partida para uma intervenção num edifício industrial, como em qualquer outra tipologia de património arquitectónico, é reconhecer o seu valor histórico, investigar, analisar e procurar documentação sobre o caso arquitectónico em causa[35]. Por sua vez, em prol da salvaguarda e valorização do património das cidades históricas podem ser tomadas diversas operações, das quais destacamos a manutenção, a consolidação e a remodelação.

A manutenção é um processo de natureza preventiva, em prol da conservação, que procura reverter o processo de degradação do edificado como forma de prolongar a sua durabilidade. A ausência deste tipo de acções são a principal causa da deterioração do património. Esta atitude é entendida como um "*conjunto de operações preventivas destinadas a manter em bom funcionamento, quer uma edificação como um todo, quer cada uma das suas partes constituintes*"[36].

Relativamente aos edifícios que já se encontram degradados, a estratégia deverá passar por uma intervenção de "*restabelecimento ou reforço da capacidade de suporte estático de materiais ou estruturas construtivas*"[37] isto é, a chamada "consolidação". Este conceito caracteriza-se pelo reforço da estrutura do edifício, de modo a evitar a desintegração dos elementos estruturais do edifício. Nestas situações, são admissíveis acções como a adição de novos elementos, vigas, pilares, etc., em concordância com os existentes.

Contudo, podemos ainda considerar outras métodos, como a "reabilitação". Esta acção define-se pela capacidade de devolver a um edifício, ou conjunto urbano utilidade, isto é, torná-lo habitável, sendo possível optar pelo programa original, ou pela definição de um novo programa. Por sua vez, estas adaptações podem implicar a construção de elevadores, instalações sanitárias e novas infra-estruturas (nem sempre pacíficas devido ao grau de intrusividade).

Por último, existe ainda um último recurso que deve ser referido, e que, na nossa opinião dever ser apenas implementado caso as hipóteses anteriores sejam inviáveis, isto é, a " demolição".

---

[35] ICOMOS - Cartas de Património: *Critérios para a Conservação do Património Arquitectónico do Século XX*, Documento de Madrid; Madrid, 2011, p.4

[36] HENRIQUES, Fernando - *A conservação do património histórico edificado*; Lisboa: Ed LNEC, 1991. p.39-54.

[37] PEREIRA, António Nunes, *Para uma terminologia da disciplina de protecção do património construído*, In J-A: Jornal dos arquitectos nº213; Lisboa: 2003 p.27-32



Fig. 11. Ampliação Tate Modern, Londres (2010 -) | Herzog & de Meuron

A antiga central elétrica em Bankside, desativada em 1881, deu lugar a um novo museu, da autoria dos arquitetos suíços Herzog & de Meuron. O projeto de reconversão de 1994 manteve o carácter do edifício, introduzindo apenas alguns apontamentos contemporâneos como o material translúcido utilizado na cobertura.

Um postura distinta, surge pelos mesmos arquitetos, na proposta de ampliação do museu dez anos após a primeira intervenção. Apesar de, em termos formais se destacar claramente o novo volume, há uma tentativa de aproximação ao existente através do material e do desenho dos vãos. O tijolo utilizado, semelhante ao da antiga central elétrica, permite, pela forma como é colocado, filtrar a luz do exterior para o interior.

"*Fazer apenas tanto quanto seja necessário e tão pouco quanto seja possível*".[38]

Como tal, é fundamental uma gestão adequada e enquadrada nas necessidades deste tipo de edifícios de modo a preservar a sua autenticidade e integridade, especialmente quando estão em causa atitudes interventivas. Nós, enquanto arquitectos herdeiros das sociadades industriais e da sua arquitectura respectivamente, devemos apelar à compreensão da importância deste legado, especialmente o que se encontra em território nacional.

Neste sentido, "*durante as últimas décadas temos assistido, por toda a Europa, a um processo de desindustrialização das cidades e de reconversão das áreas industriais em grandes projectos urbanos, ora integrando as memórias da indústria, ora, frequentemente fazendo tábua rasa da identidade dos lugares*"[39].

Por outro lado, não é possível questionar as práticas de intervenção no património industrial, sem refletirmos sobre o impacto e a relação que mantêm estes edifícios com a sua envolvente. Como salientou Gustavo Giovannoni, qualquer tipo de intervenção arquitectónica tem uma relação directa com o espaço urbano onde se insere, mas quando discutimos arquitectura industrial estamos, quase na totalidade dos casos, a abordar grandes áreas assentes na malha das cidades que influenciam de forma significativa a paisagem urbana[40]. Logo, a sua continuidade, independentemente da intervenção em causa, afecta diretamente a sua envolvente, o que pressupõe um cuidado redobrado em prol da preservação da memória colectiva.

Deste modo, é importante encarar estes espaços industriais como uma oportunidade para as cidades conciliarem um conjunto de políticas que relacionem o edificado com a envolvente histórica, em simultâneo. Como tal, é crucial a implementação de medidas para a reabilitação destes espaços, dotando-os de infra-estruturas que permitam a sua reutilização, adequadas aos níveis de conforto, higiene e segurança exigidos actualmente, como forma de substituir as actividades que se encontram em declínio. Cidades europeias como Paris, Londres e até mesmo Lisboa, possuem já diversos exemplos de antigos espaços industriais adaptados, a novos usos, com alojamentos, escritórios, áreas públicas de lazer, parques, etc..

---

[38] ICOMOS - Cartas de Património: *Critérios para a Conservação do Património Arquitectónico do Século XX*, Documento de Madrid; Madrid, 2011, p.4

[39] DOMINGUES, Álvaro - P*atrimónio Industrial e Requalificação Urbana: actas do Colóquio de Museologia Industrial "Reconversão e Musealização de Espaços Industriais"*; Porto: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2002, p. 5.

[40] *Paisagem Urbana*, segundo o autor Gordon Cullen, é um conceito que exprime a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o conjunto de edifícios, espaços ou elementos que formam o ambiente urbano. Defende que um edifício é arquitetura mas a relação entre dois edifícios constitui paisagem urbana.



Fig.12. Lx Factory, Alcântara, Lisboa



Fig.13. Lx Factory, Alcantara, Lisboa

O projecto LX Factory, criado em 2007, em Lisboa, nas instalaçoes da antiga *Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense*, construída no séc. XIX, afirmou-se como um dos mais importantes polos de criatividade e inovação do país, com cerca de 150 empresas a funcionar nos inúmeros espaços do complexo.
Com o encerramento da sua actividade, e dado o potencial deste conjunto devido à sua área e localização, foram propostos para este local enúmeros projectos, ambiciosos, elaborados por arquitectos como Álvaro Siza e Jean Nouvel.
Contudo, ao contrário do que estaria proposto pelos planos urbanísticos do Município, os proprietários decidiram rentabilizar o espaço, alugando os seus espaços, a preço reduzido, a artistas e outras actividades criativas, acabando por nascer um projeto inovador e sustentável capaz de se integrar no processo de valorização da cidade.

É também urgente a recuperação do património industrial, especialmente pelos efeitos sociais que estas ruínas geram. É evidente, em muitos casos, a acentuada degradação urbana devido à obsolescência e ao abandono, ao produzirem uma paisagem urbana disforme, com resultados visuais por vezes impactantes, alienando a população, o comércio e a própria vida da cidade e causando diversos problemas culturais e económicos. Por sua vez, a implementação de políticas que favoreçam a requalificação destes antigos espaços industriais podem dar resposta às carências da cidade, como equipamentos, habitação e espaços de lazer, que preservem a identidade do local, e enriqueçam o tecido urbano da cidade.

Por outro lado, a recuperação destes espaços destaca-se ainda pela economia de meios. Com o reaproveitamento das estruturas já existentes, há uma poupança significativa dos recursos construtivos, a par de um desenvolvimento sustentável, princípio de enorme relevo na conjuntura actual. O património industrial torna-se então um meio de partilha da cultura fabril do centro urbano onde se insere ao promover a dinamização da comunidade, a partir da memória de uma época, do mesmo modo que estimula uma nova realidade para a arquitectura, resultante dos desafios que este tipo de edificado emana.

De um modo geral, podemos afirmar que os problemas relacionados com o abandono dos centros históricos, devido à "periferiarização" das indústrias e serviços, referidos anteriormente, são também problemas alusivos à arquitectura e talvez seja necessário adoptar estratégias mais interventivas, e menos conservadoras, em prol da preservação dos mesmos. Como refere Solà Morales, "*o problema com que nos encontramos actualmente é o de repensar a nossa relação com os edifícios históricos. É preciso passar de uma atitude, no fundo, evasiva e cada vez mais distante, característica da proteção/preservação, para uma atitude de intervenção*", acrescentando ainda este autor que é necessário "*entender que o edifício tem capacidade para se expressar e que os problemas de intervenção na arquitectura histórica não são problemas abstratos mas sim problemas concretos em estruturas concretas (...) deixar o edifício falar é hoje a primeira atitude responsável e lúcida perante um problema de restauro.*"[41]

[41] SOLÀ-MORALES, Ignasi de – *Intervenciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006, p. 31 - 32

2. O ANTIGO ARMAZÉM DE VINHO DO PORTO

"A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que lhe conferem sua personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco a sua alma. São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, a princípio por seu valor histórico ou sentimental, depois, porque alguns trazem uma virtude plástica na qual se incorporou o mais alto grau de intensidade do génio humano. Eles fazem parte do património humano, e aqueles que os detêm ou são encarregados de sua proteção, têm a responsabilidade e a obrigação de fazer tudo o que é lícito para transmitir intacta para os séculos futuros essa nobre herança."[42]

[42] ARTIGO 65 - *Os valores arquitetónicos devem ser salvaguardados (edifícios isolados ou conjuntos urbanos)*. In Carta de Atenas – Assembleia do CIAM. 1933



Fig.14. Embarque de vinhos em Vila Nova de Gaia. Fotografia de Emílio Biel.

2.1. O lugar

"*Num encanto que permanecerá, maravilho-me com o panorama do rio e da cidade.*

(…)

Na margem sul, a nossa, a trajectória dos olhos era breve: começava na igreja redonda da Serra do Pilar, descia para os telhados dos armazéns de vinho, o convento das freiras, e ia parar nas árvores seculares da quinta de Campo Belo.

Mas de tudo o que eu via da janela, o que mais me encantava era o rio. Então a barra ainda era funda, entravam por ela enormes cargueiros, tantos que às vezes ficavam atracados dois a dois, desde o Lordelo até à ponte. E porque na margem de Gaia não havia cais, a carga era morosa e pitoresca.

As pipas, os fardos, os caixotes, rolavam pelas pranchas ou levavam-nos os homens da estiva à cabeça para as barcaças, que iam acostar aos navios. Os guinchos funcionavam a vapor e ao içar a mercadoria, ou quando a baixavam para os porões, saía deles silvando um longo penacho de fumo."[43]

[43] CARVALHO, José Rentes de – *Ernestina*. Lisboa: Quetzal Editores, 2014, p. 135-136

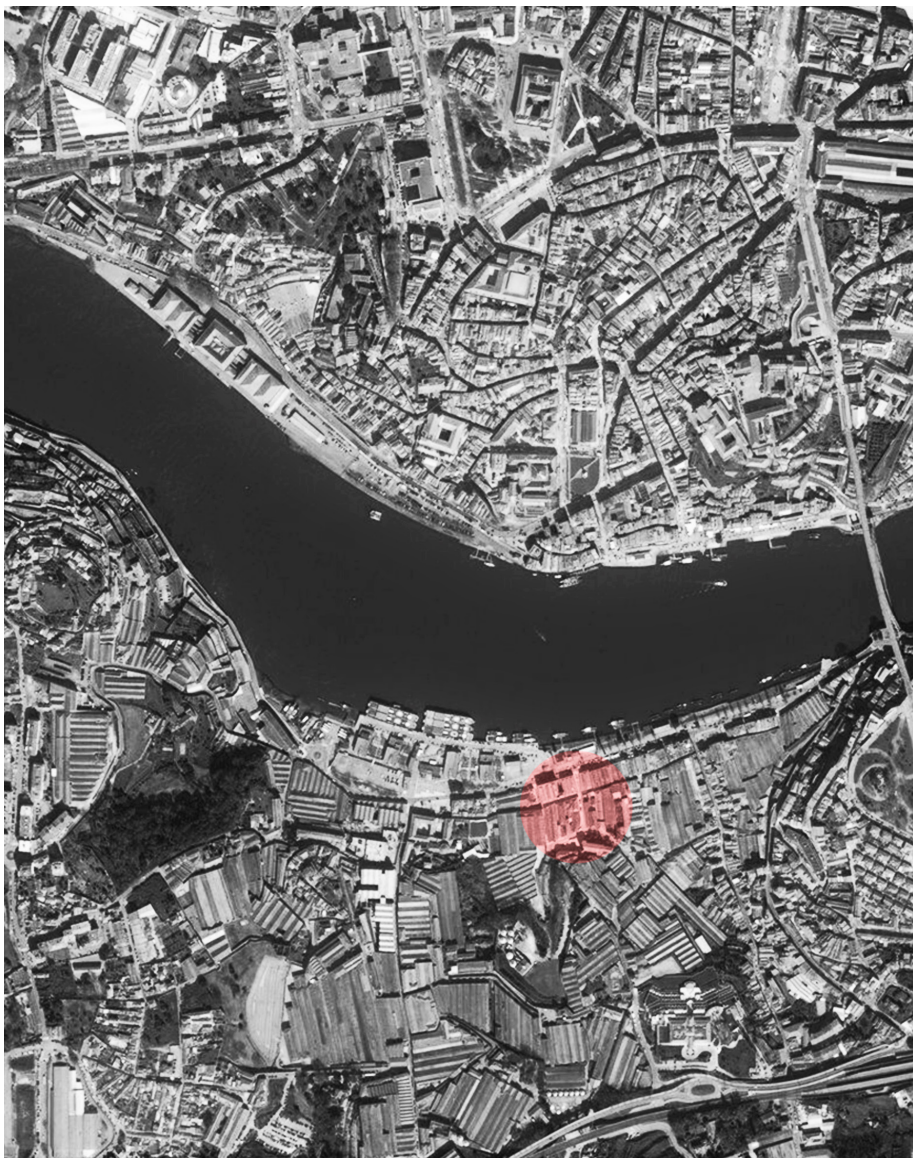


Fig.15. Localização do objecto de estudo no centro histórico

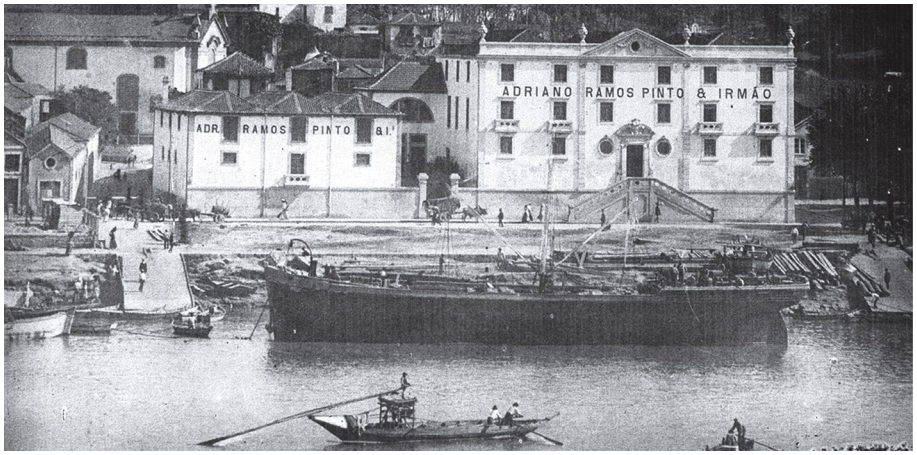


Fig.16. Caves Ramos Pinto no início do século XX. Arquivo do Instituto Português de Fotografia.

É perante este cenário excecional, retratado pelo escritor José Rentes de Carvalho, em pleno centro histórico de Vila Nova de Gaia que encontramos o nosso caso de estudo: um edifício singular, destinado ao armazenamento de vinho, em pleno Cais de Gaia, na segunda linha de edificado em relação à margem do rio, na Rua Guilherme Gomes Fernandes.

A ocupação do aglomerado urbano que hoje conhecemos como centro histórico de Vila Nova de Gaia começou durante o primeiro milénio antes de Cristo, que se concretizou posteriormente no desenvolvimento de dois polos urbanos, *Gaya* e *Villa Nova*, que se vieram a ligar mais tarde, constituindo assim, desde o séc. XVI, como Vila Nova de Gaia. *Gaya*, a poente, e *Villa Nova*, a nascente, eram separadas pela denominada ribeira de Santo Antão, *Villa Nova* foi o nome que D. Afonso III deu em 1288, onde é hoje a parte baixa da freguesia de Santa Marinha, onde se encontra o nosso objeto de estudo.

Durante vários séculos, esta área foi administrada pelo burgo do Porto. O seu carácter fortemente marcado pela relação estabelecida com o Alto Douro e o Porto, na forma como evoluía a economia, reflectiu-se na transformação urbana. Além do comércio que se centralizava no Porto, concentravam-se também nesta cidade muitos dos armazéns de vinhos, principalmente na zona ribeirinha de Miragaia a Massarelos, até ao séc. XVIII, como por exemplo o armazém do Cais Novo, da família Pinto da Cunha Saavedra, onde actualmente se encontra o Museu do Vinho do Porto. No entanto, o crescimento das exportações levou à necessidade de construir grandes áreas de armazenamento em Gaia, que possuía um enorme ancoradouro e uma vasta área livre, mesmo em frente ao cais do Porto, tornando-se assim num importante estaleiro e entreposto comercial, que apenas em 1984, com o nascimento da Vila Nova de Gaia se "liberta" do Porto.

"*O que dá porém a esta Povoação (contemplada externamente) uma aparência grande e sedutora, é a prodigiosa cópia de armazéns que nela se têm edificado desde o estabelecimento da Junta da Companhia, para neles se recolherem os vinhos do Douro (…) todos os terrenos próprios para esta edificação, e em distância com o rio, que não demandasse grandes carretos, foram tirados à cultura, comprados ou emprazados, e aplicados a esta qualidade de prédios, com suma vantagem dos senhorios. A prosperidade do Comércio de Vinhos, que se seguiu ao Cerco, e que durou alguns anos foi a causa deste aumento de armazéns*"[44]

Desde então que a identidade do centro histórico de Gaia esteve fortemente ligada ao comércio e armazenamento do vinho do Porto, no qual a unicidade dos armazéns do vinho que sobem a encosta ao longo da margem sul do Douro, sustentam uma actividade que tem um valor patrimonial imaterial evidente, que caracteriza o tecido urbano.

---

[44] AZEVEDO, João António Monteiro, 1881 - *Descripção Topographica e historica de Villa Nova de Gaya*. Vila Nova de Gaia. 1881, p.64



Fig.17. Gravura da cidade do Porto a partir de Vila Nova com os armazéns do vinho em primeiro plano, datada de 1789, por Teodoro de Sousa Maldonado

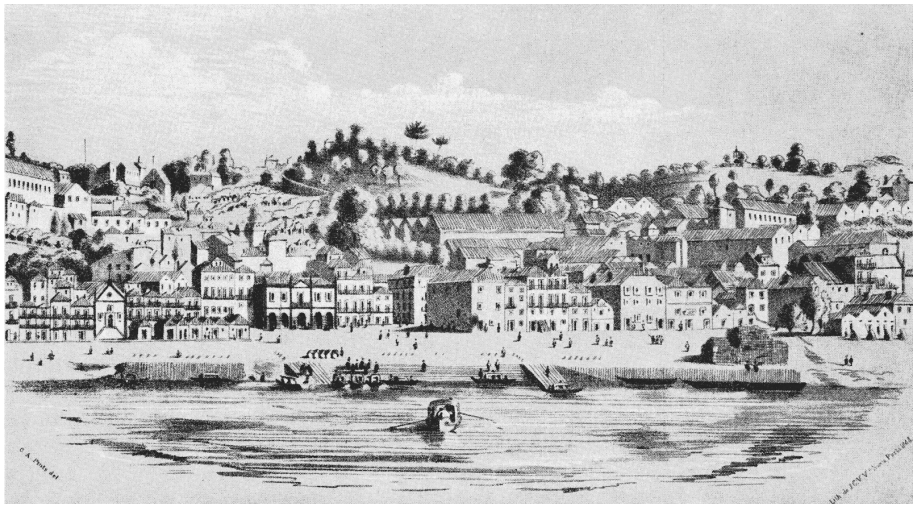


Fig.18. Gravura de Vila Nova, 1848, Cesário Augusto Pinto

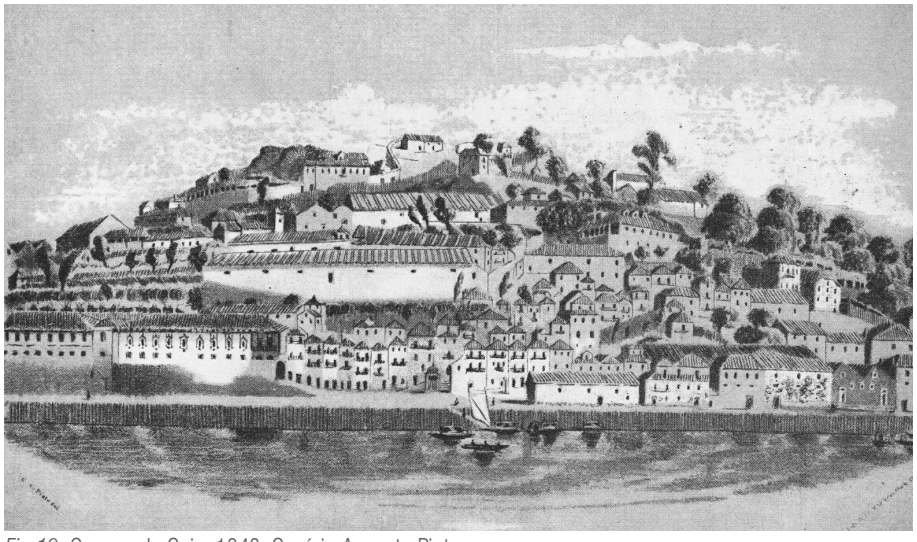


Fig.19. Gravura de Gaia, 1848, Cesário Augusto Pinto

Desta forma, o centro histórico de Gaia é muito mais do que um complemento do Porto, no qual a construção das pontes mantiveram um papel essencial ao sustentarem esta conexão entre as duas margens que foram, também, um estímulo para o crescimento populacional e económico da cidade. Em 1843 é inaugurada a Ponte Pênsil, que vem substituir a velha Ponte das Barcas, e que origina a criação de uma nova via, a Estrada Nova (actual General Torres) a qual levaria à diminuição do comércio da Rua Direita e dos atravessamentos por barco entre Vila Nova e a ribeira do Porto. Por outro lado, a chegada do comboio à antiga Quinta das Devesas promove a criação de um novo núcleo industrial na parte alta da cidade, o que levou à criação de um novo acesso à cidade do Porto em 1877, a nascente da Serra do Pilar, a ponte Maria Pia, visto que o aparecimento da linha férrea facilitaria o transporte da mercadoria, sendo o barco substituído pelo comboio.

E por último, a construção da Ponte Luiz I em 1886 introduz uma ligação aos dois níveis, entre a Serra do Pilar e o morro da Sé do Porto, permitindo também a ligação entre os dois tecidos antigos através do tabuleiro inferior, o que originou uma nova área de expansão urbana da povoação da margem de Gaia.

Com o crescimento do comércio dos vinhos, as exportações do Vinho do Porto tornaram-se fundamentais na economia da República, e em 1926 o governo cria, na margem de Gaia, o "Entreposto Único e Privativo do Vinho do Porto"[45], fruto da dinamização daquelas estruturas de grande escala, os armazéns de vinho do porto, imagem de marca da cidade. Contudo, além da forte presença dos armazéns, também é possível reconhecer outros tipos de volumetrias nesta frente de rio, que é também local de residência, na qual a antiga Rua Direita, atual Cândido dos Reis, e a Rua General Torres tiveram um papel fundamental no desenvolvimento desta tipologia.

Porém, o declínio do movimento dos barcos rabelos, quer pela linha férrea da Quinta das Devesas, quer posteriormente pela construção da barragem do Carrapatelo em 1972, assinalou o fim do transporte fluvial de produtos vínicos do Alto Douro para a antiga praia de Vila Nova

Contudo, em 1986, cria-se a Associação de Produtores Engarrafadores de Vinho do Porto, que validava a exportação directa, a partir das quintas do Douro, em nome dos respetivos produtores. Desta forma, o entreposto perde todo o dinamismo que qualificava o centro histórico ao debilitar a utilidade das caves de vinho. Nesta década, também se verificou um aumento significativo do enoturismo, sendo nesta altura que as empresas começaram a aproveitar as estruturas de armazenamento para fins turísticos, pelo seu elevado valor pictórico, com a criação de salas expositivas, onde normalmente estão as pipas e os balseiros.

[45] Decreto n.º 12:007 – Diário da Republica, Ministério da Agricultura - Secretaria Geral n.º 166, Série I de 1926-07-31



Fig.20. Cais de Gaia. Embarque de vinhos



Fig.21. Interior do centro histórico. Emílio Biel



Fig.22. Cais de Gaia. Embarque de vinho. 1930



Fig.23. Cais de Gaia. Embarque de vinho

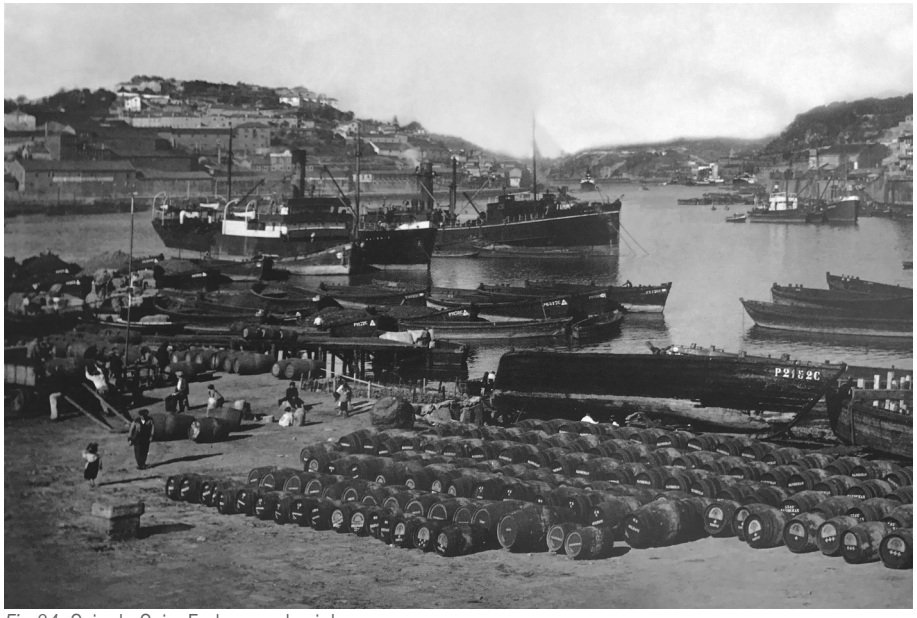


Fig.24. Cais de Gaia. Embarque de vinho



Fig.25. Interior de um armazém de vinho do Porto. 1928



Fig.26. Projecto para o cais de Gaia dos arquitectos Tasso de Sousa e Eduardo Cabral dos Santos

2.1.2. O entreposto no século XXI

Como referido anteriormente, com a validação da exportação directa do vinho a partir do Douro o entreposto foi perdendo gradualmente as suas funções, e tornou-se necessário a elaboração de estratégias que reflectissem acerca da utilidade do centro histórico.

Desta forma, nos anos seguintes foram realizados estudos para o entreposto do vinho do Porto, concretizados em dois projectos que propunham a sua requalificação. É o caso dos planos para a marginal, um de 1997, da autoria do arquitecto Francisco Barata Fernandes (fig.27), e outro de 2004, da autoria arquitecto Pedro Ramalho (fig.28). O primeiro decorreu no âmbito das acções coordenadas conjuntamente pela CMG (Câmara Municipal de Gaia) e a APDL (Administração dos Portos do Douro e Leixões) e o segundo no âmbito do programa Polis de Vila Nova de Gaia. Ambos se centraram quase que exclusivamente na zona ribeirinha. O plano de pormenor da área ribeirinha, de 1997, desenvolvido pelo arquitecto Francisco Barata Fernandes, integra essencialmente o espaço entre a ponte D. Luís e o Cabedelo Lavadores, definindo alguns espaços, usos e vias principais.

Da ponte D. Luís até ao Cais de Gaia, é proposta uma alameda acompanhada de vários programas (esplanadas e outros ligados ao vinho do Porto) e espaços com vista sobre o rio Douro, destacando-se a praça em frente ao largo Miguel Bombarda. A acompanhar toda a marginal, sucedem-se várias plataformas flutuantes de apoio a pequenas embarcações, clubes de remo e canoagem.

Nesta intervenção, a cargo da APDL ficou a proposta para o Cais de Gaia. Este projecto, realizado pelos arquitectos Tasso de Sousa e Eduardo Cabral dos Santos em 2002 (fig.26), traduz-se num conjunto de seis pavilhões destinados a actividades ligadas à restauração e um parque de estacionamento de apoio. Apesar dos edifícios terem sido propostos perpendicularmente ao rio, as volumetrias quebram a relação deste com o entreposto, acontecendo o mesmo com o parque de estacionamento. A materialização dos pavimentos e o desenho de um pequeno lago na frente dos pavilhões transporta o visitante para um ambiente desligado da actividade vinícola. É por estes aspectos que este projecto nos parece corresponder a uma tentativa precipitada de requalificar a área ribeirinha, não atendendo às suas acessibilidades nem estrutura existente. Não foi, todavia, definido um índice de construção nem um número de pisos, pelo que o conjunto edificado que hoje conhecemos se apresenta muito intrusivo.

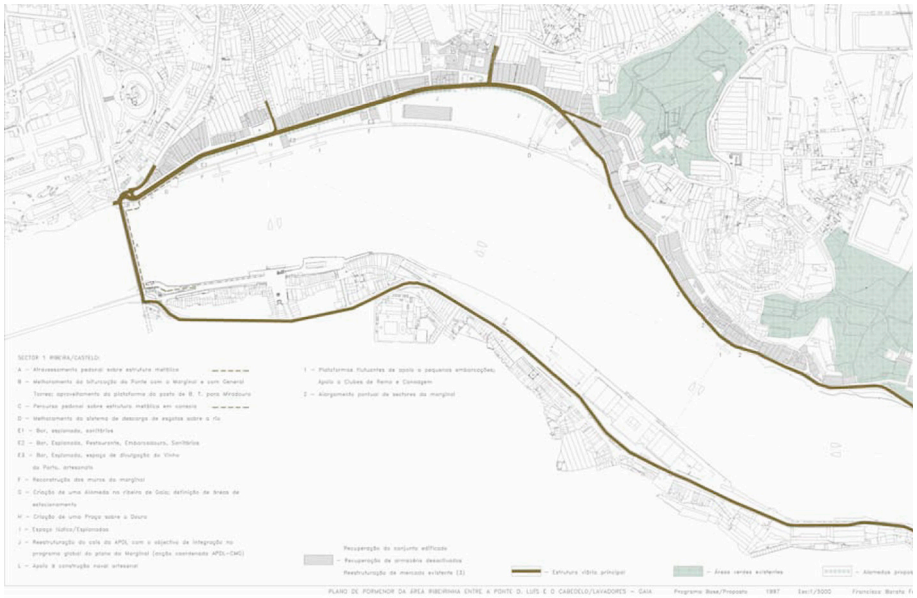


Fig.27. Plano de pormenor da área ribeirinha. Prof. Arquitecto Francisco Barata Fernandes

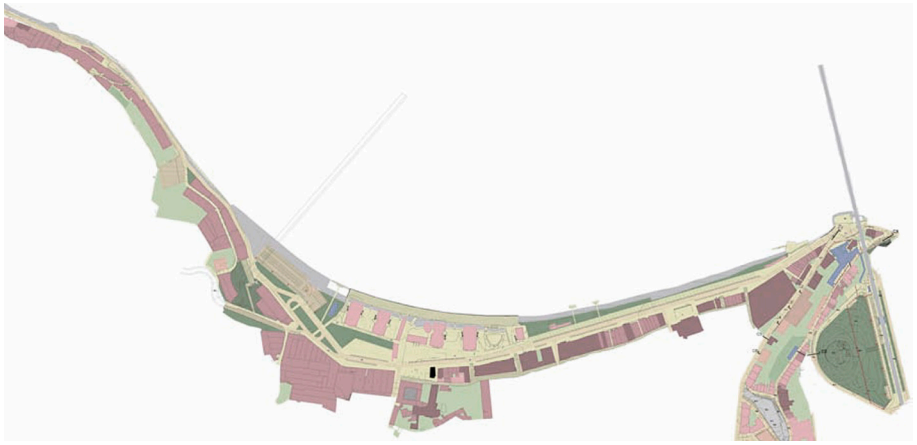


*Fig.*28. Projecto para a área ribeirinha do entreposto. Prof. Arquitecto Pedro Ramalho



Fig.29. Hotel Yeatman



Fig.30. Imagem virtual do empreendimento *World of Wine*

Na década seguinte, a proposta do arquitecto Pedro Ramalho, para a frente ribeirinha do centro histórico de Vila Nova de Gaia retoma algumas questões anteriormente mal resolvidas, pretendendo proceder a melhorias no espaço da marginal, que é o mais utilizado no entreposto.

Os espaços verdes, públicos e privados, são reorganizados e dão origem aos espaços verdes privados de uso público, como é o caso do interior do convento Corpus Christo, onde actualmente se encontram as instalações da GAIURB. Esta solução oferece ao entreposto outros usos e espaços públicos de qualidade, definindo novos percursos. Desta forma, o arquitecto Pedro Ramalho propõe uma relação interessante entre o espaço público e privado, onde é evidente a preocupação com a requalificação do construído, interveniente na qualidade urbana. Porém, continua-se a priorizar a concentração de funções na marginal, ficando o interior do centro histórico por solucionar.

Numa escala mais abrangente, importa ainda referir o projecto realizado pelo arquiteto Manuel Ferndandes de Sá, integrado no Programa Polis de Vila Nova de Gaia de 2001, que propôs a ligação da VI8 à VI9 como forma de integrar a área do entreposto com o restante tecido urbano da cidade de Gaia, dotando-o de melhores acessos e, por isso, com maior potencial de desenvolvimento.

A margem de Gaia que até então estava repleta de pipas de vinho, prontas para serem transportadas para todo o mundo, é fortemente intervencionada, numa tentativa de criar mais atractividade. Assistimos à construção do teleférico de Gaia, de diversas unidades hoteleiras, alojamentos locais e a mais recente intervenção, a reabilitação do Mercado Beira-Rio.

Contudo, nem todas a intervenções respeitaram o valor patrimonial do centro histórico, interferindo na autenticidade do mesmo. Seguindo o exemplo dos bares da APDL, já mencionado, sucedem-se novas intervenções que acentuam esta descaracterização do centro histórico (fig.29 e 30). "*Tendo em conta as transformações urbanas dos últimos dez anos, podemos convictamente apontar a tendência generalizada de transformação do Entreposto de Gaia num enorme "Shopping da Memória do Vinho"*[46]

Por outro lado, e não menos preocupante, é o contraste entre a atracção de investimento para a frente de rio e a desocupação dos armazéns que origina uma dualidade entre a margem gaiense e o interior. A parte interna do centro histórico torna-se desabitada, por vezes sombria, marcada

[46] DOMINGUES, Àlvaro e PEREIRA, Mariana Abrunhosa - *World of Wine: a vista do Porto para Gaia com mais um chiringuito*. In Público in https://www.publico.pt/2017/06/16/local/opiniao/world-of-wine-a-vista-do-porto-para-gaia-com-mais-um-chiringuito-1775636. (Consultado a 17 de Julho de 2017)



Fig.31. Avenida Diogo Leite. Centro histórico de Vila Nova de Gaia



Fig.32. Escritório de Adriano Ramos Pinto, fundador da Casa Ramos Pinto

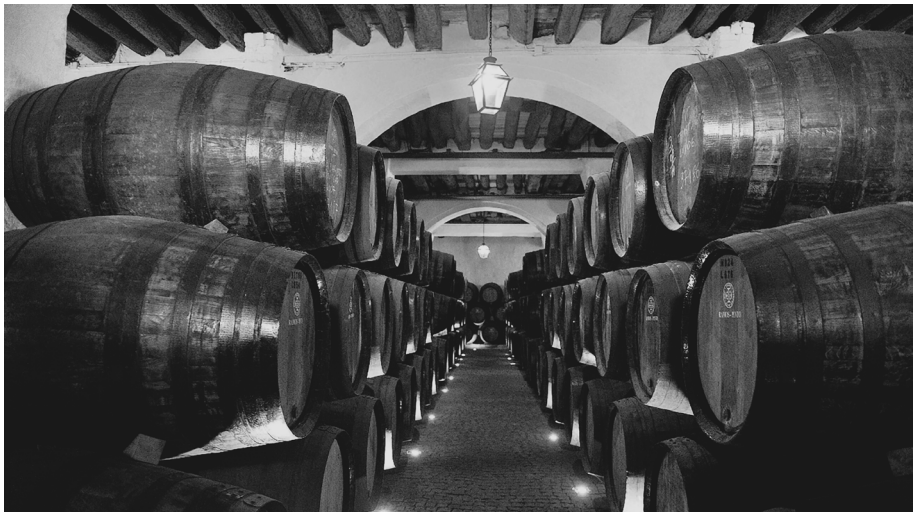


Fig. 33. Cave da Ramos Pinto

pelas ruas estreitas e íngremes com os seus quarteirões compactos, sem qualquer atractividade. Neste centro histórico, só a área ribeirinha é vivida, surgindo pontualmente, durante o ano, algumas iniciativas culturais.

"*A frente de água de Vila Nova de Gaia, que um dia foi palco de grandes movimentações de mercadorias e embarcações, é hoje um eixo pedonal e viário requalificado, um canal de acesso às caves de Vinho do Porto, que cada vez mais se afirmam como o grande anzol turístico da cidade do Porto*"[47].

A par desta dualidade entre o magnetismo da marginal e o desinteresse pelo interior, é de referir ainda o contraste existente entre os habitantes e os visitantes, visto que inúmeros edifícios de habitação ao longo da marginal, onde se concentram os turistas, se vão convertendo cada vez mais em unidades de alojamento, restauração, espaços museológicos ligados ao vinho. Espaços estes que, quanto maior a sua proximidade da ponte Luiz I, a "porta de entrada" de Vila Nova de Gaia, maior é a probabilidade de serem visitados.

"*um enorme (…) parque temático ligado ao vinho que se tem vindo a configurar nos últimos anos, para cativar mais turistas...*"[48]

Esta apropriação das caves para espaços temáticos associados ao Vinho do Porto, leva a que nas sedes das empresas próximas à marginal permaneçam apenas os espaços de interação com o turista, algumas pipas e o "museu" da empresa, enquanto que os espaços destinados ao armazenamento e refrigeração do vinho se situam nas grandes estruturas no interior do centro histórico, ou nas respectivas quintas no Douro, fazendo assim proveito da localização privilegiada, como a Casa Ramos Pinto à qual pertence o nosso objecto de estudo. Por outro lado, os armazéns situados no interior do centro histórico são menos visitados.

---

[47] PEREIRA, Mariana Abrunhosa - *As arquiteturas do vinho de um porto monofuncional* in Revista da Faculdade de Letras. Porto, III Série, vol. 9, 2008, pag.173

[48] DOMINGUES, Àlvaro e PEREIRA, Mariana Abrunhosa - *World of Wine: a vista do Porto para Gaia com mais um chiringuito*. In Público in https://www.publico.pt/2017/06/16/local/opiniao/world-of-wine-a-vista-do-porto-para-gaia-com-mais-um-chiringuito-1775636. (Consultado a 17 de Julho de 2017)



Fig.34. Centro histórico de Vila Nova de Gaia

2.1.3. Estratégia para reabilitação do centro histórico de Vila Nova de Gaia

Como referido nos parágrafos anteriores, nos últimos anos o aumento do turismo no centro histórico de Vila Nova de Gaia originou grandes alterações com o encerramento de actividades relacionadas com a produção e engarrafamento de vinho dos armazéns para o Alto Douro, para dar lugar a espaços expositivos, espaços de provas de vinhos, ao reforço da restauração e bebidas na frente ribeirinha e à substituição da habitação por unidades de alojamento destinadas ao turismo.

É preciso explorar as potencialidades do centro histórico de uma forma sustentável e equilibrada, sem perder os seus habitantes de modo a atrair novas áreas de actividade ao centro histórico que contrariem uma dependência funcional em relação ao turismo, favorecendo a solidez do tecido económico local e a diversidade de usos.

"*Devido à sua singularidade urbana, Gaia comporta uma vasta oferta de espaços aptos à instalação de novas actividades empresariais, de equipamentos, de estabelecimentos hoteleiros ou outras actividades complementares de turismo e da valorização do património histórico do concelho*."[49]

Neste sentido, e considerando o grande número de armazéns que se encontra vago[50], é premente pensar em novos usos que sejam compatíveis com estas estruturas que poderiam alternar funções ligadas à divulgação do vinho e a outras funções. Além das caves, o centro histórico de Gaia poderia ter mais habitação, residências de estudantes, escritórios, equipamentos culturais e sociais, pequeno comércio e ainda mais praças, que poderão surgir da demolição de edifícios devolutos que já não tenham salvação. É necessário fazer um melhor aproveitamento destas estruturas, que devido à sua organização e amplitude se podem tornar bastante flexíveis.

Contudo, apesar da relevância deste tipo de intervenções no combate à desertificação e degradação do centro histórico, é importante promover intervenções que não descaracterizem o tecido urbano, e os elementos arquitectónicos e construtivos que consubstanciam a autenticidade.

Tendo em conta as circunstâncias em que o entreposto de Gaia se encontra, em Agosto de 2016, a Gaiurb, entidade responsável pela gestão e planeamento territorial do Município,

---

[49] In *Memória, Património, Reabilitação. Operação de reabilitação urbana da área de reabilitação Urbana do Centro histórico de Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: GAIURB, 2016 p.30 in https://issuu.com/gaiurb.info/docs/volume_1_oru_ch_2017 (Consultado a 27 de Janeiro de 2017)

[50] Em 2014 foi desenvolvido um levantamento do estado de conservação dos imóveis, num universo de 1274, foram referenciados 213 casos dos quais 76 são devolutos, 107 são degradados e 30 em ruínas in PEREIRA, Mariana Abrunhosa - A*s arquiteturas do vinho de um porto monofuncional* in Revista da Faculdade de Letras. Porto, III Série, vol. 9, 2008



Fig.35. Rua Guilherme Gomes Fernandes, no interior do centro histórico

publica o projecto *ORU da Área de Reabilitação Urbana do Centro histórico*[51] definindo assim uma série de estratégias convergentes para o processo de regeneração do centro, prevendo assim uma conciliação entre novos espaços criados para quem habita o lugar, para quem o negoceia e para quem o visita. Neste momento, o principal desafio consistia em "*(…) articular e valorizar as diversas tensões e dualidades (…)*"[52] entre a frente de rio e o núcleo do entreposto, "*considerando a boa gestão da relação entre continuidade e modernidade, para assegurar que a cidade não fica imutável, nem se transforma de tal maneira que deixa de ser o que é, perdendo o carácter junto com a memória do que foi*."[53]

Além da requalificação da margem gaiense, a intervenção no interior para aliviar a marginal começa a salientar-se. No ano de 2012 as ruas Guilherme Gomes Fernandes, D. Afonso III, França e a travessa Ribeirinho foram requalificadas melhorando desta forma os acessos ao edificado que as envolve. Esta iniciativa, continuada pela ORU, pretende alargar-se aos principais eixos do centro histórico, além da avenida marginal, como a Calçada da Serra, Rua Cândido dos Reis e a Rua de Serpa Pinto. Desta forma, a requalificação dos principais acessos ao interior, poderá ser um incentivo para atrair investimento privado aos edifícios aí existentes.

Por fim, é importante ainda referir que Vila Nova de Gaia pretende candidatar-se pelas Caves de Vinho do Porto a Património Mundial da Humanidade pela UNESCO. Candidatura esta que, já esta a ser preparada desde 2002[54] com bastantes dificuldades, uma vez que, as "*caves de Vinho do Porto de Gaia têm interesse patrimonial de conjunto e, como tal, a intervenção que descaracteriza cada uma das peças terá (tem) um grande impacto no todo a que pertence*."[55]

---

[51] "*Consiste numa intervenção integrada de reabilitação de uma área, dirigida à reabilitação do edificado e à qualificação das infra-estruturas, dos equipamentos e dos espaços verdes e urbanos de utilização coletiva, visando a requalificação e revitalização do tecido urbano, associada a um programa de investimento público*." In GAIURB in http://www.gaiurb.pt/noticias/2016/oru/oru2.html (consultado a 28 de Janeiro de 2017)

[52] FERNANDES, José Alberto in *Memória, Património, Reabilitação. Operação de reabilitação urbana da área de reabilitação Urbana do Centro histórico de Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: GAIURB, 2016 p.2 in https://issuu.com/gaiurb.info/docs/volume_1_oru_ch_2017 (Consultado a 27 de Janeiro de 2017)

[53] Idem, ibidem

[54] *Caves de Vinho do Porto candidatam-se a património da humanidade* in Jornal de Noticias, in http://www.jn.pt/local/noticias/porto/vila-nova-de-gaia/interior/caves-de-vinho-do-porto candidatamse-a-patrimonio-da-humanidade-4893287.html (Consultado a 27 de Março de 2017)

[55] DOMINGUES, Àlvaro e PEREIRA, Mariana Abrunhosa - *World of Wine: a vista do Porto para Gaia com mais um chiringuito*. In Público in https://www.publico.pt/2017/06/16/local/opiniao/world-of-wine-a-vista-do-porto-para-gaia-com-mais-um-chiringuito-1775636. (Consultado a 17 de Julho de 2017)



Fig.36. Sede Ramos Pinto e edifícios anexos

2.2. O edifício

2.2.1. Contextualização histórica do armazém alfandegário

A informação existente relativa ao objecto de estudo, um edifício industrial localizado no cruzamento da antiga rua dos Marinheiros (actual rua Guilherme Gomes Fernandes) com a rua D.Afonso III, para a qual se abre o fachada principal, é bastante escassa, tendo em conta que são muito poucos os documentos que nos dão informação pertinente sobre a sua história,

Sabe-se apenas que este edifício foi adquirido no início do séc. XX e reconstruído pelos irmãos António e Adriano Ramos Pinto em 1922, fundadores da empresa com o mesmo nome, dedicada ao comércio de Vinho do Porto, para nele se armazenarem os vinhos já inventariados pela Alfândega do Porto, prontos a serem exportados para outros países. Apesar de não ter sido possível reconhecer a origem da sua construção, nem mesmo os anteriores proprietários, é bem provável que o edifício tenha tido anteriormente a mesma função, a de armazenamento, dada a sua estrutura, amplitude e o contexto onde se insere.

Mesmo sem haver documentação gráfica que o comprove, foi possível apurar que no início do século XIX, das traseiras do edifício mais baixo, da Casa Ramos Pinto, virado para a actual rua Guilherme Gomes Fernandes, partia um passadiço com dois pisos sobre a rua em direcção a este armazém, tendo sido posteriormente demolido. É possível ainda identificar, no interior da parede sul do edifício, uma arcada/túnel pré-existente, que possivelmente seria uma ligação a um outro edifício que ali se encontrava (fig.38).

Dada a relação existente com o edifício sede da empresa Ramos Pinto, é provável que este tenha sido edificado pelos anteriores proprietários da actual empresa[56] que, além do vinho, exportavam outros produtos durienses e importavam bens alimentares como cereais de países do Norte da Europa, o que provavelmente incitou os comerciantes aqui estabelecidos a construírem um edifício anexo para o armazenamento dos produtos comercializados.

Actualmente, como se sucedeu com a maioria dos armazéns de vinho em Gaia, o edifício encontra-se desocupado e em estado de degradação.

---

[56] Foram estes o holandês João Estevenson Velho, que ordenou a construção daquele conjunto edificado em 1708, ou o Pedro Wanzeller, também holandês, que comprou o edifício em 1788 a João Estevenson, antes de ser adquirido pelos irmãos Ramos Pinto em 1909. in ALMEIDA, Graça, GUIMARÃES, Gonçalves – *Adriano Ramos Pinto: vinhos e arte*. Vila Nova de Gaia: Ramos Pinto, 2013, pág. 81



*Fig.*37. Instalação *Half Rabbit* no alçado do armazém. Autoria de Bordallo II



Fig.38. Arcada pré-existente no interior do edifício

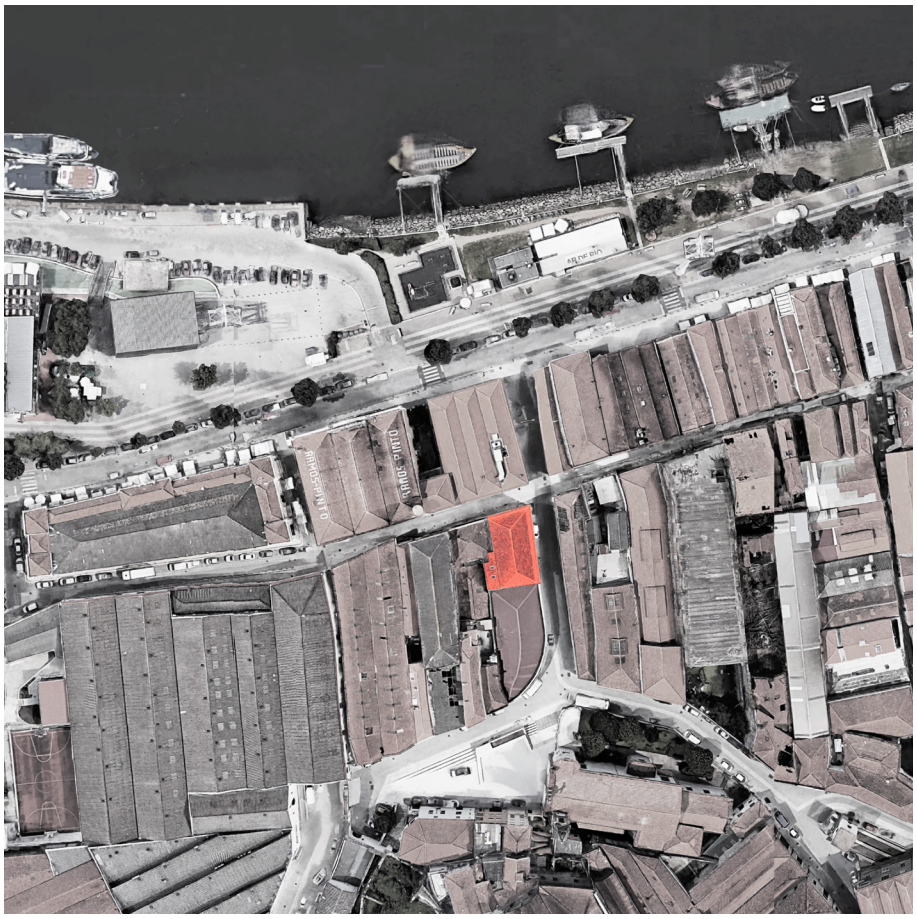


Fig.39. Implantação do caso de estudo no centro histórico

Importa ainda referir a instalação de arte urbana implantada na esquina do edifício no ano de 2017, intitulada de "Half Rabbit" da autoria do artista português Bordallo II (fig.37). Este artista é conhecido por reinterpretar animais, neste caso um coelho, através do uso de materiais abandonados, considerado lixo, em torno da cidade. Não sendo possível assegurar a validade desta instalação, creio que a sua permanência deverá ser posta em causa caso haja alguma intervenção no edifício, tendo em conta que esta instalação se sobrepõe às aberturas existentes no edifício e deste modo, interferindo no normal funcionamento das mesmas.



Fig.40. Fachada da rua Afonso III



Fig.41. Caves Ramos Pinto vista do Porto

2.2.2. Caracterização do edifício

Apesar de ser um edifício de carácter industrial, este distingue-se profundamente dos demais armazéns dispersos pelo Cais de Gaia, não só pela sua escala, bem mais reduzida, como pelo cuidado no desenho dos vãos que iluminam e ventilam o interior do edifício, também pouco comuns nesta tipologia.

Dada relação do edifício anexo com o conjunto edificado em frente ao cais, a sede da Ramos Pinto, é relevante apontarmos algumas características relativas a este que esclareceram algumas particularidades do pequeno armazém.

"*...construído na praia de Vila Nova, junto ao rio, concebido para dialogar com as suas cheias sem que as águas pudessem danificar as suas estruturas ou mercadorias armazenadas*..."[57]

Adquirido e remodelado alguns anos antes à data da compra do pequeno armazém, o edifício principal destaca-se das restantes sedes das diversas empresas de Vinho do Porto que se estabeleceram no centro histórico. Além da localização privilegiada, a primeira linha de edificado, os irmãos Ramos Pinto pretendiam através das obras de remodelação transformá-lo num Palácio da Arte do Vinho, redesenhando-o com o carácter imponente que ainda hoje lhe reconhecemos. A fachada principal, monumentalizada pelos elementos clássicos e cuidados compositivos "*apresenta-se emoldurada pelas esquinas salientes e por duas pilastras centrais que ascendem ao frontão triangular na parte central do alto da fachada, ladeado por cornijas em cujas extremidades se erguem quatro pináculos bolbosos*."[58]

Este edifício tem um estatuto especial quer por fazer parte da frente ribeirinha, quer pela sua monumentalidade, quando visto do outro lado do rio. As caves da Ramos Pinto são também as primeiras do entreposto com uma lógica de ocupação vertical, com dois pisos[59]. Esta opção, também presente no armazém anexo, poderá estar relacionada com as cheias do Douro, uma forma de melhor salvaguardar o armazenamento.

Contudo, é de salientar ainda o cuidado na execução das unidades anexas, extensões do edifício principal, por serem volumes regulares integrados na malha urbana, que fazem a transição entre

---

[57] ALMEIDA, Graça, GUIMARÃES, Gonçalves – *Adriano Ramos Pinto: vinhos e arte.* Vila Nova de Gaia: Ramos Pinto, 2013, pág. 83

[58] Idem, Ibidem

[59] PEREIRA, Maria Abrunhosa – *Tipologias de caves do entreposto de Gaia*. Prova de Dissertação. Professor responsável: Manuel Fernandes de Sá. Porto: FAUP, 2005, p. 64-67 (anexos)



Fig.42. Alçado da rua Afonso III



Fig.43. Alçado da rua Guilherme Gomes Fernandes



Fig.44. Porta de acesso ao edifício



Fig.45. Rampa interior de acesso ao piso 0



Fig.46. Escadas de acesso ao piso 1

a escala monumental do volume principal, com a escala do edificado existente.

Apesar de não ter o mesmo carácter imponente que o edifício principal, que além de espaços de armazenamento também albergava a sede da empresa, nota-se aqui alguma preocupação na reconstrução do edifício anexo, para que este tenha a mesma leitura que o edifício sede, cujas semelhanças vão além do amarelo[60] usado nas fachadas de ambos os edifícios.

O edifício, objecto de estudo e proposta de intervenção, trata-se de edifício de dois pisos, com elevado pé-direito, que atinge uma altura de 10 metros, ao nível do beiral, e aproximadamente 14 metros ao nível da cumeeira. O piso térreo implanta-se um metro acima da cota de entrada pela rua. A ligação entre estas duas cotas é feita por uma larga rampa, para facilitar o transporte das mercadorias que por ali passavam. O acesso ao piso superior é feito por uma escada na lateral, alinhada com a entrada principal do edifício, suportada pela parede sul do armazém. Aqui, a ausência de paredes interiores em ambos os pisos resultou numa ampla área, como acontece na maioria as caves.

Este edifício, composto por duas frentes e duas empenas, ocupa a área total do lote onde se insere. A composição da fachada principal, virada para a rua D.Afonso III, apresenta algum cuidado pela simetria presente na disposição das aberturas, que aparecem alinhadas em ambas as fachadas. Aberturas estas bem desenhadas e com dimensões semelhantes às do edifício sede, com caixilhos e portadas, que se diferenciam das pequenas janelas das restantes caves. O primeiro piso, por se encontrar ligeiramente mais alto que os envolventes, possui aberturas nas empenas, sem esquecermos as clarabóias.

Por sua vez, fez também parte da intervenção de 1922[61], além do redesenho da fachada, uma nova laje, concebida em betão armado, assim com os pilares que a sustentam e a as escadas laterais. Esta intervenção, deu-se provavelmente com o intuito de reforçar a laje do piso superior, para que pudesse aguentar com cargas superiores, na qual se salienta a presença de um monta-cargas (também existente no edifício sede), ou apenas porque a estrutura do primeiro que ali existiria se encontrava degradada. Apesar da relevância que teve o monta-cargas, que permitiu que o armazém funcionasse verticalmente, a sua permanência vai ser posta em causa, na

---

[60] Além destes edifícios, as restantes propriedades da empresa, em Vila Nova de Gaia também tem as suas fachadas pintadas de amarelo. Esta era possivelmente uma forma usada pelos irmãos Ramos Pinto, também adoptada pelas gerações seguintes, de evidenciarem os bens da família.

[61] Ano em que foi aprovado pela Câmara de *Gaya* o projecto correspondente às alterações acima referidas. "*Adriano Ramos Pinto e Irmão Lda desta vila, requer licença para reconstruir um armazém, com andar na Rua D. Afonso III a dobrar para a Rua Guilherme Gomes Fernandes e conforme o projecto junto, pelo que (...).* Licença nº233 de 1922 - Arquivo Municipal de Vila Nova de Gaia. Disponível em Anexos



Fig.47. Piso 0



Fig.48. Piso 1



Fig.49. Compartimento do piso 1



Fig.50. Compartimento do piso 1



Fig 51. Molduras do piso 1



Fig 52. Monta cargas, piso 1

medida em que poderá condicionar o funcionamento do primeiro piso e a sua presença teria uma importância meramente "decorativa", sem qualquer utilidade.

Apesar do seu carácter industrial, o piso superior possivelmente foi pensado para que nele pudessem ser organizados alguns eventos, ou até mesmo provas de vinhos, tendo em conta que nas legenda dos desenhos entregues na Câmara de *Gaya* em 1922 este espaço estava denominado de Salão. Contudo, é possível ainda identificar outras características que sustentam esta designação atribuída ao primeiro piso, como a existência de uma varanda, assim como as molduras das janelas em continuidade com os rodapés, que acabam por trazer ao espaço uma escala mais humana, habitacional, do que propriamente industrial. Características estas inexistentes no piso térreo.

2.2.3. Levantamento métrico do existente

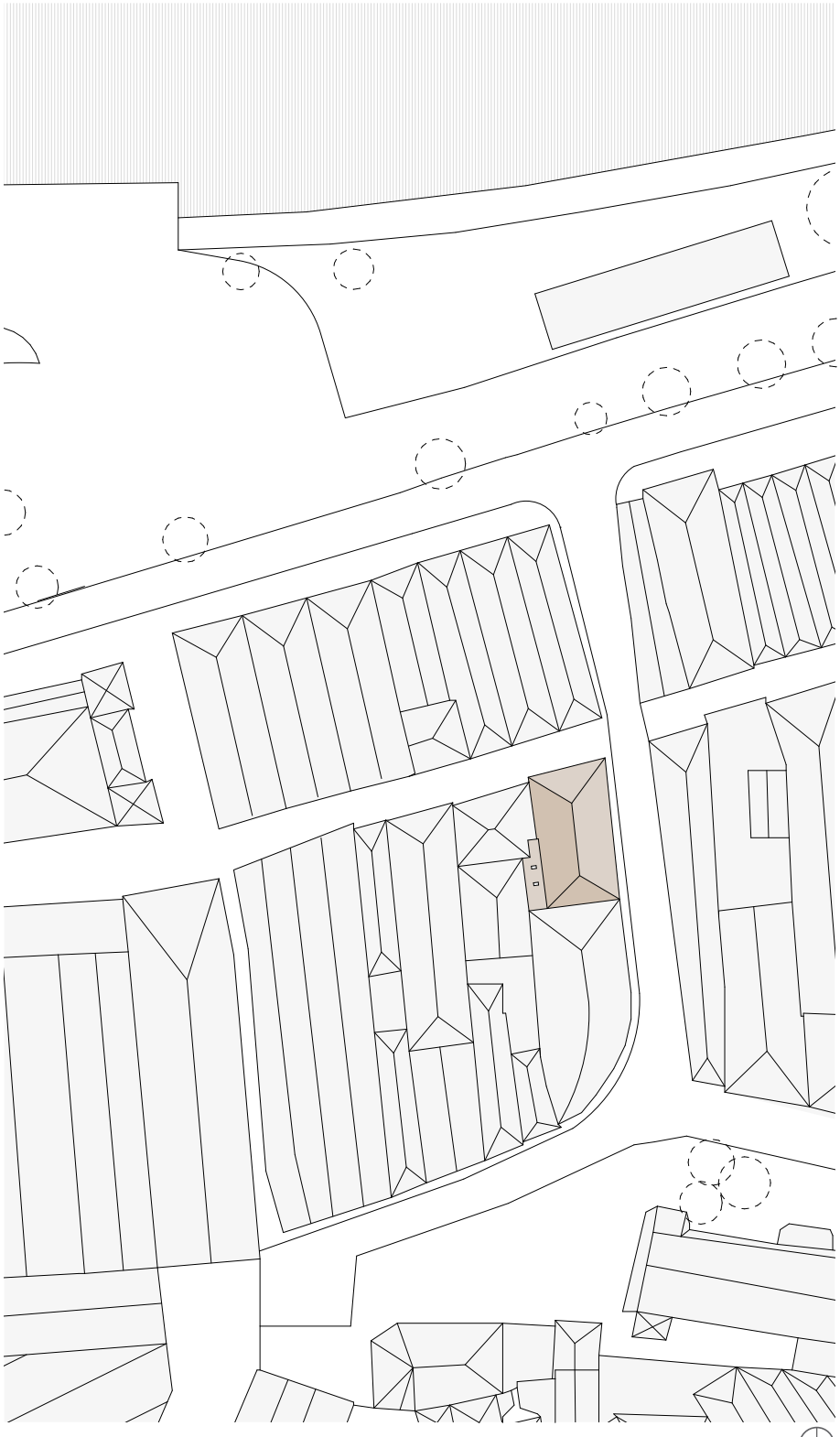


Fig.53. Planta de implantação | escala 1:1000

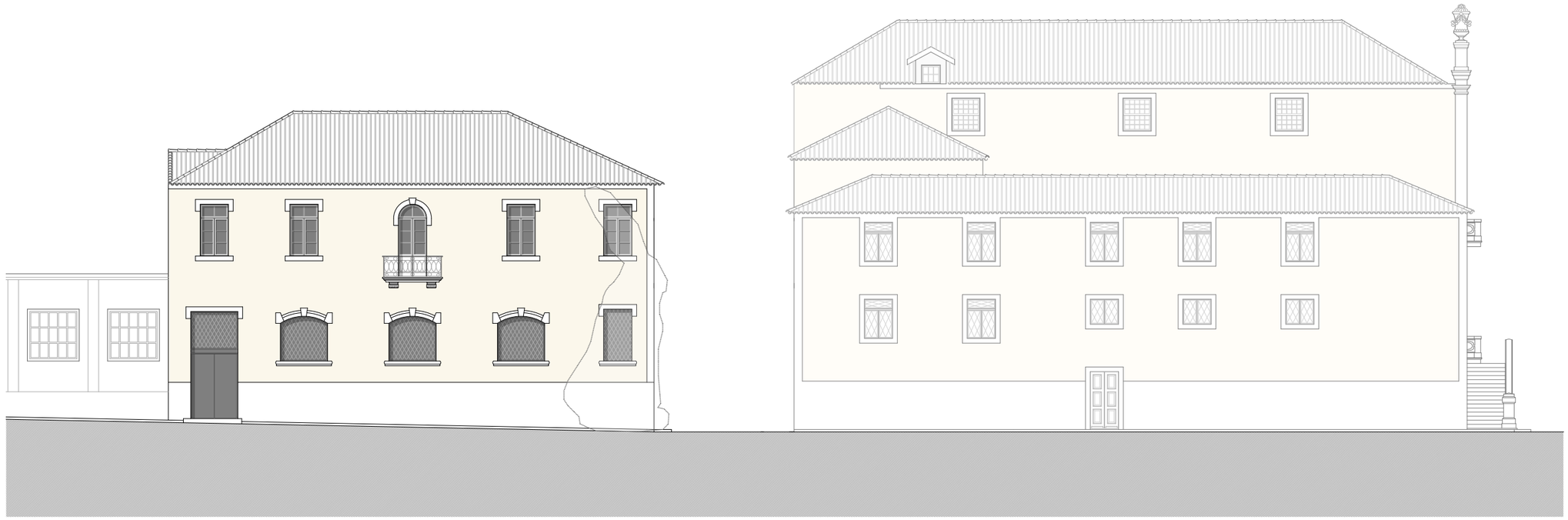


Fig.54. Alçado Rua Afonso III -Alçado Nascente | escala 1:200

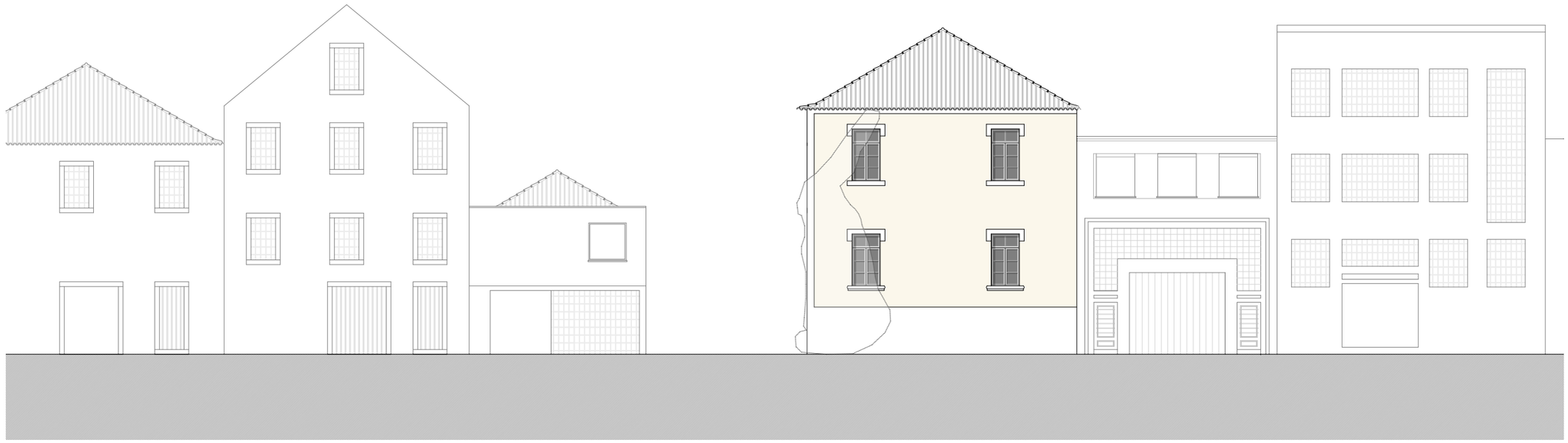


Fig.55. Alçado Rua Guilherme Gomes Fernandes - Alçado Norte | escala 1:200

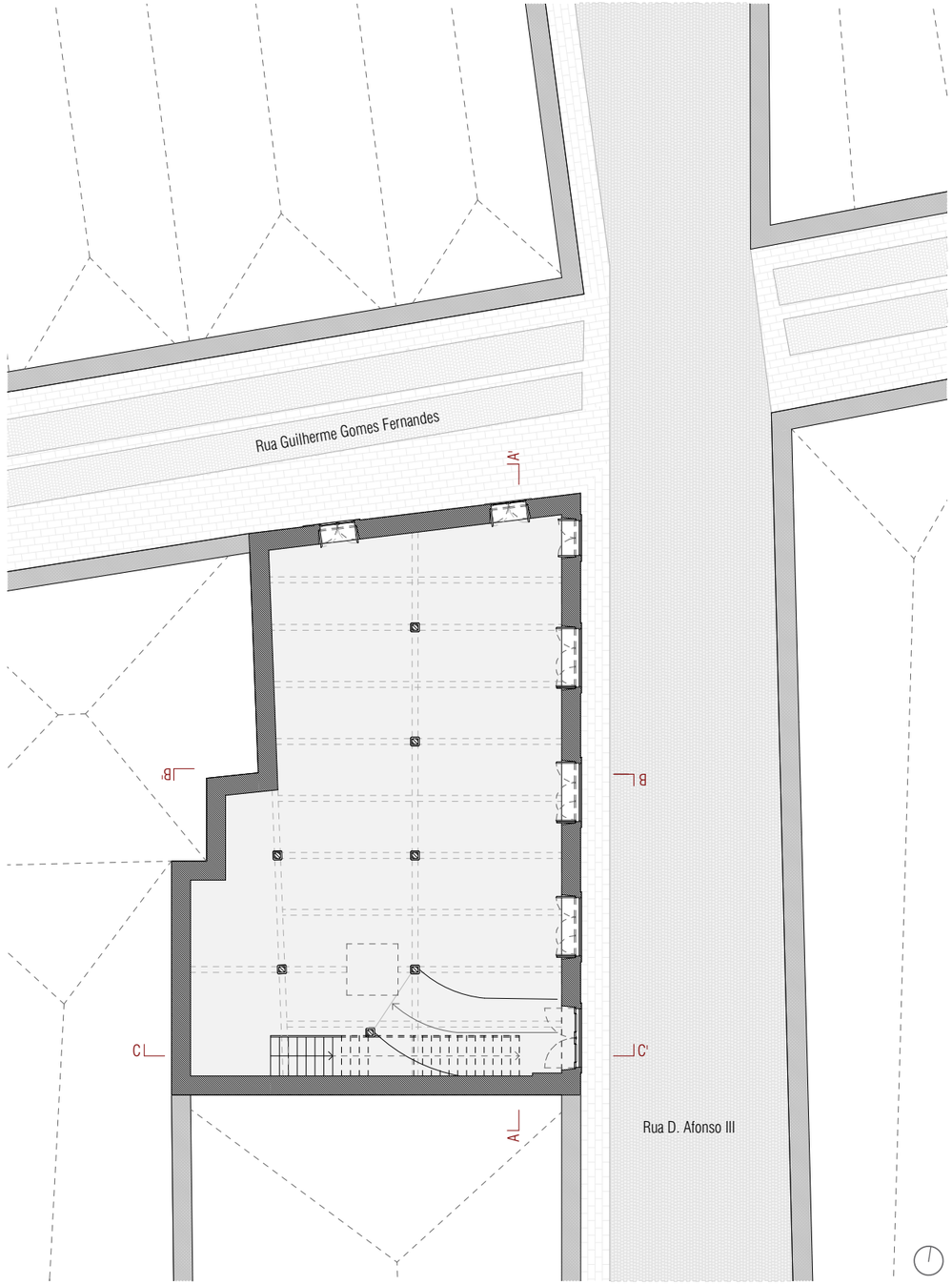


Fig.56. Planta piso térreo | escala 1:200

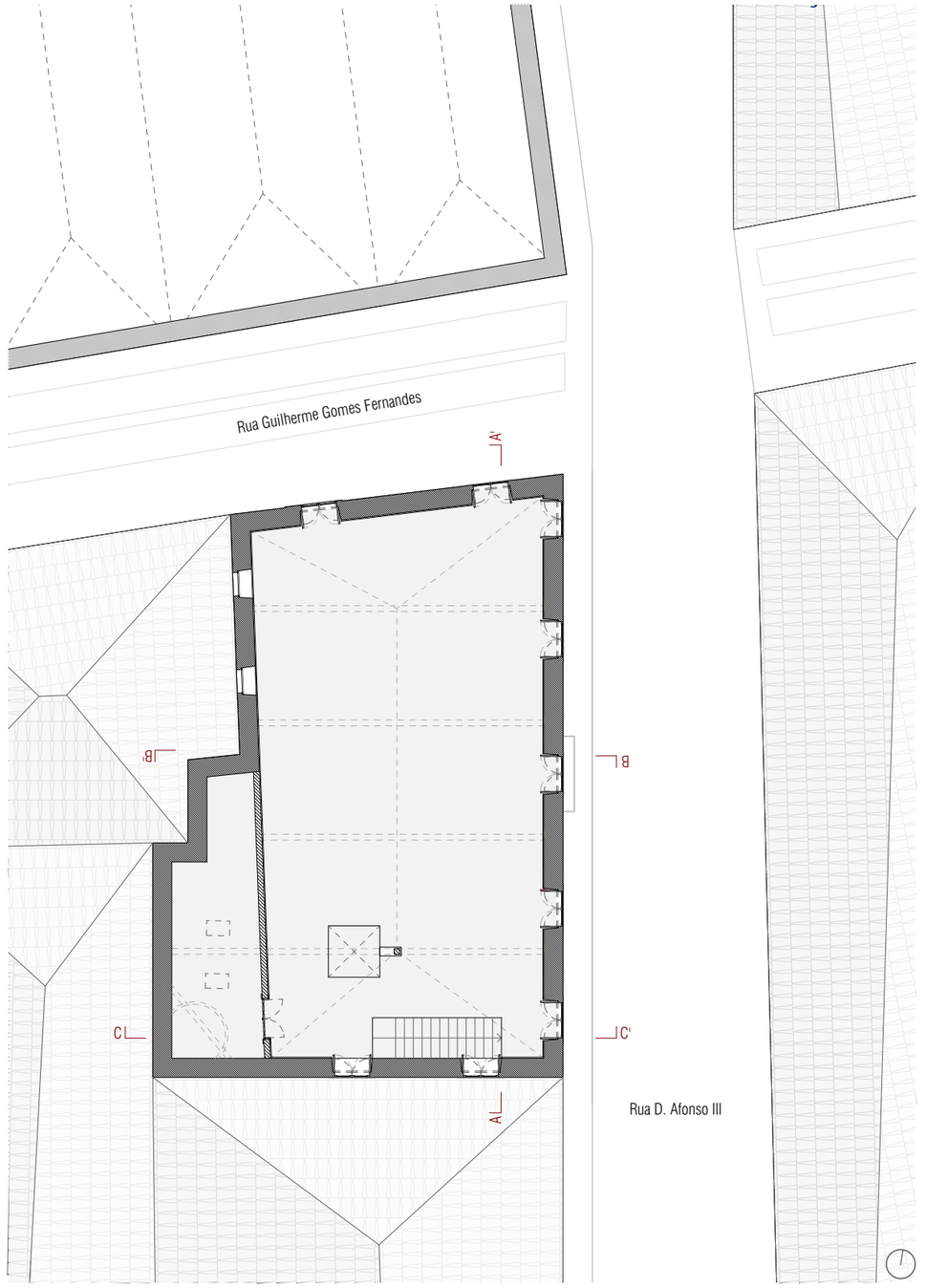


Fig.57. Planta piso 1 | escala 1:200

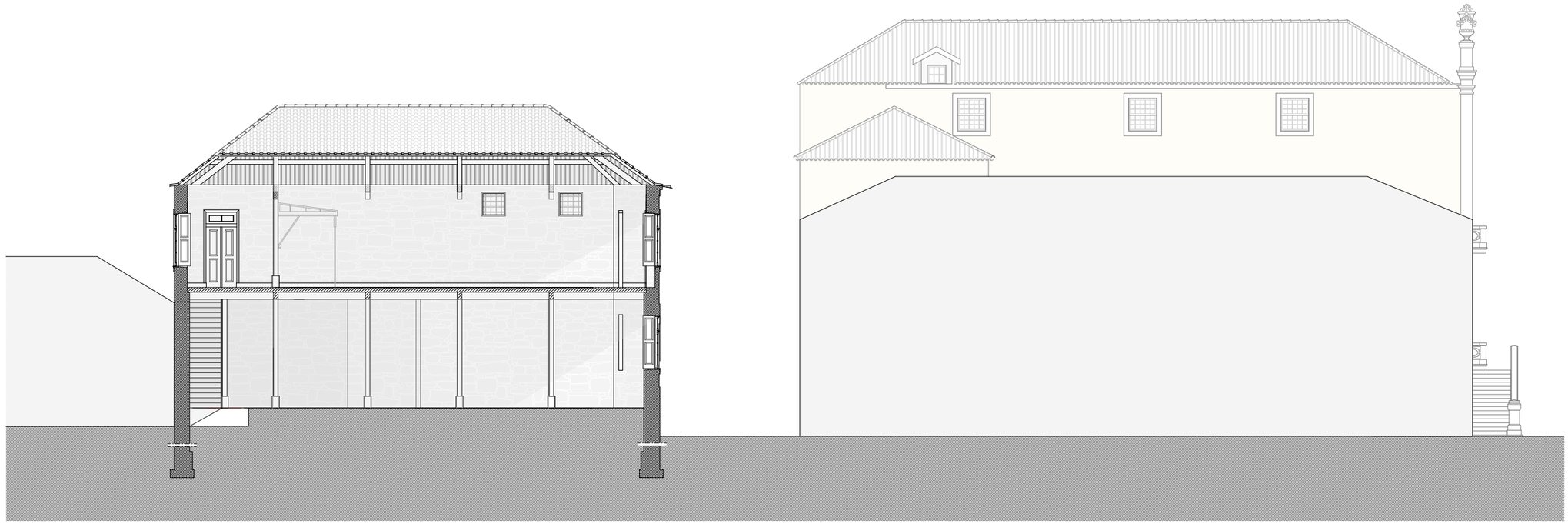


Fig.58. corte longitudinal AA' | escala 1:200

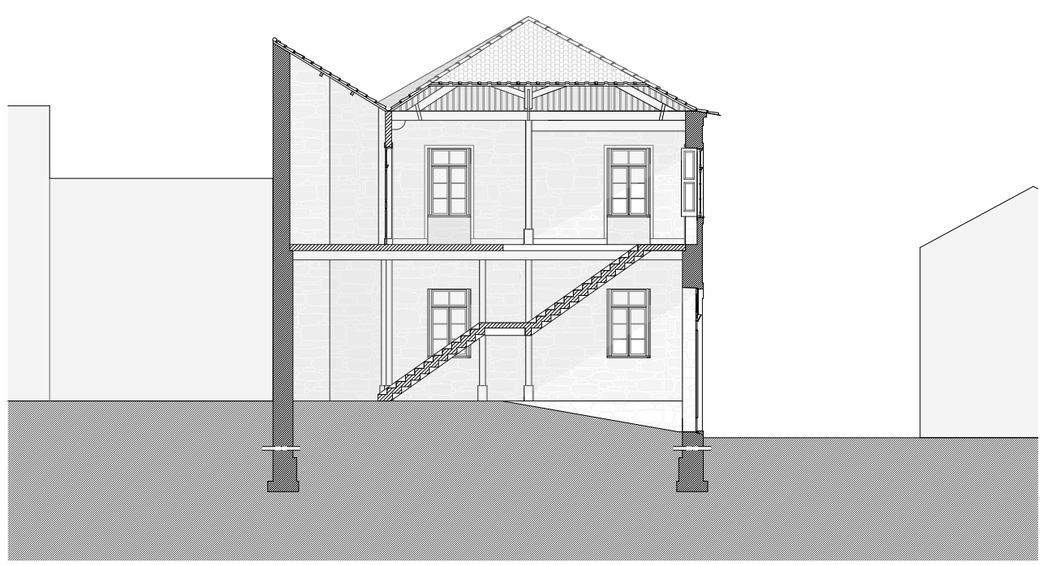


Fig.59. corte transversal CC' | escala 1:200

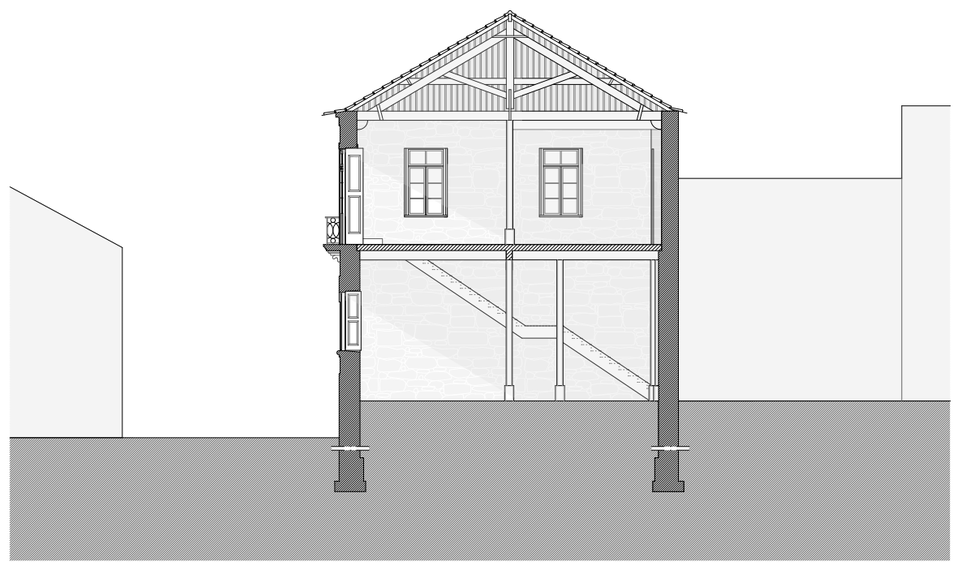


Fig.60. corte transversal BB' | escala 1:200



Fig.61. Ortofoto da fachada Este, Rua Afonso III



Fig.62. Ortofoto da fachada Norte, Rua Guilherme Gomes Fernandes

2.2.4. Sistema construtivo

A seguinte análise parte do levantamento apresentado no subcapítulo anterior, efectuado sobre os desenhos que nos foram disponibilizados, respectivos ao edifício, elaborados pelo arquitecto Arnaldo Pimentel Barbosa (reconhecido como arquitecto oficial da empresa), em 2003.

Tendo em conta que os desenhos fornecidos se encontravam desactualizados, procedemos à retificação dos mesmos através das visitas ao edifício. Nestas visitas, foram aferidas medidas do anterior levantamento, na medida do possível, tendo em conta o estado em que se encontra o armazém. Quanto aos elementos de maior detalhe, como os adornos nos vãos e caixilhos, na impossibilidade de os medir todos, foi efectuado um registo fotográfico para que ficassem salvaguardados.

Aos elementos já existentes foram acrescentados perfis e um levantamento fotográfico, que permitiram a análise do conjunto, passando posteriormente a uma tentativa de interpretação do que terá sido o edifício. Esta análise tem como objectivo complementar o pensamento de projecto, para podermos aferir, com assertividade, onde intervir de forma mais incisiva e onde apenas conservar e completar os elementos em falta.

A primeira visita ao Antigo Armazém de Vinho do Porto, permitiu observar um edifício em mau estado de conservação e de certa forma desvirtuado. Ao invés de um espaço destinado ao armazenamento de vinho, encontramos neste armazém um amontuado de arquivos e mobiliário em avançado estado de degradação, que perderam a sua utilidade para a empresa.

Tendo em conta a proximidade, recorremos a bibliografia relacionada com a habitação portuense, a *Casa burguesa*, visto que o edifício se assemelha bastante com este tipo de construção. Nesta análise, teremos em conta os elementos originais do edifício, bem como todos aqueles que, tendo sido acrescentados, consideramos enriquecedores para a evolução do mesmo.

A estrutura deste edifício é constituída por: paredes de meação, paredes das fachadas, estrutura de betão do primeiro piso e estrutura da cobertura.

Quanto às fundações, por se tratarem de um elemento localizado abaixo do solo é impossível, inventariarmos esta estrutura com base na observação. Ainda assim, podemos especular a sua concepção, uma vez que "*Uma das características comuns às casas tradicionais do Norte de Portugal, independentemente da data da sua construção, é o tipo de fundações, que se*

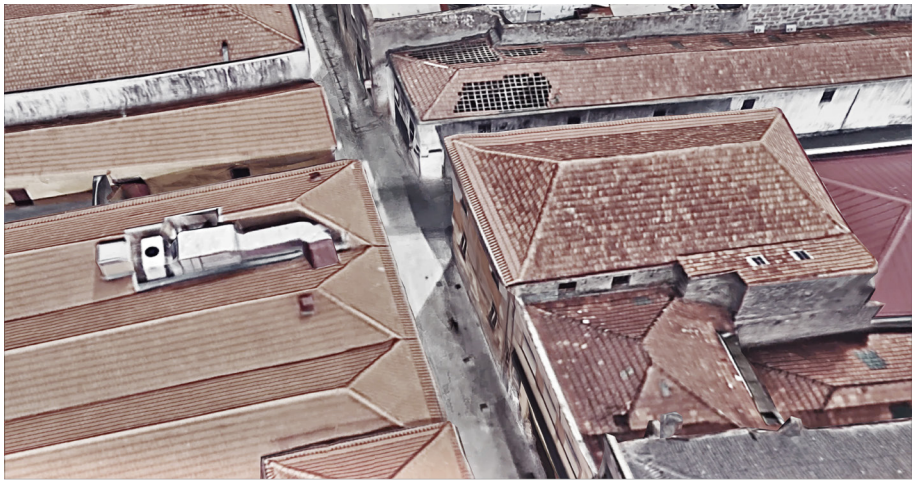


Fig.63. Vista aérea do alçado/empena oeste



Fig.64. Alçado/empena sul



Fig.65. Abertura na empena oeste - interior

apresentam executadas em alvenaria de pedra, preferencialmente constituída por travadouros ou perpianho dispostas de forma a constituírem o alargamento exigido às sapatas, que alcançam as profundidades necessárias até encontrarem terreno firme. (…) É sobre o nivelamento definido para as fundações – ensoleiramento geral ou elegimento, decorrente da pendente do terreno, que assentam as paredes exteriores."[62]

As paredes de meação são construídas em alvenaria de granito, assente com argamassa de cal, areia e saibro e têm uma espessura de cerca de 65 cm no piso térreo e 55 cm no piso superior. Estas são as paredes laterais do edifício, que o divide dos edifícios vizinhos e que servem de suporte à estrutura de betão e da cobertura. Estas paredes "*partem do ensoleiramento, que é o nivelamento geral dado ao respaldo das fundações onde estão assentes, até à cobertura*."[63] Pelo interior, as paredes são normalmente "*emboçadas e regularizadas com argamassa de cal, areia e saibro, com acabamento a estuque, efectuado através de um barramento de pasta de cal, posteriormente caiado ou pintado*".[64]

Pelo exterior, e uma vez que o nosso edifício é mais alto do que os adjacentes, as partes descobertas das empenas das duas paredes de meação apresentam soluções semelhantes aos alçados. Apesar de, normalmente, as paredes de meação serem completamente encerradas, verificamos, no nosso caso, a existência de diversas aberturas no piso superior. Na parede a sul existem duas janelas de peito, em cantaria de granito e na parede a poente, duas pequenas janelas, no cimo da parede, de carácter industrial.

Tendo em conta que o edifício se encontra numa esquina, este apresenta duas fachadas, ambas construídas em alvenaria e cantaria de pedra de granito. A fachada norte, virada para a rua Guilherme Gomes Fernandes e outra orientada a este, para a rua Afonso III. A entrada é feita pela rua Afonso III, com um conjunto de janelas diversificado, diferente da fachada Norte.

Tal como as paredes de meação, as paredes da fachada da rua, são constituídas por alvenaria de pedra de granito e são assentes com argamassa de cal, areia e saibro. Da mesma forma, partem do ensoleiramento até à cobertura, constituindo, deste modo, uma estrutura contínua.

Estas paredes são "p*redominantemente constituídas por peças aparelhadas que definem os vãos*

---

[62] FREITAS, Vasco (coord) - *Manual de Apoio ao Projecto de Reabilitação de Edifícios Antigos*. Porto: OERN, 2012, p. 36

[63] TEIXEIRA, Joaquim José Lopes - *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX.* Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Porto: FAUP, 2004, p. 84

[64] FREITAS, Vasco, Op. Cit., p. 37



Fig.66. pilar/viga, piso 0



Fig.67. base do pilar, piso 0



Fig.68. asnas de madeira



Fig.69. Pormenor do beirado do telhado

de portas e janelas, sob a forma de lancis de soleiras, de parapeitos, de ombreiras e de lintéis ou vergas e ainda sob a forma de diversos elementos decorativos, tais como pilastras, frisos, cimalhas e socos (...). As paredes de pedra das fachadas apresentaram sempre espessuras consideráveis, pelo facto de serem autoportantes e de grande parte da sua superfície conter aberturas"[65]. As paredes das fachadas tem ambas a mesma espessura que as paredes de meação.

A parede da fachada da rua tem ainda uma pequena varanda no piso superior, a eixo da fachada, com um balanço de 40 cm, finalizadas com uma grade de ferro forjado.

Quanto ao revestimento e acabamento exterior, este é realizado em "*reboco de enchimento e regularização, executado com uma argamassa de saibro, areia e cal, simplesmente caiado ou pintado*"[66]. Pelo interior, todas as paredes são revestidas e acabadas da mesma forma que as paredes de meação.

Relativamente as paredes interiores, a única existente encontra-se no piso superior e foi executada já quando o edifício pertencia à Ramos Pinto e é realizada em alvenaria de tijolo.

A estrutura de betão armado, que corresponde à estrutura de suporte dos pisos, e que está apoiada nas paredes de meação, acreditamos que tenha vindo substituir a estrutura de sobrado, tradicionalmente constituída por um vigamento de troncos de madeira, os paus rolados, comum na habitação portuense. Juntamente com esta estrutura de betão terá sido executado o acesso vertical, umas escadas de dois lanços, também em betão.

A estrutura da cobertura tem como função o suporte do telhado, e é constituída por asnas de madeira que se apoiam, também elas nas paredes de meação e fachadas. Esta é constituída por um telhado de quatro águas, de telha marselha, e dada a forma irregular da implantação, tem ainda um pequeno telhado com apenas uma pendente.

As duas vertentes principais são suportadas por um conjunto de asnas assentes nas paredes de meação, enquanto as tacaniças se apoiam nas paredes das fachadas. A estrutura das asnas é "*constituída por uma armação simples de duas vigas ou pernas, dispostas em forma de tesoura, unidas superiormente a meia madeira, apoiadas numa viga transversal ou linha, que por sua vez se apoiava nas paredes de meação. (...) Para travamento longitudinal, localizam-se superiormente, ao nível da cumeeira e a meio do vão das duas pernas, o pau de fileira e as*

---

[65] TEIXEIRA, Joaquim José Lopes - *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX*. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Porto: FAUP, 2004, p.105

[66] Idem, p.106



Fig.70. Janela tipo do piso 0 - exterior



Fig.71. Janela tipo do piso 0 - interior



Fig.72. Janela tipo do piso 1 - exterior



Fig.73. Janela tipo do piso 1 - interior



Fig.74. Varanda do piso 1 - exterior



Fig.75. Varanda do piso 1 - interior

madres, respectivamente. A fazer a transição das vertentes principais para a tacaniça, temos uma viga – rincão – que se apoia na fileira e no contrafrechal, entre as paredes de meação e as paredes das fachadas. (…). Sobre esta armação era pregado o varedo ou caibros, também constituído por troncos de madeira de menor dimensão, aparados em duas faces, sobre os quais era pregado transversalmente um tabuado de guarda-pó, ao qual era finalmente pregado um ripado, para apoio das telhas."[67]

O beirado é formado por uma fiada de telha de canal, sendo a primeira constituída por telhas de maior dimensão – telhões. "*A dimensão destas telhas permitia projectar suficientemente o beirado, para que a água das chuvas caísse tanto quanto possível no meio da rua, isto numa época em que eram ainda pouco utilizadas as caleiras*"[68]. Provavelmente devido à imposição legal de recolha de águas pluviais e sua condução para a rede pública, foi introduzida uma caleira em chapa zincada e respectivo tubo de queda, pelo exterior da parede da fachada

"*Os vãos e as caixilharias são elementos fundamentais na história da arquitectura e da construção, elemento de mediação interior/exterior e de fruição das necessidades elementares do habitar: protecção das agressões exteriores e regulação da luz natural, ruído e variações de temperatura.*"[69] Relativamente aos caixilhos exteriores, encontramos no nosso edifício dois tipos de janelas. Uma janela de sacada de batente no piso superior e as restantes são janelas de peito de batente.

Em ambas as janelas, "*os caixilhos de abrir são constituídos por uma esquadria de couceiras e travessas, divididas por pinázios e travessas intermédias, preenchidas com vidros e almofadas. Nas travessas inferiores são fixadas pingadeiras ou borrachas, para evitar a entrada de água, e a uma das couceiras de batente é pregado um perfil de batente, a servir de mata juntas*."[70] Pelo interior encontram-se as portadas, divididas em duas folhas com duas almofadas cada. A dividir os caixilhos de abrir do caixilho da bandeira existe ainda a travessa da bandeira à semelhança do que acontece nas portas.

Por fim, ainda relativo as janelas, importa referir três aberturas no primeiro piso, que não se

---

[67] TEIXEIRA, Joaquim José Lopes - D*escrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX*. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Porto: FAUP, 2004, p.96

[68] TEIXEIRA, op. cit., p.167

[69] LOPES, Nuno Valentim - R*eabilitação de Caixilharias de Madeira em Edifícios do Século XIX e Início do Século XX. Do restauro à selecção exigencial de uma nova caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuense*. Dissertação de Mestrado em Reabilitação do Património Edificado. Porto: FEUP, 2006. p.1

[70] TEIXEIRA, op. cit., p.151



Fig.76. Porta de entrada - exterior



Fig.77. Porta de entrada interior



Fig.78. Porta interior



Fig.79. folha existente da porta interior

diferenciam das restantes apenas pelo desenho, estas que têm apenas uma grade de metal e uma portada de 3 folhas a fazer a mediação entre o interior e exterior, nas quais não é possível reconhecer a existência de um caixilho.

Quanto às portas existem apenas duas, uma interior e outra exterior. A porta de acesso da rua para o armazém trata-se de uma porta de duas folhas de abrir totalmente fechadas, constituídas por travessas e couceiras com uma bandeira que funciona também como janela de batente. Posteriormente, esta porta terá sido reforçada com uma chapa de metal.

A porta interior, que encontramos no piso superior, é de duas folhas, encimada com uma bandeira com caixilho de vidro, de modo a permitir "*iluminar os espaços interiores com a luz proveniente dos vãos das fachadas ou da claraboia*."[71] Estas portas são geralmente constituídas por "*uma esquadria de tábuas, com cerca de 3cm de espessura, dispostas em forma de couceiras e travessas. Esta esquadria é subdividida por uma quadrícula de travessas intermédias ou couceiras intermédias, preenchida por almofadas (...)*."[72]

[71] TEIXEIRA, Joaquim José Lopes - *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX*. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Porto: FAUP, 2004, p.160

[72] Idem, p.158



Fig.80. Reforço estrutural nas asnas de madeira

2.2.5. Estado de conservação

"*(…) num processo de reabilitação de edifícios existentes é imprescindível avaliar o seu estado actual para que seja possível propor soluções que permitam atingir o desempenho desejado.*"[73]

Como já foi mencionado anteriormente, o conhecimento aprofundado da pré-existência é um requisito fundamental quando estamos perante a elaboração de uma proposta de intervenção. Para além da consciencialização do sistema construtivo utilizado, é também essencial uma análise ao estado de conservação do edifício bem como uma identificação das causas dos fenómenos de degradação. No nosso caso de estudo, e uma vez que não dispomos dos instrumentos necessários para a realização de um diagnóstico aprofundado, propomos uma análise ligeira das anomalias existentes neste edifício, bem como das anomalias que se encontram com mais frequência neste tipo de edifícios, e que provavelmente ficarão expostas em determinado momento da obra.

Contudo, o objectivo deste breve diagnóstico não se limita apenas a identificar as patologias existentes. A nossa intenção, para além de um carácter de recuperação e tratamento dos elementos degradados, é também alertar para prevenção e evitar o reaparecimento destes mesmos problemas no futuro.

As maiores incidências concentram-se na cobertura, paredes exteriores e caixilharias, uma vez que são os elementos que definem a envolvente do edifício e delimitam a barreira interior/exterior, e como tal, estão mais expostos às condicionantes ambientais.

O facto de estarmos perante um edifício desativado há vários anos, leva a que não tenha existido, durante esse tempo, grande preocupação ao nível da manutenção dos elementos construtivos. Percebe-se que houve algumas alterações, como o reforço de algumas asnas assim como a substituição pontual de algumas telhas, mas nada significativo. Isto significa que o simples partir ou desprender de uma telha conduz de imediato a uma deficiência na estanquidade, isolamento e ventilação da estrutura. Por sua vez, estas deficiências conduzem a problemas ao nível estrutural, como por exemplo, o apodrecimento dos elementos de madeira e a formação de fungos, que possibilitam o aparecimento de insectos prejudiciais para a madeira.

"*A humidade criada nos espaços e elementos principais dos edifícios, associada à deficiente*

[73] FREITAS, Vasco (coord) - *Manual de Apoio ao Projecto de Reabilitação de Edifícios Antigos*. Porto: OERN, 2012, p. 26



Fig.81. Fungos na estrutura de madeira



Fig.82. Deterioração da estrutura de madeira



Fig.83. Fungos na estrutura dos pisos



Fig.84. Fungos na estrutura dos pisos



Fig.85. Apodrecimento das molduras



Fig.86. Deterioração da argamassa interior



Fig.87. Apodrecimento das molduras



Fig.88. Deterioração da argamassa exterior

ventilação, provoca a criação de fungos e bolores e aumenta a humidade ambiente, o que constitui um factor negativo para a saúde, especialmente quando associado ao insuficiente isolamento térmico e às más condições de aquecimento nos períodos frios."[74]

Estas alterações relativas ao comportamento da estrutura do edifício podem ainda levar ao aparecimento e desenvolvimento de deformações e fissuras, que comprometam a sua estabilidade. Isto acontece porque o apodrecimento das peças de madeira, afecta as ligações entre elementos, bem como as zonas de apoio das asnas nas paredes de meação, de modo "*que as asnas deixem de ser estruturas 'autoportantes', aumentando em consequência, as forças horizontais transmitidas às paredes subjacentes*."[75]

Relativamente às paredes exteriores em alvenaria de pedra granito, "*os danos estruturais dizem respeito aos fenómenos que afectam o comportamento da estrutura resistente do edifício, podendo pôr em causa a sua segurança estrutural*"[76] e agrupam-se em dois tipos, deformação e rotura.[77]

Também nas paredes exteriores, uma das principais causas de anomalias é a existência de humidade que pode aparecer de diversas formas, desde infiltrações directas de água através de fissuras da própria parede ou do seu revestimento exterior e através da ascensão de água do solo por capilaridade. O principal motivo que origina estas anomalias é a falta de manutenção, que pode evitar a deterioração dos materiais, em especial as argamassas de revestimento, pois são estas que protegem a parede de alvenaria. Podemos notar no nosso caso de estudo que a argamassa exterior está bastante danificada.

No que diz respeito às caixilharias exteriores, as principais causas de aparecimento de anomalias advêm da exposição prolongada da madeira aos agentes atmosféricos, como a precipitação e a exposição solar. As constantes alterações de ar seco para ar húmido aliadas à luz do sol aceleram a decomposição da madeira, fragilizando a sua resistência. Se por um lado a humidade faz aumentar o volume da madeira devido à absorção da água, a luz solar e consequente secagem

---

[74] AGUIAR, José; CABRITA A. M. Reis; APPLETON, João - *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais*. Lisboa: LNEC, 2005, vol.1 pág.171

[75] Idem, p. 28

[76] Idem, p. 141

[77] "*Entende-se por deformação todo e qualquer desvio da estrutura da sua forma original, em particular desaprumos e desvios ou empolamentos dos paramentos da parede. (…) Deve também considerar-se todo e qualquer movimento ao nível das fundações já que se manifesta na deformação da estrutura.*" in AGUIAR, José; CABRITA A. M. Reis; APPLETON, João - *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais*. Lisboa: LNEC, 2005, vol.1 pág.141



Fig.89. Patologias na caixilharia do piso 0



Fig.90. Patologias na caixilharia do piso 0



Fig.91. Patologias na caixilharia do piso 1



Fig.92. Patologias na caixilharia do piso 1



Fig.93. Patologias na caixilharia da porta de entrada



Fig.94. Patologias na caixilharia da porta de entrada

da madeira fazem-na retrair causando o empeno das folhas da janela. "*As anomalias da madeira na caixilharia em estudo resultam fundamentalmente da degradação da pintura – o descasque e fissuração da pintura da caixilharia e dos aros do contorno permite que a madeira fique exposta e apodreça, sendo normalmente a anomalia mais acentuada no exterior ao nível das travessas inferiores e peitoril/soleira*."[78]

Tendo em conta as patologias existentes, seja qual for o tipo de intervenção/ reuso que seja aqui proposto, deverá estar implícita a recuperação da estrutura, assim como da caixilharia existente, questionando por isso a possibilidade de reaproveitamento dos mesmos, tendo em conta que a substituição total deverá ser o último recurso, por se tratar de um edificio com interesse patrimonial. Deste modo nos casos de degradação localizada, deverá ser equacionando a remoção parcial dos componentes degradados e a respectiva substituição, respeitando a mesma madeira e geometria.

Deve ser ainda questionado o modo como será assegurado o conforto térmico no edifício, caso o novo uso implique a habitabilidade do mesmo, até hoje destinado apenas a armazenamento.

[78] LOPES, Nuno Valentim - *Reabilitação de Caixilharias de Madeira em Edifícios do Século XIX e Início do Século XX. Do restauro à selecção exigencial de uma nova caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuense.* Dissertação de Mestrado em Reabilitação do Património Edificado. Porto: FEUP, 2006. p.66

3. A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

"Todos os trabalhos de conservação, de restauro e as escavações deverão ser sempre acompanhados pela compilação de documentação precisa, sob a forma de relatórios analíticos ou críticos, ilustrados com desenhos e fotografias. Todas as fases dos trabalhos de desobstrução, de consolidação, de recomposição e de reintegração, assim como os elementos técnicos e formais identificados no decurso dos trabalhos deverão ser anotados. Esta documentação deverá ser guardada nos arquivos de um organismo público e colocada à disposição dos investigadores, recomendando-se a sua publicação."[79]

[79] ARTIGO 16 - *Carta Internacional sobre a Conservação e Restauro de Monumentos e Sítios* - Carta de Veneza de 1964.

3.1. Princípios/Estratégia de intervenção

O estudo inicial relativo às diferentes teorias sobre a intervenção no património, introduzidas no primeiro capítulo, foram fundamentais na medida em que nos ajudaram a construir um conjunto de premissas com base nos autores estudados, as quais apelidamos de princípios de intervenção. Estas diferentes posturas foram essenciais na definição de uma estratégia que impulsionou a proposta de intervenção relativa ao nosso caso de estudo. Por sua vez, estes mesmos princípios são aqui ilustrados com casos práticos que se tornaram fundamentais no pensamento e execução da proposta de intervenção que se segue.




Fig.95 e 96. O Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas

O Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas (ACAC) da autoria dos arquitectos Menos é Mais e de João Mendes Ribeiro surge com a recuperação das instalações de uma antiga fábrica que se encontrava em ruína, e novas construções, na cidade de Ribeira Grande, Açores.
A Fabrica de Destilação Ribeira-Grandense, construída no início do seculo XIX e comprada no século seguinte pela Fábrica de Tabaco Micaelense foi perdendo a sua utilidade e acabou por ser vendida á Região Autónoma dos Açores em 2006. Como forma de a devolver à cidade e evitar a sua degradação, surge nestas instalações uma nova fábrica (de cultura), dedicada à criação (de arte), com salas multiusos, oficinas, laboratórios e ateliers, onde acontecem as residências artísticas, uma das principais ideias do projecto.
O projecto do ACAC procurou preservar o carácter industrial do lugar, no qual os novos edifícios surgem sem comprometer o existente, pelo contrário, clarificam o pré-existente "*por meio de uma manipulação pictórica da forma e da materialidade dos edifícios - o existente marcado pela alvenaria aparente de pedra vulcânica e os novos edifícios marcados pela forma abstrata, sem referência ou alusão a nenhuma linguagem, construídos em betão aparente com inertes de basalto local com um trabalho altimétrico e textural das superfícies, complementando a relação cheio/vazio da massa do edifício com os vazios dos pátios.*"

In *Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas.* ArchDaily Brasil, 2015 in https://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto (Consultado a 23 de Novembro de 2017)





Fig.97, 98 e 99. Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil

As actuais instalações da Pinacoteca São Paulo, Brasil, foram construídas na última década do séc. XIX, para dar lugar ao Liceu de Artes e Oficios, no entanto, nunca foi totalmente acabado. Desde então que o edifício passou a receber diversos tipos de ocupação, incluindo o abandono, até receber os primeiros quadros no início do séc.XIX.
O projecto de reabilitação que hoje conhecemos, data de 1998, pelos arquitectos Paulo Mendes da Rocha, Eduardo Colonelli e Weliton Ricoy Torres, tinha como principal objectivo a adequação do edifício às necessidades técnicas e funcionais para poder receber a Pinacoteca do Estado. A construção original foi mantida tal como se encontrava, inclusive as marcas deixadas pelas intervenções anteriores destacando-se as claraboias planas que vieram cobrir os vazios internos e as passarelas metálicas, instaladas de forma a facilitar a distribuição das áreas internas evidenciando as novas intervenções através da leveza do aço.

3.1. Princípios/Estratégia de intervenção

1. Assegurar a continuidade do edifício mantendo-o activo

Este primeiro tópico, se repararmos, já se encontra subentendido nos capítulos anteriores ao defendermos a reabilitação do entreposto de Vila Nova de Gaia. Surge na junção das teorias dos dois primeiros autores do XIX, a respeito da intervenção no património, referidas no primeiro capítulo. Apesar da teoria de Viollet-Le-Duc se salientar pela falta de autenticidade (com a reposição do edifício original), e a de Ruskin por levar o edifício à ruína, ao se opor à intervenção no edificado, ambos têm uma vontade em comum: a de preservar o seu valor histórico. Contudo, consideramos que a vontade de Ruskin em preservar no presente, para que as gerações futuras possam reconhecer a sua temporalidade, ("*É naquela mancha dourada do tempo que devemos encontrar a verdadeira luz, a cor e o valor da arquitetura*"[80]) só é exequível se lhe dermos utilidade, como refere Viollet-Le-Duc, "*o melhor meio de conservar um edifício é o de lhe encontrar um emprego.*"[81]

2. Manter todas as fases do edifício e intervir o mínimo necessário de modo a garantir a sua habitabilidade.

Este parâmetro, refere-se essencialmente à postura do arquitecto italiano Camilo Boito. Este defendia que se deveria preferir a conservação, como "*(...) lei da mínima intervenção no edifício como primeiro critério de conservação.*"[82], e salienta ainda que não se deve conservar apenas a matriz do edifício, mas também todas as contribuições que tenham a mínima solidez ao longo sua história, através da conservação das intervenções posteriores que se considerem relevantes.

É dentro desta lógica que queremos assentar a nossa proposta de intervenção, ao propormos uma estratégia inclusiva, reduzida ao mínimo e essencial. A intervenção concentra-se no interior, respeitando-se assim a envolvente e as fachadas. Uma forma de repensar a cidade, que permite simultaneamente uma economia de meios, materiais, esforços e a preservação do contexto urbano.

---

[80] RUSKIN, John – *A lâmpada da memória*, Coleção Artes e Ofícios, Ateliê Editorial, 2008. p.68

[81] VIOLLET-LE-DUC citado por CHOAY, Françoise – *As Questões do Património, Antologia para um Combate*. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 31

[82] SOLÀ-MORALES, Ignasi de – *Intervenciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006, p. 27




Fig.100 e 101. Centro de Artes Visuais, Coimbra

O Centro de Artes Visuais, inaugurado em 2003, situa-se no Antigo Colégio das Artes, em Coimbra. Este antigo edifício, construído no século. XVI, foi alvo de um projecto de requalificação pelo Arquitecto João Mendes Ribeiro, comportando agora galerias de exposições temporárias, salas audiovisuais, biblioteca, cafetaria, etc.

Este projecto, salienta-se pela construção de objectos auntónomos, aparentemente temporários, que contrastam com a estrutura patrimonial existente, pela sua materialidade e configuração formal, minimalista. Desta forma, o arquitecto preserva, valoriza e clarifica o edificio préexistente ao concentrar nos "contentores autónomos" os serviços, equipamentos e infra-estruturas necessárias para os novos usos do edificio e garantir a habitabilidade do espaço.

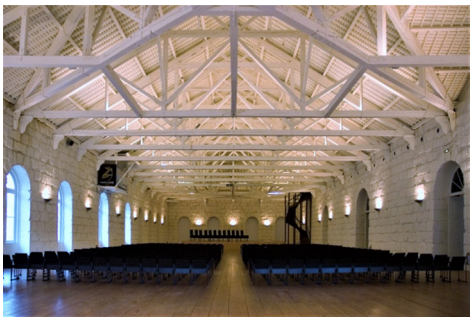



Fig.102 e 103. Nova Alfândega do Porto, Porto

A intervenção dos arquitetos Eduardo Souto de Moura e Humberto Viera na Nova Alfandega do Porto, projecto de 1992, ficou pautada pelas intervenções pontuais de acordo com as necessidades dos espaços para poder receber o Museu de Transportes e Comunicações Do Porto, o Centro de Congressos e exposições temporárias. O novo programa para a Alfândega do Porto foi essencial na definição do projecto, tendo em conta que a intervenção deveria ser mínima, de modo a permitir a versatilidade das salas, introduzindo apenas o necessário para o funcionamento das mesmas.

"O tema é sobretudo o de inserir elementos necessários à actualização do edifício, não perseguindo a ilusão de uma neutralidade do novo, (...) não procurando camuflar e esconder as novas necessidades mas inventando um sistema composto de poucos elementos necessários e ordenadores com condições para instituir uma regra compatível com as outras já presentes no edifício."

Apesar de estarmos perante um programa pontual, de grandes dimensões, que não pode ser multiplicado pela cidade, esta intervenção não deixa de ser um exemplo de como um edifício de carácter industrial, que via as suas funções serem gradualmente transferidas para junto do Porto de Leixões e Aeroporto, têm a capacidade de se reinventar, ao albergar novas funções e, em simultâneo, impulsionar a requalificação da área urbana onde se insere, que se encontrava em degradação.

ESPOSITO, Antonio – *Eduardo Souto de Moura*. Barcelona: GG, 2003 p.294

3. Distinguir o edifício original da intervenção contemporânea com texturas e materiais diferentes.

O arquiteto Camilo Boito reforça ainda que, todas as novas intervenções, deveriam ser totalmente neutras em relação ao edifício existente, e como tal deverão diferenciar-se do edifício original para que se note que tenha sido uma intervenção posterior, através do uso de materiais e texturas diferentes, pela distinção entre elementos contemporâneos e antigos e o respeito por todas as etapas do edifício ao propor a "*diferença de estilo entre o novo e o velho; diferença de materiais de construção; supressão de linhas ou de ornatos; (...)*."[83]

Com isto, queremos que a nossa intervenção se distinga não só pelo contraste material, mas ao mesmo tempo que a intervenção contemporânea seja lida como uma estrutura efémera, de modo a valorizar a estrutura patrimonial permanente e simultaneamente enaltecer o seu valor histórico.

4. Assegurar não só a preservação do edifício, mas também a importância deste no contexto histórico onde se insere.

Ainda acerca do debate entre as varias teorias sobre a intervenção, interessa-nos também a posição do arquiteto italiano Gustavo Giovannoni que se destaca pelo reconhecimento do valor museológico e funcional dos centros históricos, gerador do conceito "património urbano"[84]. Para Giovannoni, "*uma cidade histórica constitui em si um monumento, quer pela sua estrutura topográfica, quer pelo seu aspeto paisagístico, quer ainda pelo carácter das suas vias e pelo conjunto dos seus edifícios maiores e menores*".[85]

Como já vimos anteriormente, o entreposto de Vila Nova de Gaia tem uma morfologia muito específica que lhe é característica e que não pode ser esquecida. Como tal a intervenção proposta não pode interferir no valor patrimonial do conjunto urbano. Independentemente do novo uso, há uma variável que se deverá manter: a forma da cidade. Este parâmetro, acaba por se relacionar diretamente com o ponto 2, ao propormos uma intervenção inclusiva. A intervenção deverá fixar-se no interior e as paredes do edifício deverão ser o limite da intervenção, mantendo-se assim o ritmo da estrutura e o ritmo dos vãos. Isto é, racionalizar uma estratégia de intervenção que preserve a imagem da cidade

---

[83] BOITO, Camillo - *Os restauradores,* Coleção Artes e Ofícios. Ateliê Editorial, 2008. p.29

[84] CHOAY, Françoise - *As Questões do Património, Antologia para um Combate*. Lisboa: Edições 70, 2011, p. 193.

[85] GIOVANNONI, Gustavo. - *Vecchie città ed edilizia nuova*. in CHOAY, Françoise - *A Alegoria do Património.* Lisboa, 2010, p. 204



Fig.104. LX Factory, Alcântara, Lisboa

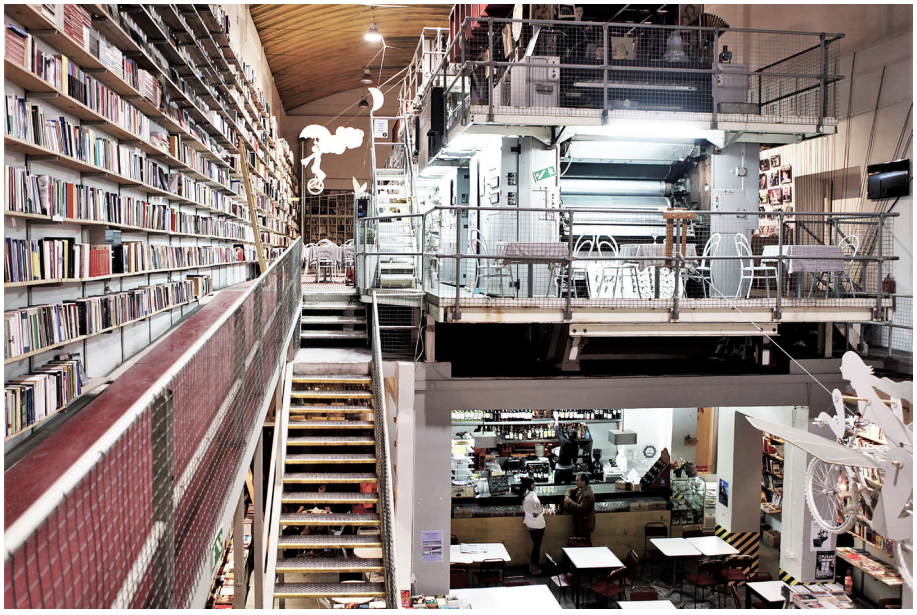


Fig.105. Livraria Ler Devagar, LX Factory, Alcântara, Lisboa

A LX Factory na cidade de Lisboa, já referida no capitulo introdutório, é hoje um espaço marcado pela realidade industrial, como uma herança viva, devolvida à cidade, para usofruto das novas Indústrias (Criativas) do séc.XX

Estes espaços albergam agora uma enorme variedade de serviços ligados ao sector artístico, como empresas de design, estúdios, artes plásticas e arquitectura, assim como outros serviços desde contabilidade, hospedagem e restauração e ainda espaços destinados ao Co-working e realização de eventos pontuais.

Os enúmeros espaços livres, conseguidos através dos enormes vãos, tão característicos destas estruturas industriais, permitiram re-usar a antiga fábrica de fiação e tecidos, com um uso bastante híbrido e diversificado ao criar não só um novo polo empresarial e comercial, mas também um novo centro lúdico para Lisboa, com concertos, eventos e exposições, acessíveis quer para os seus habitantes, quer para quem visita a cidade.

5. Repensar de que forma este edifício pode melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes

"*Os vestígios do passado mergulharão em uma ambiência nova, inesperada talvez, mas certamente tolerável, e da qual, em todo caso, os bairros vizinhos se beneficiarão amplamente*."[86]

Por fim, este último ponto refere-se a um artigo da Carta de Atenas de 1933, documento este redigido por grandes arquitectos e urbanistas internacionais do séc. XX, como referimos no primeiro capítulo.

Esta vontade de ir além da reabilitação física do edifício e do seu contexto envolvente, traduz-se, no nosso caso específico, no desejo de atrair novos habitantes para o centro histórico, dada a sua desocupação atual, procurando contribuir para uma transformação urbana crítica e agarrada às realidades locais.

Desta forma, a nossa proposta pretende não só propor uma hipótese de intervenção para o antigo armazém da Ramos Pinto, mas também propor uma reflexão sobre o que pode ser feito no entreposto e que impulsione a reabilitação do conjunto urbano e não apenas da marginal, deixando em aberto a capacidade de reinventar as demais estruturas ao abrir caminho para uma solução futura. Como vimos, é urgente apresentar propostas que se oponham ao "parque temático" no qual o centro histórico se tem transformado, demonstrando que existem outras possibilidades menos evasivas e mais versáteis.

[86] ARTIGO 69 - *A destruição de cortiços ao redor dos monumentos históricos dará a ocasião para criar superfícies verdes*. In Carta de Atenas – Assembleia do CIAM. 1933



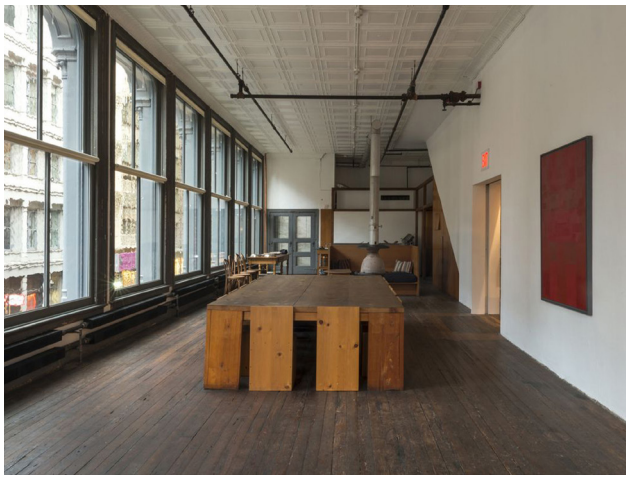


Fig.106 e 107. Judd Fundation, Soho, New York

Em 1968, o pintor e artista plástico norte-americano Donald Judd, comprou um edifício industrial degradado de cinco andares em Soho (South of Houston, Nova lorque). Judd foi aos poucos recuperando os espaços deste edifício para onde passou a viver e trabalhar. Com a sua morte, este edifício dá lugar a uma fundação em seu nome, sendo agora possível visitar um dos primeiros edifícios convertidos em lofts ainda existentes.

3.2. Definição de um programa

As cidades contemporâneas são cada vez mais organismos mutantes, o que torna a incerteza a principal condicionante do planeamento urbano. Por sua vez, um dos grandes ideais modernistas foi o de que as edificações deveriam ser pensadas de forma flexível, de modo a poderem moldar-se a diferentes funções. Actualmente, nas cidades, os modelos mais adaptáveis afirmam-se como estruturas de maior permanência na mesma.

"*A flexibilidade não se define pela exaustiva antecipação de todas as possíveis mudanças. A maioria são imprevisíveis. (...) A flexibilidade é a criação de uma margem - um excesso de capacidades que permitem diferentes usos e interpretações, por vezes opostos. (...) A "nova" arquitectura, que padesse desta falta de possiblidades, está condenada a um permanente estado de alteração, no acaso de uma simples mudança ideológica ou prática.*" [87]

Os casos mais comuns de apropriação que se fazem hoje, de antigos armazéns e indústrias fabris em lofts, seguindo os passos das *Docklands* de Londres e do *Soho*[88] em Nova Iorque, é um exemplo de como pela amplitude sem subdivisões, se converte facilmente um espaço, sem apagar a tipologia, numa mais valia para a cidade.

Contudo, os armazéns de vinho do Porto em Vila Nova de Gaia têm uma forte condicionante, a falta de vãos, enquanto que nos armazéns referidos anteriormente há uma estrutura de alçado com ritmo de vãos. As caves tiveram de ser pensadas como caixas praticamente encerradas, ligeiramente entreabertas, para a criação das condições ideais para o armazenamento do vinho.

Excepcionalmente, o nosso objeto de estudo, como já verificamos anteriormente, tem um número de vãos superior e bem definido, diferenciando-se do que habitualmente encontramos nas caves do entreposto, nas quais escasseiam as frestas e a luz que trespassa do exterior para o interior já vem coada e filtrada pela espessura das paredes. Pelo que, em cada caso, deverá ser estudado de que forma se poderá reutilizar, mantendo apenas os vãos existentes. E nos casos em

---

[87] KOOLHAAS, Rem, BRUCE, Mau - *S, M, L, XL*, Nova Iorque: The Monacelli Press, 1995, p. 240

[88] Antigos bairros fabris construídos entre finais do séc. XIX e princípios do séc. XX cujas empresas aí existentes se foram mudando para os arredores da cidade causando o completo abandono destes edifícios. Fenómeno este, generalizado por todo o mundo, devido ao avanço da tecnologia e às necessidades de melhores e maiores espaços de trabalho. Estes espaços industriais nos finais do século XX foram sendo apropriados para servir de habitação e espaço de trabalho para profissões mais liberais como os artistas plásticos. Estas apropriações do espaço, apelidadas de loft, eram conhecidas por não terem paredes a dividir os diferentes compartimentos destas habitações, pelos mezaninos e pelos elevados pés-direitos.



Fig.108. Alçado, Casa da Escrita

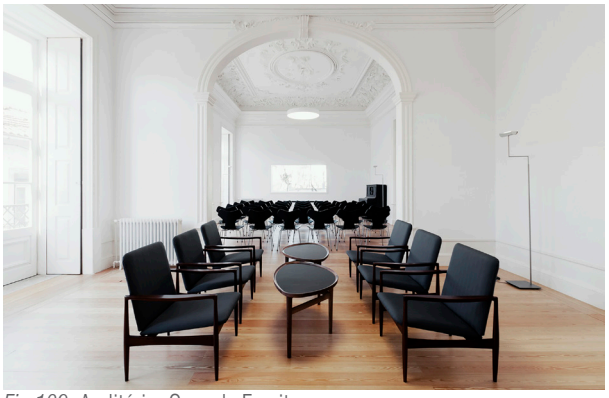


Fig.109. Auditório, Casa da Escrita

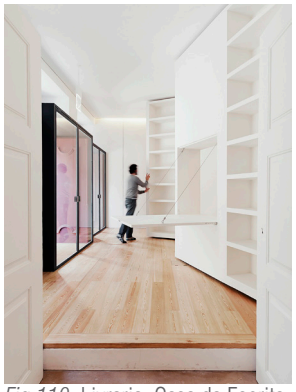


Fig.110. Livraria, Casa da Escrita

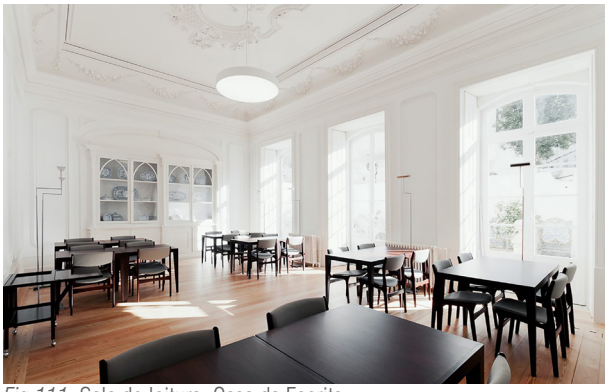


Fig.111. Sala de leitura, Casa da Escrita



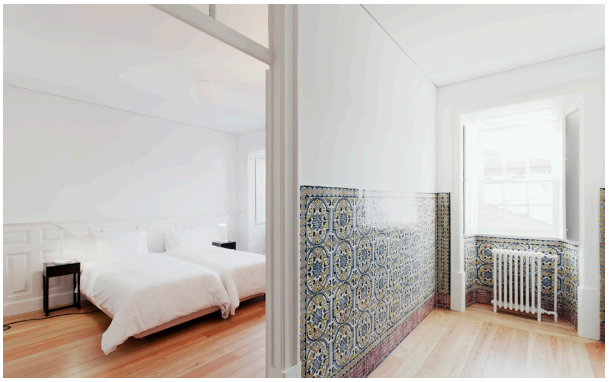


Fig.112 e 113. Sala de refeições e residencias temporárias, Casa da Escrita, Coimbra

---

A Casa da Escrita, da autoria do arquitecto João Mendes Ribeiro, surgiu com a reutilização da antiga residência do poeta João Cochofel, inserida num conjunto urbano denso, em Coimbra.

O projecto de reabilitação previa a adaptação do edifício a novas funções, tendo em conta o valor patrimonial do mesmo e os requisitos técnicos necessários para um novo programa, assente na flexibilidade dos espaços. Isto é, segundo o arquitecto, esvaziar e depurar os compartimentos da habitação e torná-los disponíveis para novos usos.

Deste modo, o edifício dispõe atualmente de espaços amplos, aptos para acolher atividades ligadas à escrita, assim como outras ações propostas pelos habitantes (temporários) da casa.

Exemplo desta flexibilidade dos espaços, é a configuração das estantes móveis da livraria no piso térreo, que permitem transformar o espaço numa sala de exposições. No piso superior, além da biblioteca, auditório e sala de refeições, existem uns espaços menores destinados à residencia temporária de artistas, sobrepondo, deste modo, usos públicos e privados no mesmo edifício.

que esta opção seja incomportável, deverão ser propostas soluções individuais, tendo em conta especificidade de cada armazém.

Tendo em conta que o futuro do centro histórico de Gaia é uma incerteza, a nossa proposta consiste em criar uma estrutura dentro do edifício pré-existente, que possa abraçar diversos usos, conforme as necessidades do momento, indo ao encontro das estratégias de reabilitação da ORU da ARUCH[89] definidas pela CM de VNG. "*Particularmente o centro da cidade, agregando Centro Histórico e Devesas, e os núcleos industriais articulados com a frente do Douro, constituem espaços urbanos de eleição para um modelo sustentável de revitalização económica e ambiental, devidamente integrado com as restantes medidas de regeneração no âmbito social e cultural*."[90]

O programa proposto terá como base 3 factores: o tempo de permanência, o mercado alvo e o serviço oferecido. A primeira grande condicionante é o tempo de permanência. Tendo em conta que o edifício não tem espaço para estacionamento privado, impede que aqui se desenvolvam programas permanentes, como por exemplo habitação. Logo, os usuários deste(s) espaços(s) deverão ter a sua "estadia" neste edifício por um período limitado de tempo. Dentro destas limitações, e enquadrado nas necessidades definidas pela ORU, acreditamos que os potenciais usuários poderão ser jovens empresários, estudantes, artistas, congressistas, enoturistas e claro, os seus habitantes. Por último para estes usuários, os serviços oferecidos poderão ser: habitação temporária, residência de estudantes/professores, workshops, coworking, centro interpretativo, eventos culturais, eventos sociais, entre outros com o mesmo carácter.

Posto isto, surgiu a vontade de não propôr um programa monofuncional, mas sim um mais diversificado, dinâmico e revitalizador, que concentre em si vários usos e dê resposta a várias necessidades, a partir de um novo núcleo infra-estrutural, que permitirá esta flexiblidade.

Por sua vez, o programa proposto deverá ser composto por um espaço de recepção ao público, e pelos diversos compartimentos onde se poderão realizar os serviços descritos anteriormente, desenvolvendo um programa experimental e útil para a cidade, focado na revitalização económica e social, que privilegia sectores baseados no conhecimento e criatividade.

Deste modo, no piso térreo, numa lógica de maior interacção com a rua, o programa proposto terá preferencialmente um carácter mais público/coletivo. Composto pela entrada, recepção,

---

[89] Operação de Reabilitaçao Urbana da Área de Reabilitação Urbana do Centro histórico de Vila Nova de Gaia

[90] In *Memória, Património, Reabilitação. Operação de reabilitação urbana da área de reabilitação Urbana do Centro histórico de Vila Nova de Gaia.* Vila Nova de Gaia: GAIURB, 2016 p.30 in https://issuu.com/gaiurb.info/docs/volume_1_oru_ch_2017 (Consultado a 27 de Janeiro de 2017)



Fig.114. Alçado, Palheiros de S. Dâmaso



Fig.115. Alçado, Palheiros de S. Dâmaso



Fig.116. Laboratórios, Palheiros de S. Dâmaso



Fig.117. Dormitórios, Palheiros de S. Dâmaso

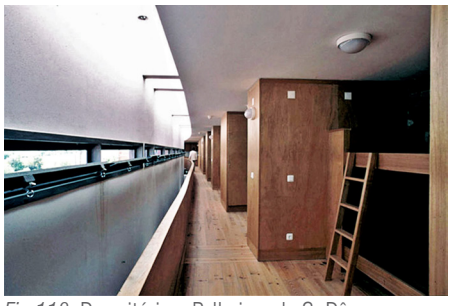


Fig.118. Dormitórios, Palheiros de S. Dâmaso

Palheiros de S. Dâmaso , Idanha-a-Velha

A intervenção nos Palheiros de S. Dâmaso, a cargo dos arquitectos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, membros do Atelier 15, surgiu com a necessidade de montar uma estrutura de apoio aos trabalhos arqueológicos que se realizavam nas proximidades, no piso térreo foi possível criar quatro espaços laboratoriais, e no piso superior, os dormitórios.

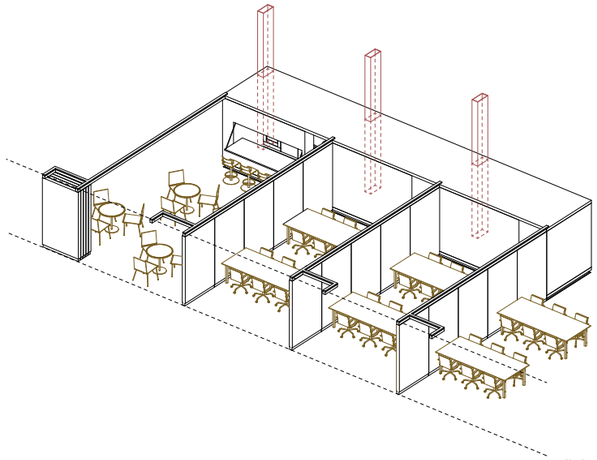
A ideia deste projecto apresenta duas soluções contraditórias, mas que clarificam a proposta de intervenção ao distinguirem a tradição da contemporaneidade. Se no piso térreo o volume de pedra nos remete para as técnicas construtivas tradicionais. a reinterpretação da muralha no piso superior assume linguagem e técnicas construtivas contemporâneas.

"a ideia do projecto baseou-se na tentativa de formalizar duas intenções que, sem serem contraditórias, deveriam manter alguma autonomia. A primeira foi a de restaurar a imagem exterior dos palheiros, mantendo a sua modulação interna através das paredes transversais que os separam. (...) A segunda é, não só manter a visível a base da muralha, como figurar no seu exterior o seu volume."

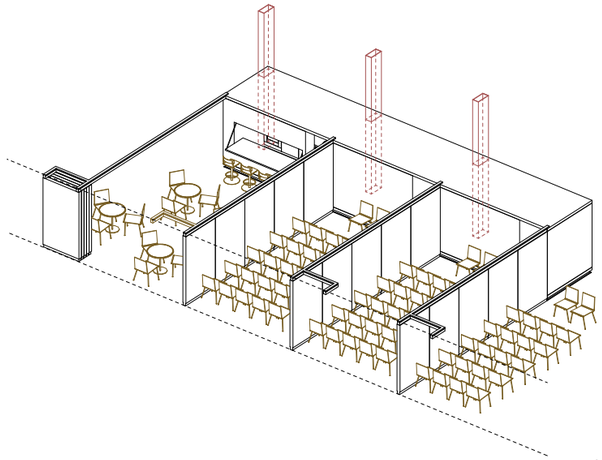
COSTA, Alves e FERNANDEZ, Sérgio - *Atelier 15*; Lisboa: Uzina Books, 2014, pág. 73-74

copa/bar, sanitários feminino, masculino e para pessoas com mobilidade reduzida, os respetivos arrumos e áreas técnicas necessárias destinadas às diversas salas/compartimentos, onde possam ser realizados workshops, formações, conferências, exposições, concertos e co-working (fig.119).

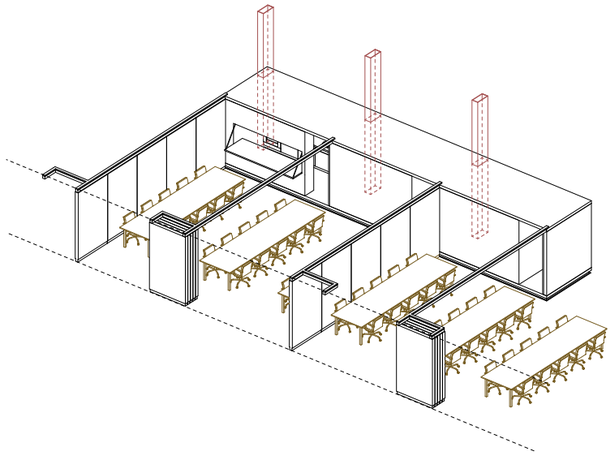
Quanto ao piso superior, numa estratégia de complementaridade, caracteriza-se pelo seu carácter mais individual/privado. Como no piso térreo, deverá possui também um pequeno espaço de recepção, onde se reúnem os acessos verticais, assim como as instalações sanitárias e respectiva copa, associadas a cada compartimento. Como nos encontramos numa conjuntura de elevada internacionalização, consideramos pertinente a apropriação do piso superior para habitações provisórias, que aqui se instalem temporariamente, seja para uso das actividades a realizar no edifício, como as conferências e workshops, ou de outros eventos que ocorram na cidade. Desta forma, estes compartimentos poderão ser usados como dormitórios coletivos, dormitórios individuais, estúdios e ateliers (fig.120).



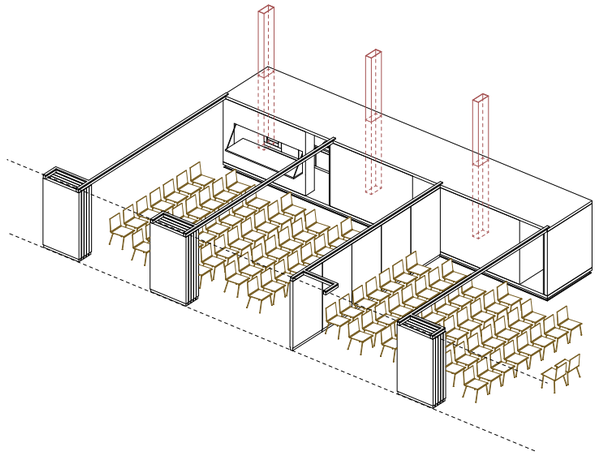
oficinas / ateliers individuais



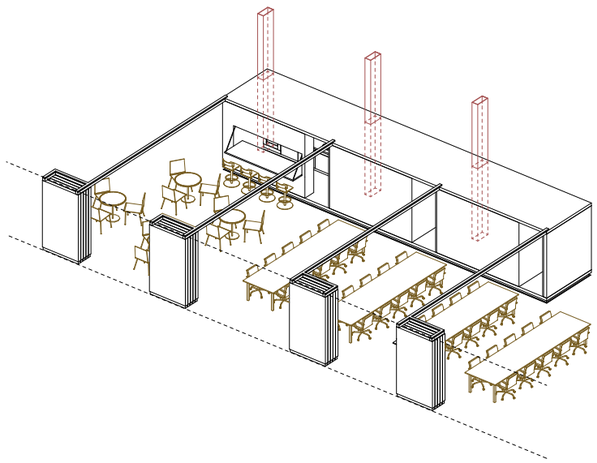
salas individuais / cursos



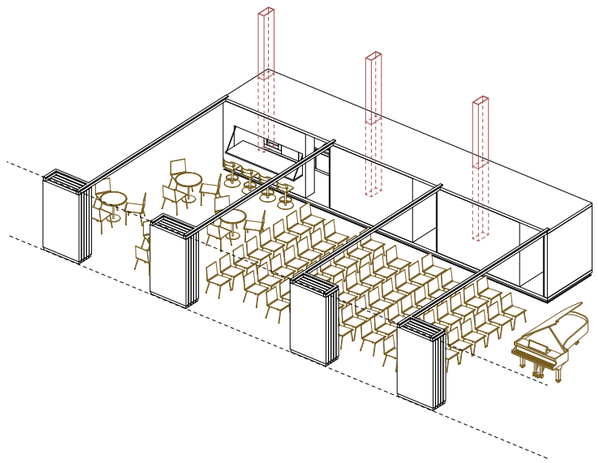
workshops



conferências

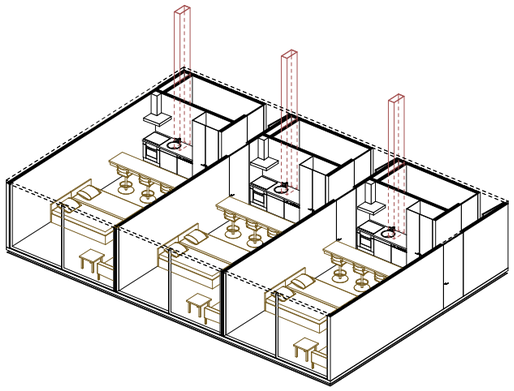


Co-working

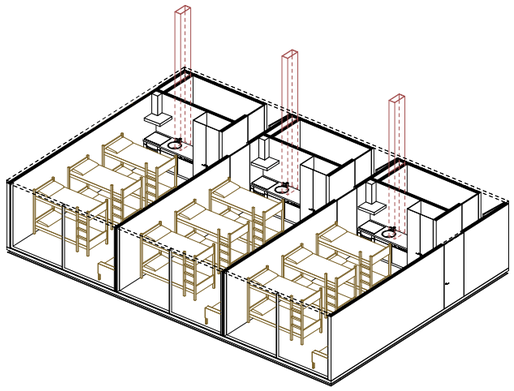


eventos culturais

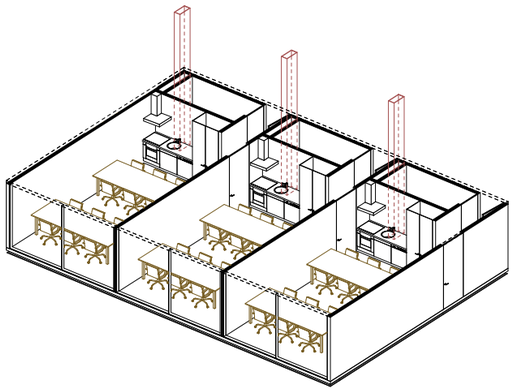
Fig.119. Diferentes hipóteses de ocupação - piso 0



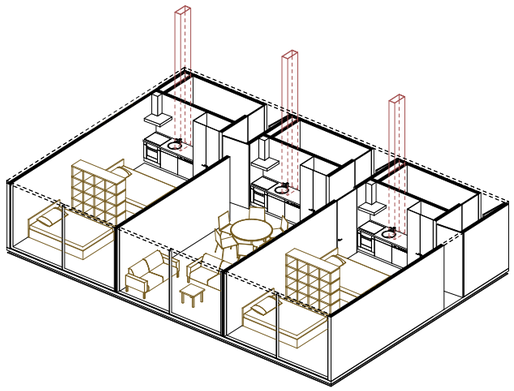
habitações duplas



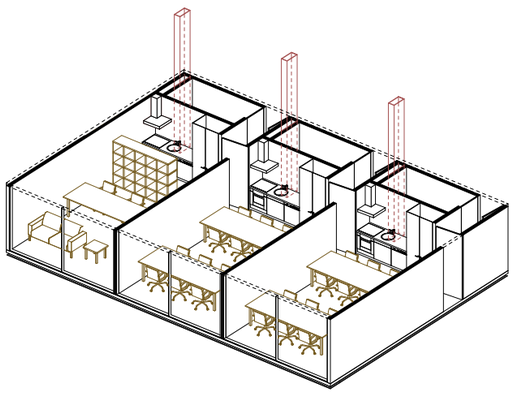
dormitórios / camaratas



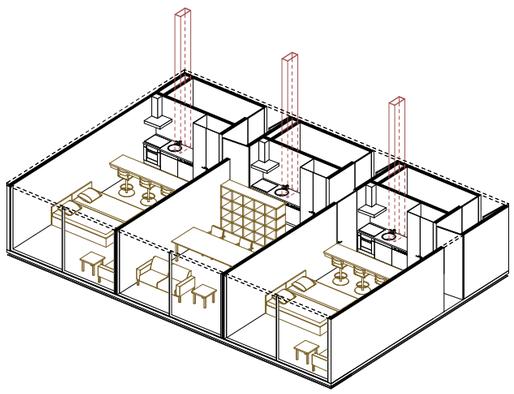
oficinas / ateliers



habitações quádruplas



startups



habitação + estúdio

Fig.120. Diferentes hipóteses de ocupação - piso 1

3. A proposta de intervenção

Esta proposta consiste numa intenção de projecto para o Antigo Armazém de Vinho do Porto, armazém alfandegário da empresa Ramos Pinto, que se encontra em estado de degradação, com base no programa apontado anteriormente, para a qual a análise efectuada ao edifício existente foi fundamental no pensamento do projecto.

Como a introdução de um novo programa distinto do original acarreta alterações funcionais e espaciais, torna-se necessário introduzir um conjunto de infra-estruturas úteis para o edifício, composto por elevadores, sanitários, cozinhas e novas instalações (abastecimento de água, drenagem de esgotos, rede eléctrica, etc.), fundamentais na concepção desta proposta de intervenção. A localização estratégica das infra-estruturas numa zona mais central do edifício, permite libertar integralmente a fachada para os espaços com uso, que dependem da iluminação natural (permitindo a ventilação natural de uma forma mais simples) e também mais adequada para o encaminhamento das instalações.

Porém, de modo a respeitar as características típicas deste tipo de edifícios e indo ao encontro com os princípios estabelecidos no início deste capítulo, propomos uma intervenção pouco intrusiva, de forma a garantir a preservação das estruturas existentes e em bom estado de conservação, possibilitando uma maior rapidez de reabilitação e minimização dos custos envolvidos. Reduzindo ao intervenção ao mínimo necessário, de modo a reduzir também o impacto entre o novo e o existente, primando por manter o máximo possível da sua aparência original

Como refere Robert Venturi, "*tocar o interior o menos possível e criar harmonia entre o antigo e o novo por meio de justaposições contrastantes: separar a junção entre as antigas e as novas camadas, criar mudanças com adições e não com modificações de elementos interiores existentes, considerar os novos elementos como mobiliário e não como arquitectura e usar móveis e equipamentos comuns e standardizados que se (re)valorizam pela sua colocação pouco comum*"[91]

Relativamente ao existente, a solução adoptada procurou ser cuidada e sensível, numa perspectiva de repor os elementos em falta e de substituir os não recuperáveis de forma neutra e discreta, exaltando as qualidades do edifício. Deste modo, propõe-se a substituição da caixilharia, a reconstrução da cobertura e a "reposição" do estuque nas paredes. Por outro lado,

---

[91] VENTURI, Robert - *Complejidad y contradicción en la arquitectura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003, p. 172



Fig.121. Piso 0 adaptado para co-working. Imagem virtual



Fig.122. Piso 0 adaptado para eventos culturais. Imagem virtual

tudo o que é proposto, e que anteriormente não existia, destacar-se-á por se assumir como uma intervenção contemporânea ao recorrermos a materiais e técnicas construtivas mais recentes, mas procurando sempre preservar a coerência do conjunto.

Assim, no piso térreo (fig.126 e 127), correspondente às salas polivalentes, recupera-se o tema da planta livre, introduzido na arquitectura com o Movimento Moderno, nomeadamente por Mies van der Rohe. Recorre-se a um sistema de compartimentação flexível, através de painéis/paredes pivotantes, alinhados a partir dos eixos estruturais pré-existentes que, por sua vez, funcionam como separadores e expositores e possibilitam as variações do espaço.

Deste modo, estes compartimentos podem organizar-se em espaços tipológicos diferenciados, desde espaços amplos, à compartimentação em pequenas salas. Contudo, estes espaços, aparentemente abstractos, adquirem significado e escala apenas quando se encontrarem em funcionamento, pelas pessoas, experimentando o espaço de forma sucessiva.

Estes novos espaços, que se criam no Antigo Armazém de Vinho do Porto, surgem através da caixa de madeira, paralelepípeda, pousada no interior do edifício, ressaltando assim o corte no tempo. Este contentor, encerrado, que oculta as áreas de serviço, equipamentos e infra-estruturas do edifício, eleva-se do solo como um objecto suspenso, de aparência etérea e efémera, implantado em contexto histórico. Cria-se uma estrutura, abordando os conceitos de espaço mínimo, de escala doméstica, que proporcionará aos seus visitantes diferentes formas de habitar este pequeno armazém.

"*É esta justaposição de duas concepções divergentes – uma de génese moderna e funcionalista, cuja paroxismo é Mies van der Rohe, e outra eminentemente simbólica, mais próxima da leitura pós-moderna preconizada por Robert Venturi que permite introduzir nos objectos "puros" e abstractos, a noção de habitabilidade tornando-os contentores espaciais, complexos e "híbridos", conotados com manifestações e usos do quotidiano*."[92]

Deparamo-nos assim neste projecto com um confronto entre o edifício histórico, permanente, e a leveza dos novos objectos, de linguagem contemporânea, criados para responder aos requisitos funcionais, num espaço antigo, clarificado pela intervenção proposta. Surge então um espaço flexível e adaptável, como uma instalação temporária, de duração limitada, dentro de uma estrutura permanente, concebida para dar resposta às exigências actuais e constantes necessidades de mudança do ritmo de vida contemporâneo, com os recursos da sociedade, com as inovações tecnológicas do futuro próximo.

---

[92] RIBEIRO, João de Lima Mendes - *Arquitectura e Espaço Cénico, Um percurso biográfico*. Dissertação de Doutoramento na área científica de Arquitectura. Coimbra: FCTUC, 2008, p.12



Fig.123. Piso 1 adaptado para habitações duplas. Imagem virtual



Fig.124. Piso 1 adaptado para escritórios/ateliers. Imagem virtual

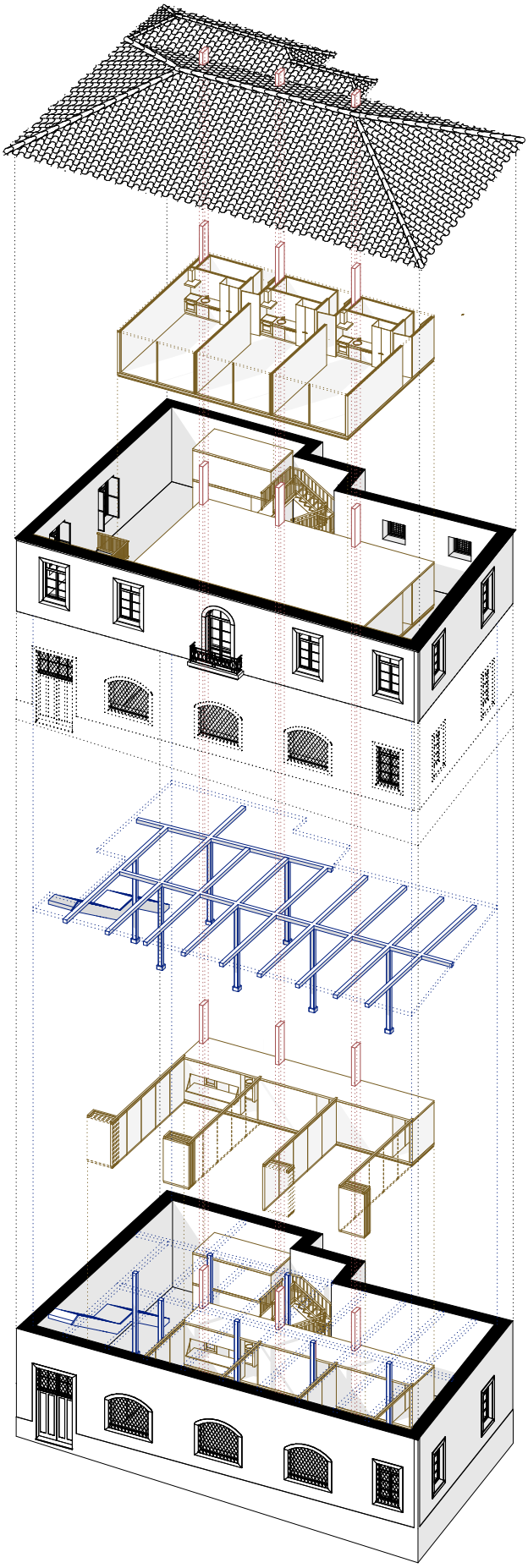
Esta flexibilidade é conseguida através do esvaziamento dos espaços, tornando-os espaços disponíveis, aptos a uma utilização híbrida, que favorece potenciais conexões entre espaços e proporciona sistemas passíveis de diferentes usos. O edifício, é deste modo invadido por uma "unidade móvel" em cada piso, que permite diversas disposições e concentra actividades específicas, sintetizando os elementos de ocupação permanente do espaço, através deste sistema multifuncional, como resposta à diversidade de programa exigida. Esta flexibilidade é aqui considerada em função não apenas da utilização que se quer no momento, mas também das condições futuras.

Esta vontade de promover a continuidade espacial através destes novos objectos, materializam-se em versões diferenciadas. No piso térreo, dada a intenção em explorar espaços com usos mais direccionados para o domínio colectivo, na eventualidade de neste piso se desenvolverem conferências, exposições, etc, o espaço acabou por se tornar mais aberto. Por outro lado, no piso superior, a intenção residia em converter aqueles espaços para um uso com carácter mais privado e individual, como dormitórios, estúdios, ateliers, etc. Logo foi necessária uma apropriação diferente da caixa de madeira.

No primeiro piso (fig.128 e 129), a porção do núcleo infra-estrutural correspondente a cada módulo dá lugar a uma casa de banho privada e um armário/copa de apoio ao espaço adjacente. Porém, a grande diferença reside no prolongamento da cobertura da caixa de madeira até à fachada do edifício. Esta alteração, em prol da privacidade e conforto de cada módulo, acaba por criar um segundo piso neste área, reaproveitando-se deste modo o espaço ocupado pelas asnas. Numa hipótese de expansão, este espaço pode posteriormente ser aproveitado pelos módulos, com o encerramento do espaço entre asnas.

Esta opção pelo contentor de serviços, entendido como uma caixa minimal, cuja presença é simultaneamente plástica e funcional revela-se manifestamente diferente quando as portas estão abertas ou fechadas. O cuidado em tornar estas estruturas uniformes através da materialidade dos acabamentos, quando se encontra fechada, com o rebatimento destas portas/parede para a parede do edifício, contrapõe-se num jogo de cheios e vazios, de opacidade e transparência, entre a escala doméstica e a escala do armazém, através de um dispositivo que se propõe existir pela utilidade do edifício.

Aborda-se o conceito da multifuncionalidade numa estrutura modular que determina a caracterização arquitectónica do espaço ao configurarmos um espaço capaz de tomar tantas formas quantas as solicitações funcionais, mantendo os valores de proporção e de escala. Aparentemente removíveis, estes novos objectos destacam-se das pré-existências, enfatizando o contraste entre o novo e o antigo, o permanente e o temporário, o leve e o pesado.



Legenda:

- Edifício existente
- Intervenção do séc. XX
- Proposta de Intervenção
- Infra-estruturas

Fig.125. Axonometria extrudida

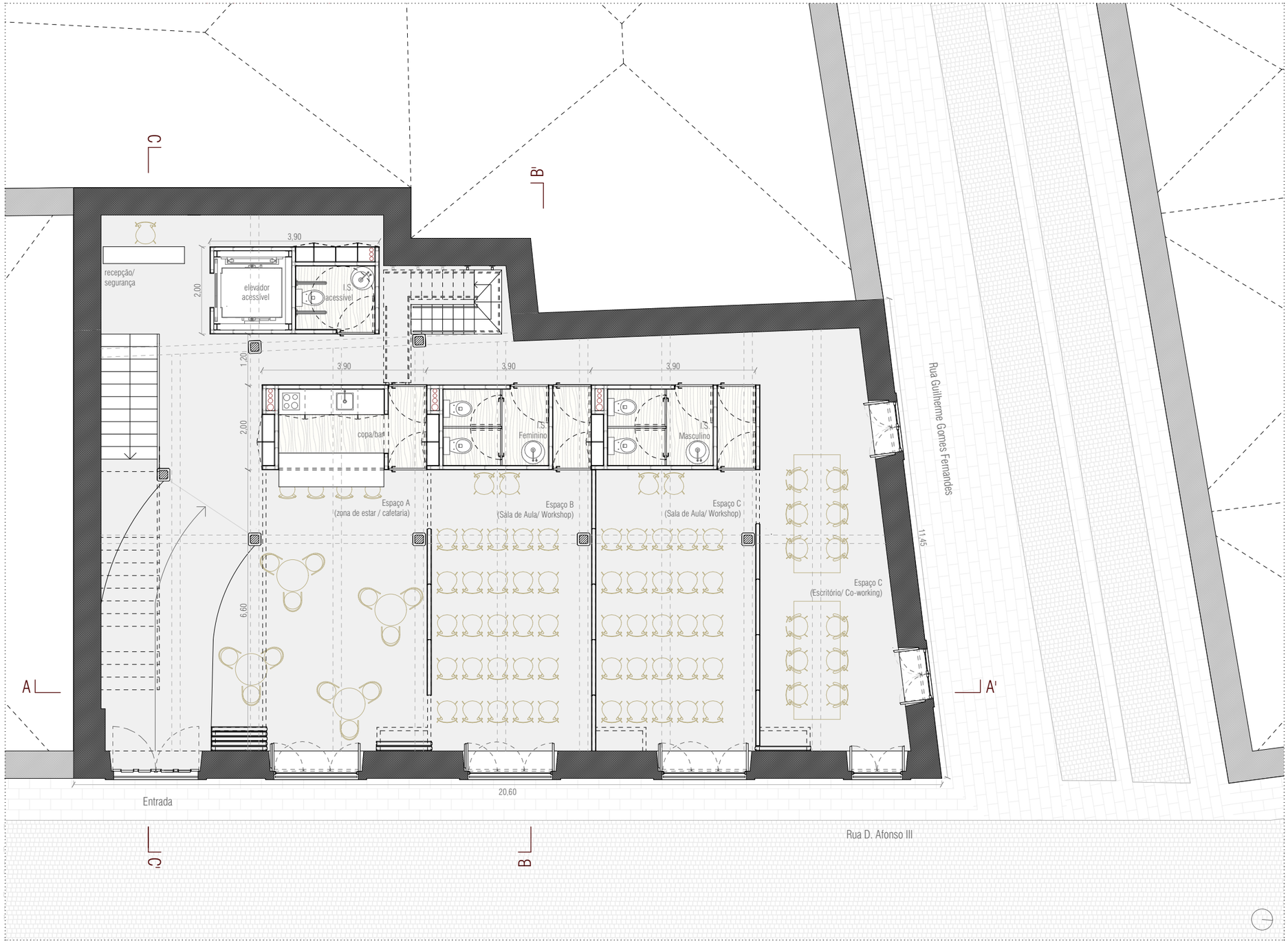
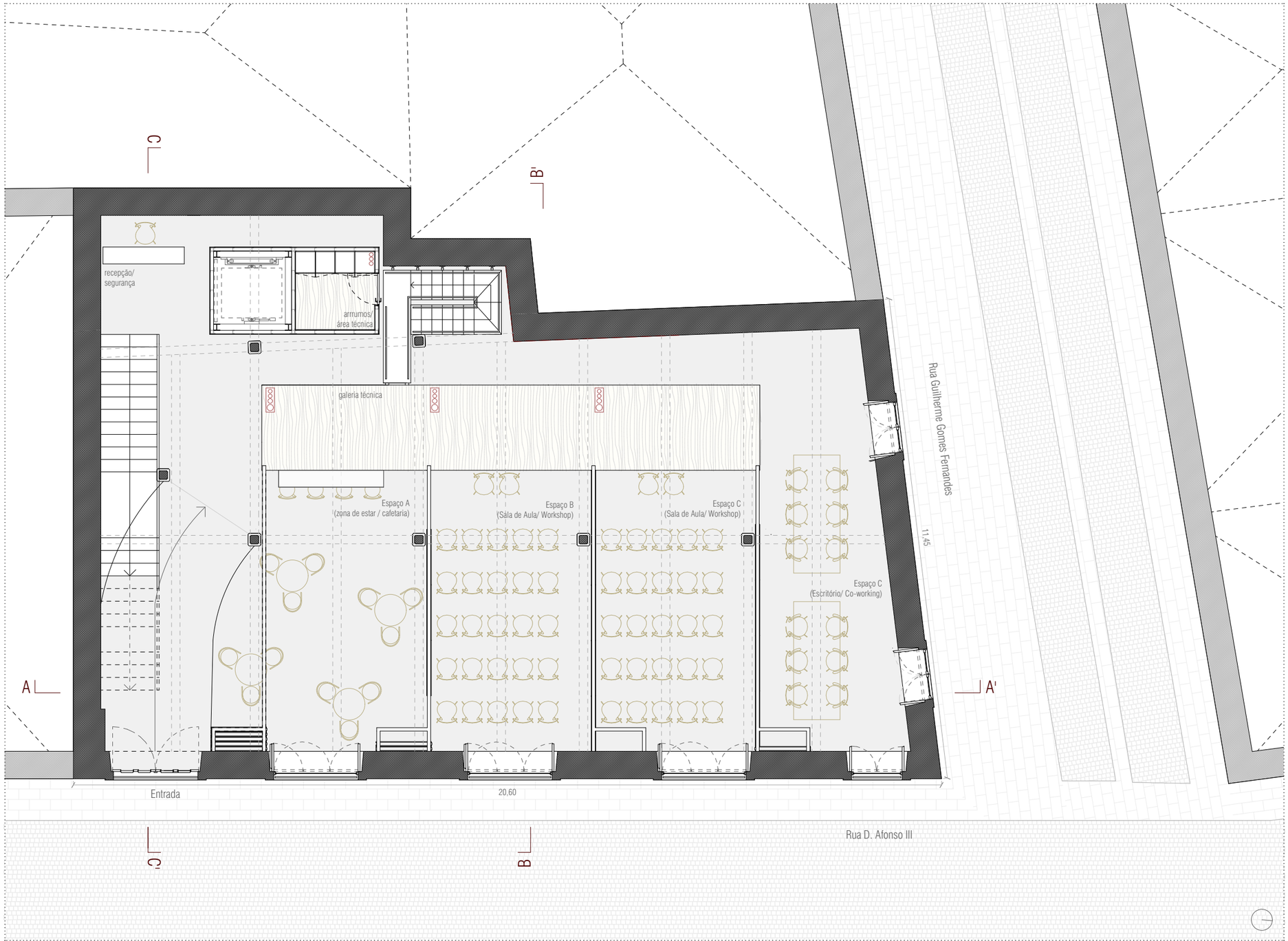


Fig.126. Planta piso 0 (cota 2)
esc. 1:100



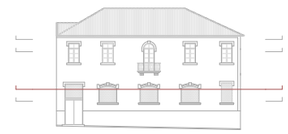


Fig.127. Planta piso 0 (cota 3)
esc. 1:100

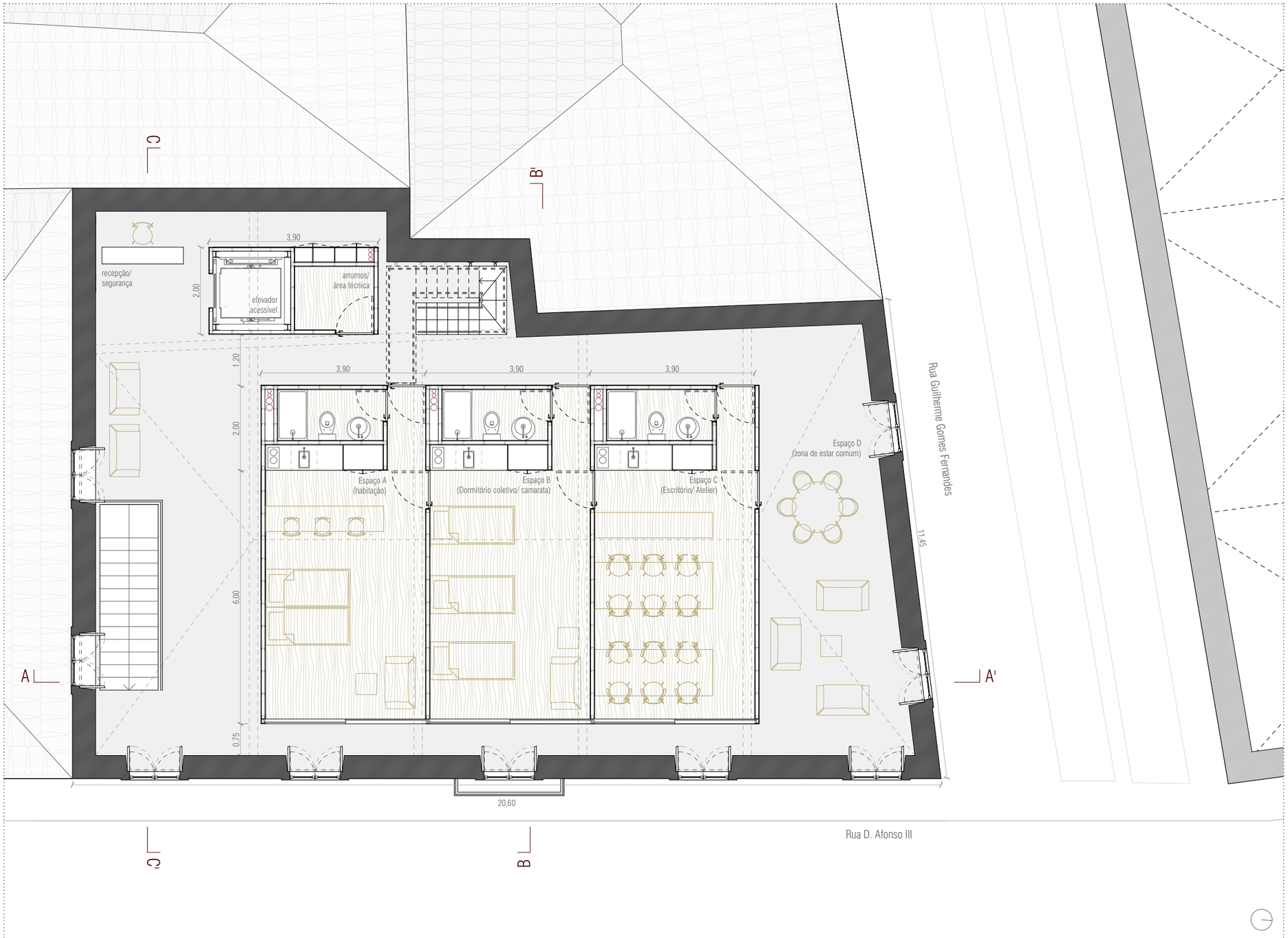


Fig.128. Planta piso 1 (cota 7)
esc. 1:100

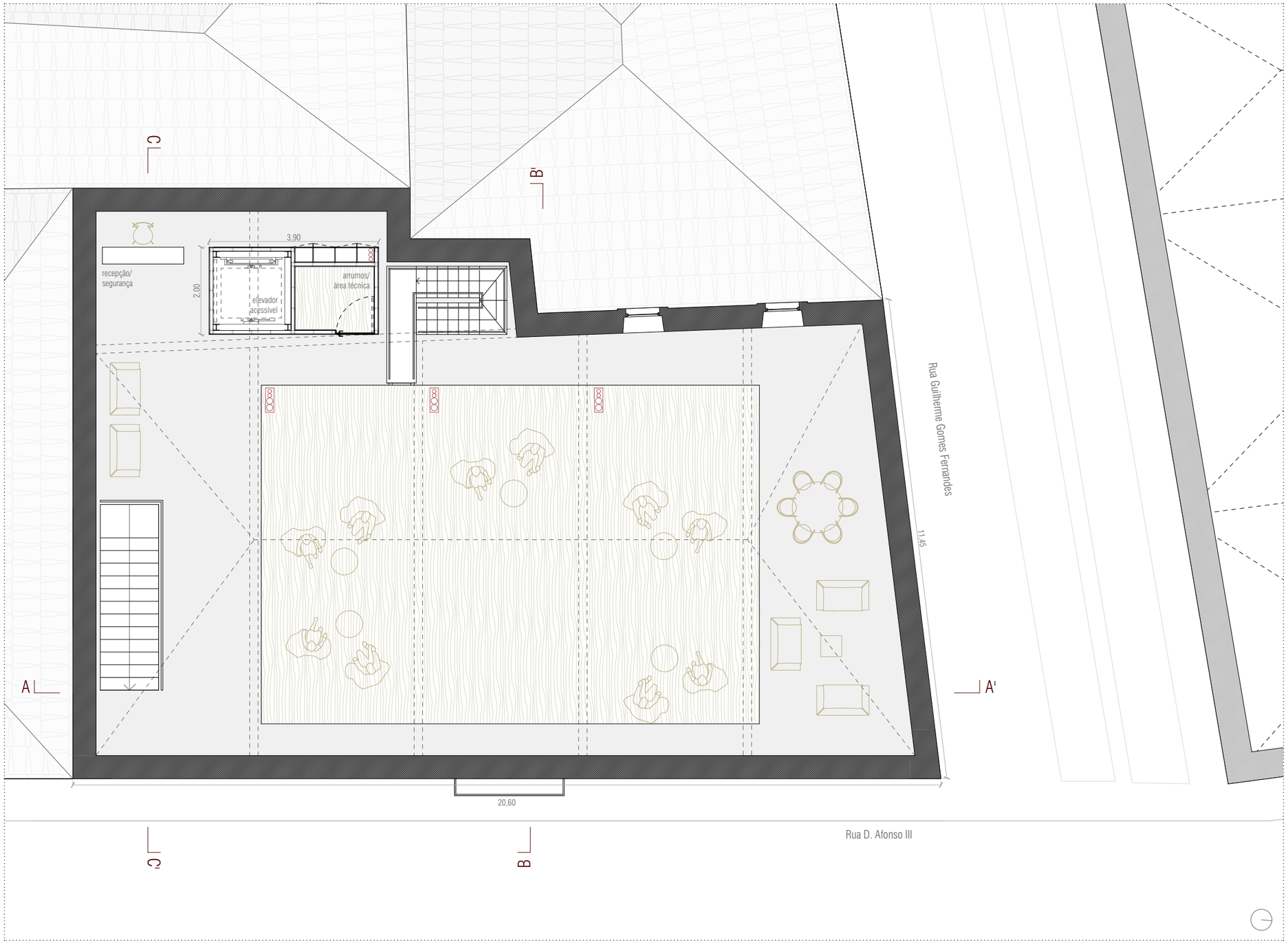


Fig.129. Planta piso 1 (cota 9)
esc. 1:100

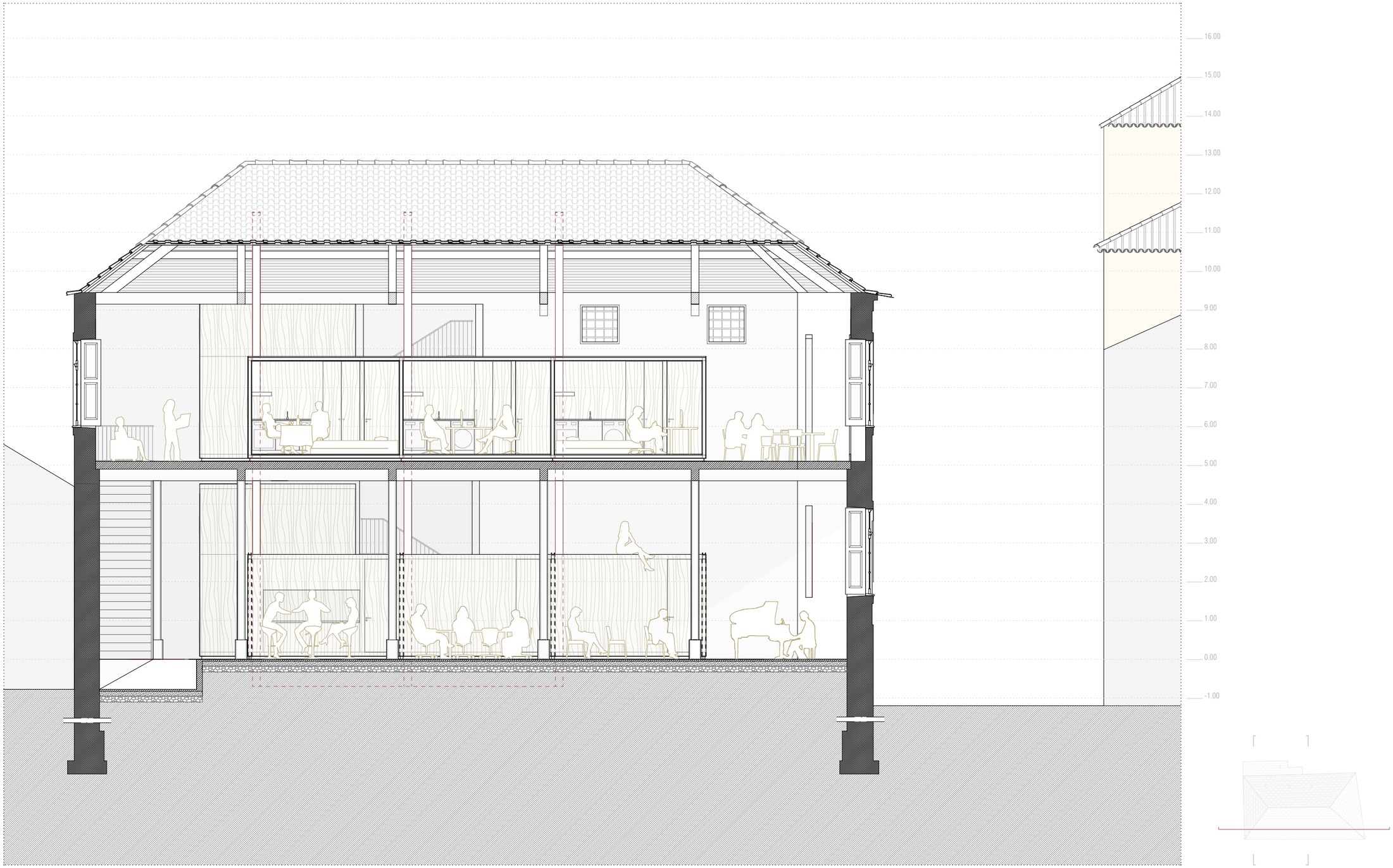


Fig.130. Perfil AA' esc. 1:100

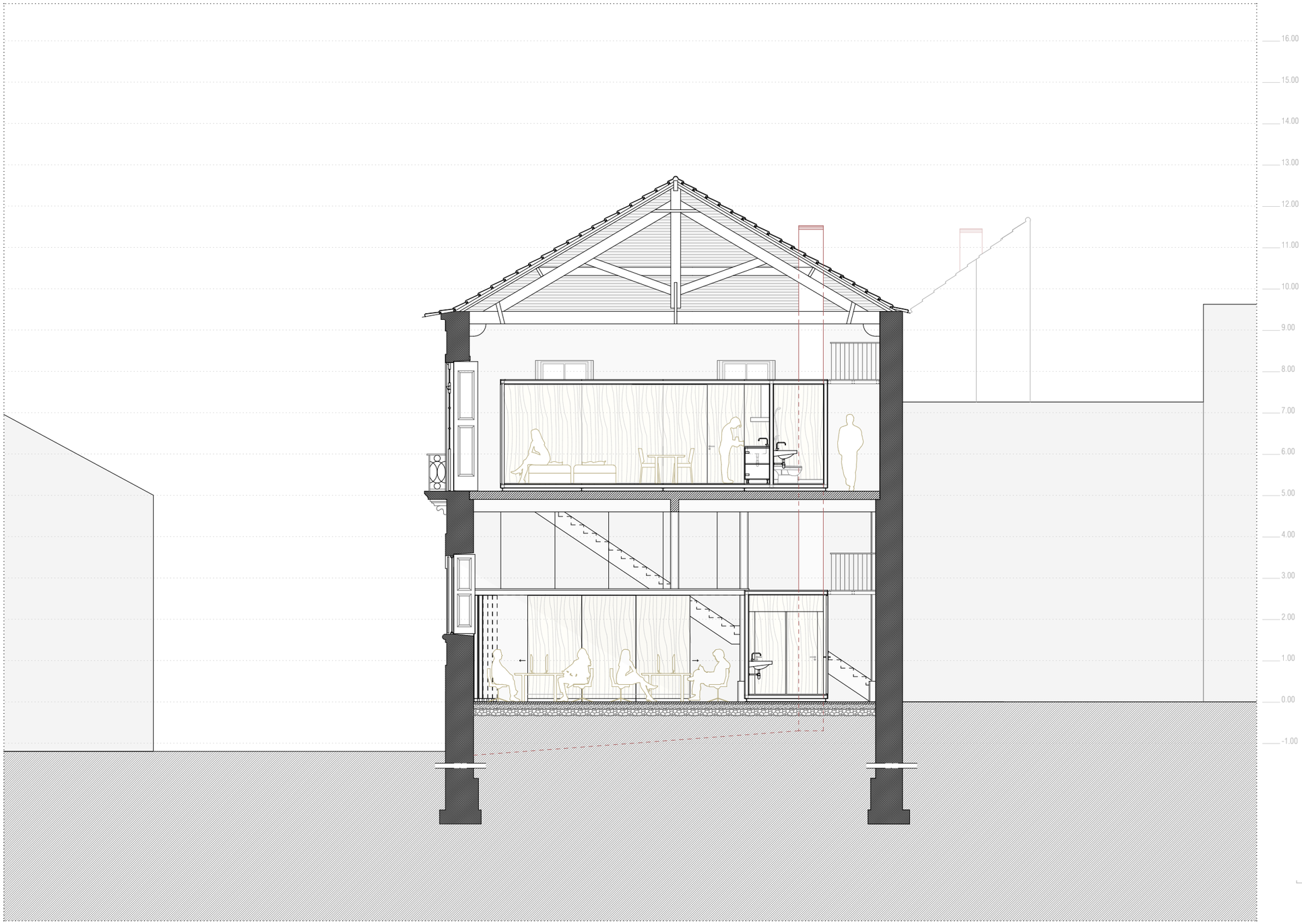


Fig.131. Perfil BB' esc. 1:100

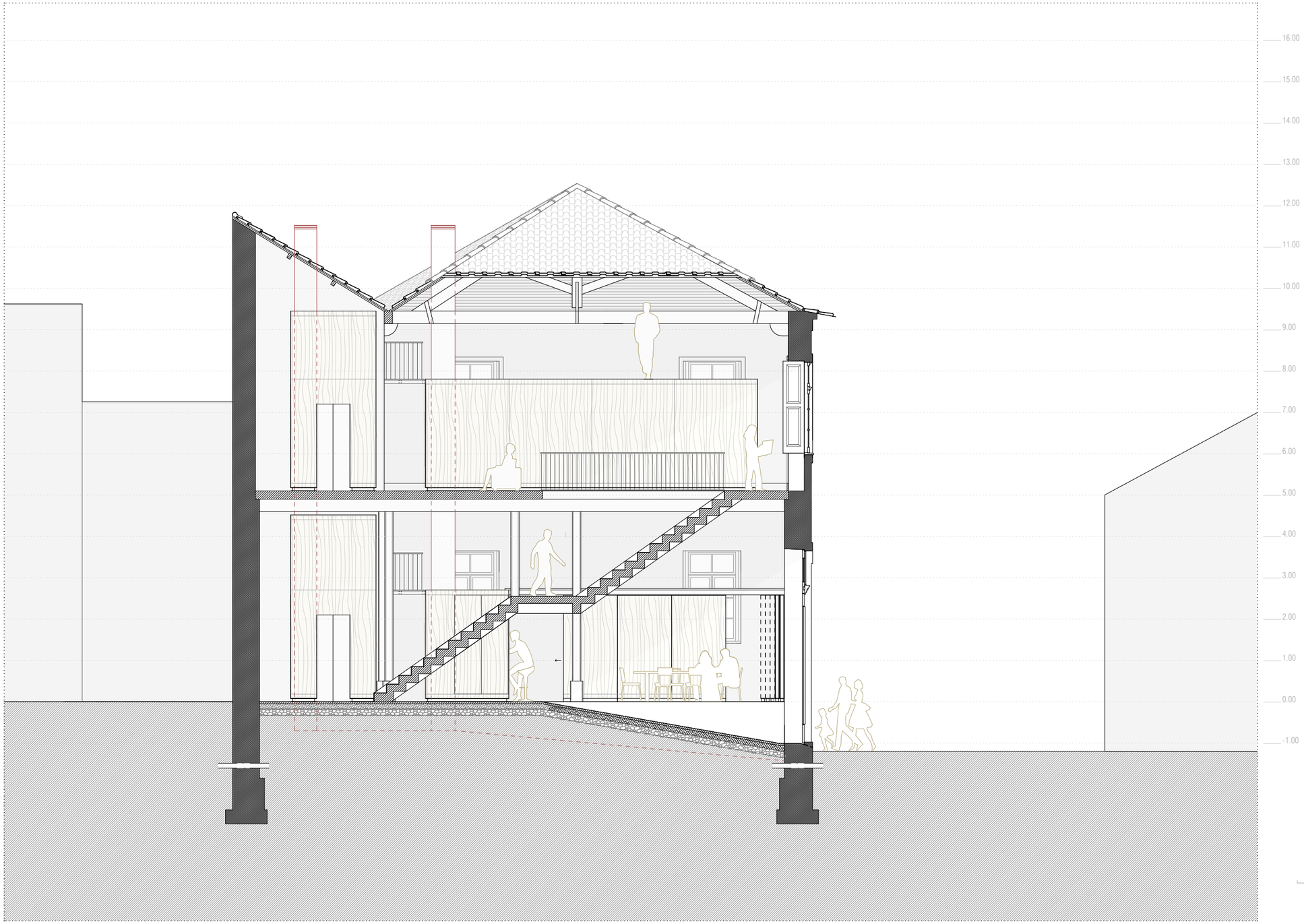


Fig.132. Perfil CC' esc. 1:100

3.4. Opções construtivas

3.4.1. O perene

A solução construtiva adoptada prevê a restituição do edifício original, preservando assim o seu sistema estrutural, independente dos novos elementos, autónomos, que vêm reorganizar os espaços do Antigo Armazém de Vinho do Porto e consequentemente torná-lo habitável. Posto isto, expomos neste subcapítulo as opções construtivas adoptadas que vêm suportar e completar a proposta projectual apresentada. Soluções estas que visam não só responder às necessidades de reforço estrutural já apontadas subcapítulo - 2.2.5. Estado de conservação - como também às exigências de conforto, segurança e habitabilidade contemporâneas. Procuramos deste modo encontrar um equilíbrio entre o novo e antigo, intervindo o mínimo na pré-existência.

A primeira atitude interventiva passa pela remoção dos elementos que consideramos serem de menor valor arquitectónico, e que, em simultâneo, prejudicam a lógica compositiva e funcional do novo programa. São estes elementos o monta-cargas e a parede em alvenaria de tijolo, ambos no primeiro piso, assim como as claraboias, que com a remoção das paredes de alvenaria perdem o seu propósito.

As melhorias introduzidas, no que diz respeito ao edifício pré-existente (fig.133), são as que consideramos tratarem os pontos mais críticos do edifício, e que, por sua vez, não comprometem a leitura do mesmo. Estas melhorias consistem na recuperação das caixilharias e portadas existentes, melhorando a sua vedação e estanquidade (comportamento acústico e hidrotérmico) e a introdução de um forte isolamento térmico na cobertura e piso térreo.

Relativamente à cobertura (do interior par ao exterior) é aplicado um novo forro apoiado nas varas, sobre o qual assenta uma membrana flexível pára-vapor e o isolamento térmico. São ainda reaproveitadas a estrutura de suporte das telhas, ripado e contra ripado, assim como as telhas que se encontram em bom estado de conservação repondo desta forma o sistema tradicional de madeira. Mantém-se ainda na cobertura o sistema de drenagem das águas pluviais existente, composto pelos algerozes e os respetivos tubos de queda.

Assim como na cobertura, consideramos relevante reconstruir o pavimento do piso térreo, de modo a isolar e impermeabilizar o piso adequadamente, através de uma nova base de assentamento, que permite em simultâneo estabelecer a ligação à rede pública no exterior do edifício, dissimuladamente, e resolver as infiltrações de água e humidade provenientes do terreno. A solução proposta prevê a remoção do pavimento existente, bem como as camadas de

suporte, e ainda a escavação do terreno caso se considere necessário para uma correcta execução do novo pavimento. Deste modo é colocada uma nova caixa de brita sobre uma manta geotêxtil aplicada sobre o terreno, executada uma nova camada de regularização e aplicada uma tela asfáltica para a impermeabilização. Por fim, é sobreposta uma última camada de regularização sobre a qual assenta o microbetão, semelhante ao que existia anteriormente.

Contudo, no pavimento do primeiro piso não propomos qualquer alteração. A estrutura de betão existente, fruto da intervenção do século XX, é um elemento fundamental na caracterização do edifício. Esta estrutura em betão aparente permitiu reconhecer logo na primeira visita ao armazém a presença de elementos com valores dissonantes, a pedra e o betão, que, por sua vez, tem um elevado valor arquitectónico ao representarem intervenções realizadas em épocas distintas, logo, a sua preservação tornou-se fundamental.

Quanto às paredes exteriores (fachadas e empenas/meações) a solução proposta é de carácter pouco intrusivo e consiste apenas na reparação das áreas degradas com o respectivo material em falta, respeitando as técnicas usadas, isto é, a "*aplicação de um reboco tradicional à base de cal, constituído por encasque (quando necessário), chapisco, emboço e reboco*"[93] ao qual são acrescentados os pigmentos correspondentes à cor original do edifício. Pela face interior das paredes exteriores o processo é semelhante, procede-se à remoção do reboco e ao tratamento das juntas e aplica-se uma nova argamassa de reboco, uniforme, como existiria anteriormente.

Optamos por não introduzir isolamento térmico nas paredes, tanto pelo interior como pelo exterior, visto que a sua implementação perturbaria as guarnições das portas e janelas do edifício, assim como impossibilitaria o reaproveitamento e redesenho das molduras e rodapés existentes, característicos do primeiro piso, que consideramos relevante restaurar. Contudo, é de salientar ainda que as soluções de isolamento térmico pelo interior apresentam "*o inconveniente de reduzir a inércia térmica das paredes de alvenaria, tendo-se verificado que não existem estudos que demonstrem a pertinência deste tipo de intervenção em edifícios antigos* "[94].

Como vimos anteriormente, o contacto com as águas da chuva assim como a exposição solar constituem a principal causa de anomalias nos caixilhos exteriores, sendo possível diagnosticar a degradação generalizada das pinturas e revestimentos, empenas e apodrecimentos pontuais na maioria das caixilharias do edifício, atingindo ainda as ferragens dos mesmos. Entendendo tratar-se de caixilharias de um edifício integrado em contexto urbano considerado património

[93] FREITAS, Vasco (coord) - *Manual de Apoio ao Projecto de Reabilitação de Edifícios Antigos*. Porto: OERN, 2012, p. 264

[94] TEIXEIRA, Joaquim - *Salvaguarda e valorização do edificado habitacional da cidade histórica*. Dissertação de Doutoramento na área científica de Arquitectura. Porto: FAUP, 2013, p.597

histórico, juntamente com a vontade de preservação dos mesmos, faz com que optemos, como primeira opção, por uma solução menos evasiva, que contemple a preservação da caixilharia existente. "*Em edifícios com valor patrimonial, deve-se procurar manter os caixilhos existentes, pois a preservação de elementos genuínos constitui um factor de valorização destes imóveis*"[95]

Tendo como princípio a melhoria do comportamento do edifício, essencialmente a nível térmico e acústico, consideramos que a melhor solução seria o restauro da caixilharia existente através de técnicas e materiais contemporâneos. Após a avaliação do seu estado de conservação, procede-se ao tratamento das partes afetadas, assim como a substituição, total ou parcial, por novos elementos em madeira. As situações, nas quais se justifique esta última opção, deverão realizar-se com a maior fidelidade possível ao desenho original. Por sua vez, de modo a melhorar ao desempenho da porta de entrada (fig.134) e janelas de batente (de peito (fig.135) e de sacada (fig.136)) existentes, a solução passa ainda pela "*aplicação de vedantes (perfis de batente em neoprene e pelúcias), associados ao aro de gola (…) e às portas, adequados aos tipos de funcionamento dos elementos existentes. Deve ainda proceder-se à revisão das ferragens, com a eventual aplicação de novas de desempenho mais eficaz.*"[96]

Por fim, o vão fica de igual forma habilitado a receber uma nova caixilharia interior, sem comprometer com o funcionamento das portas e caixilharia existentes, caso se considere pertinente esta intervenção para outros usos que no futuro possam ser propostos para o edifício.

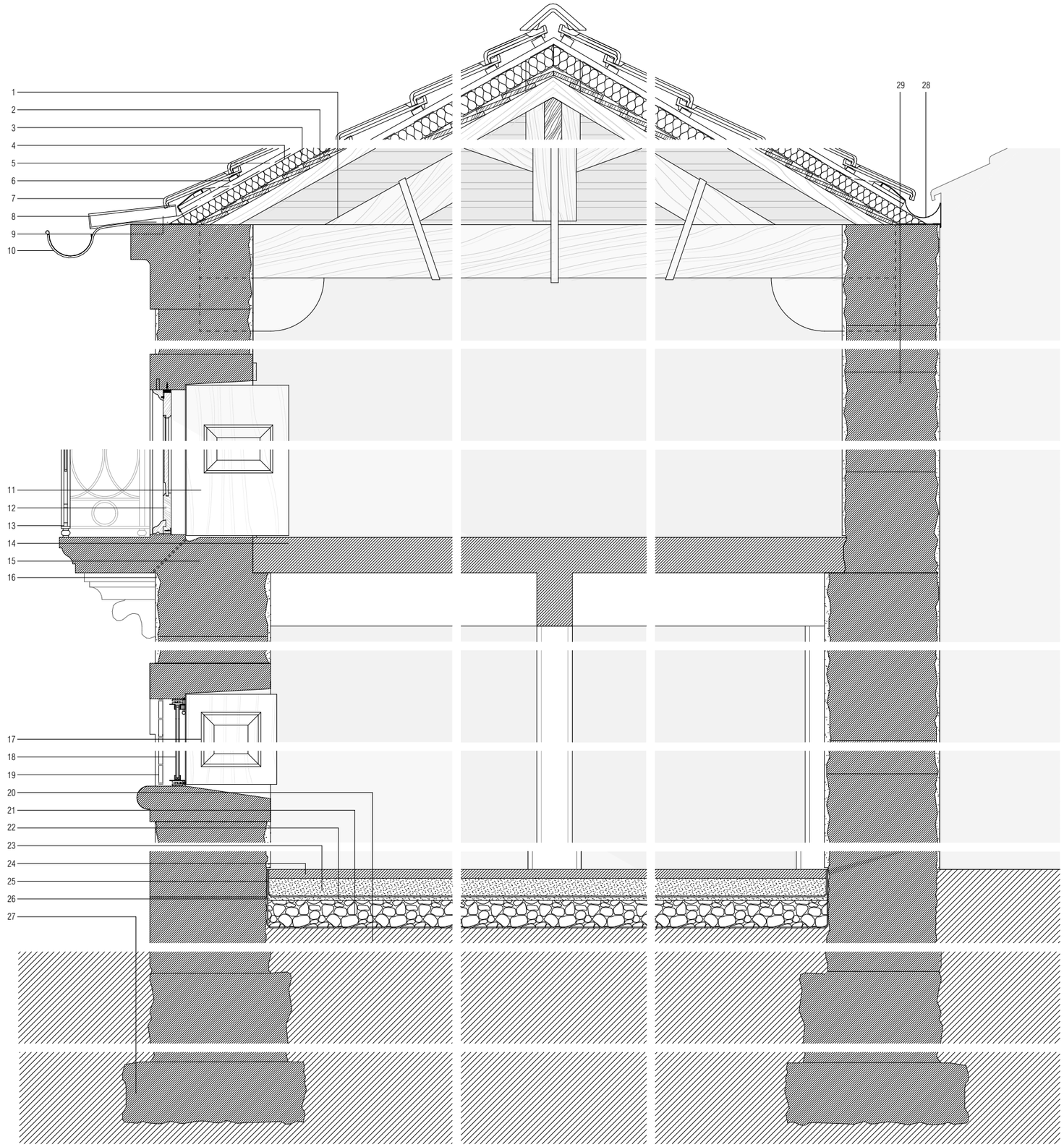
Quanto aos vãos existentes que não apresentavam caixilharia (serviam apenas para ventilar, e, possivelmente, iluminar o armazém), consideramos relevante, por motivos de conforto e segurança, introduzir uma caixilharia metálica de perfil reduzido (fig.137), de modo ao não interferir com a leitura original do vão, semelhante à usada pelo arquitecto Eduardo Souto de Moura na Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro numa Pousada, em Braga.

Relativamente às portadas, tal como nos caixilhos, a solução adoptada também passa pela reutilização das mesmas. Serão efectuadas pequenas alterações como a introdução de aros de madeira e/ou a substituição das ferragens existentes por novas mais eficientes.

---

[95] TEIXEIRA, Joaquim - *Salvaguarda e valorização do edificado habitacional da cidade histórica*. Dissertação de Doutoramento na área científica de Arquitectura. Porto: FAUP, 2013, p.625

[96] Idem, p.631

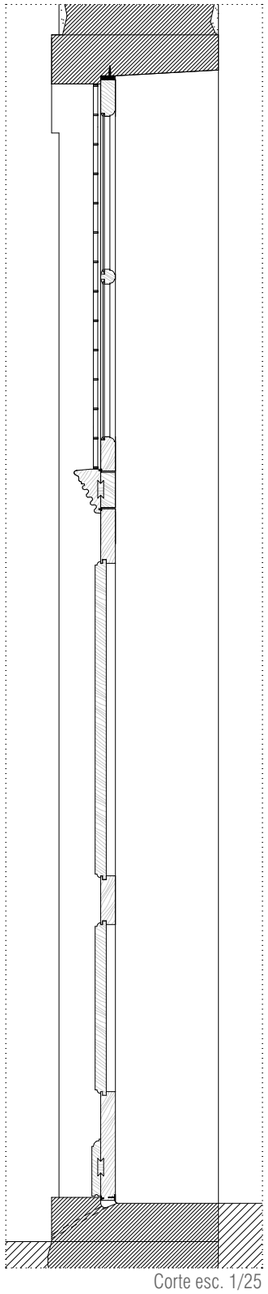


LEGENDA :

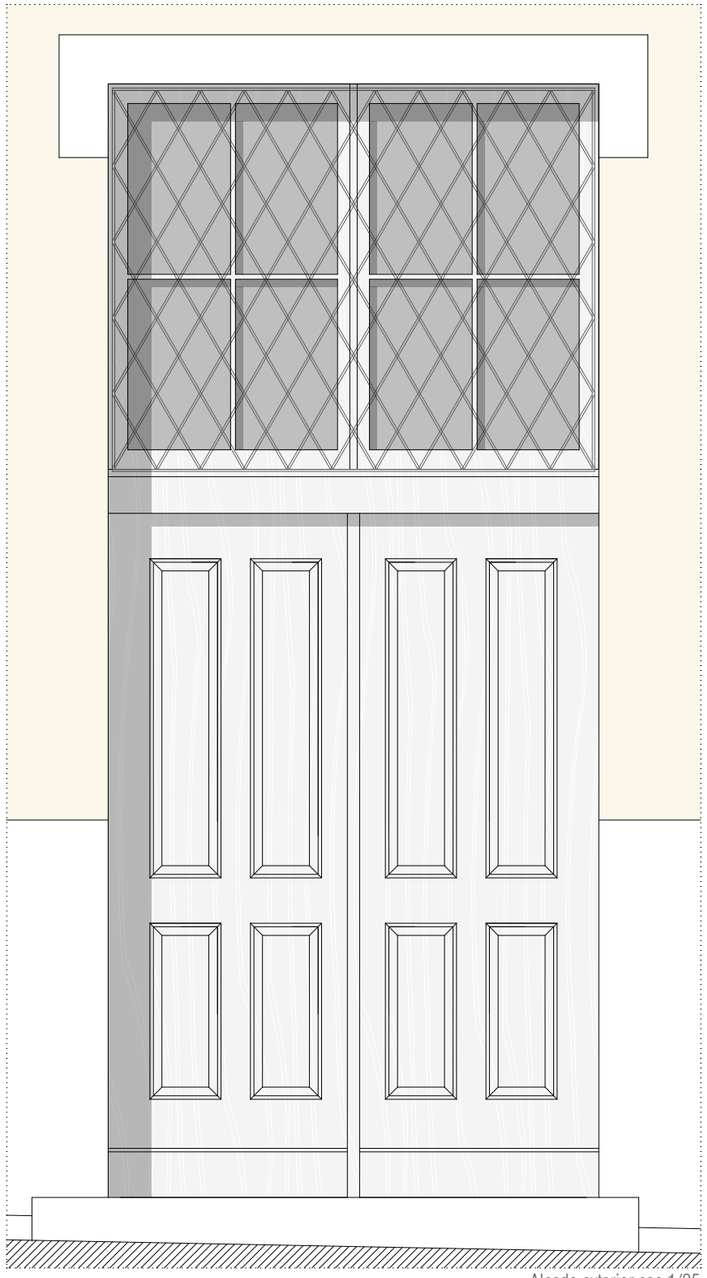
Existente Recuperado / Novo

1 - Asna de madeira
2 - Forro de madeira
3 - Isolamento térmico e acústico 80 mm
4 - Barreira pára-vapor
5 - Contra ripa de madeira
6 - Ripa de madeira
7 - Telha Marselha
8 - Telha de beirado
9 - Argamassa de fixação
10 - Algeroz da fachada
11 - Portada de madeira com duas folhas
12 - Janela de sacada com caixilho de batente
13 - Guarda de ferro varanda
14 - Lage de betão armado 200 mm
15 - Parede de alvenaria 650 mm (piso 0)
16 - Reboco armado
17 - Portada de madeira com três folhas
18 - Caixilho basculante de ferro de perfil reduzido
19 - Guarda de ferro janelas
20 - Terra
21 - Caixa de brita compactada 150 mm
22 - Argamassa de assentamento 20 mm
23 - Massame de betão leve 100mm
24 - Microbetão 50 mm
25 - Manta geotextil 30 mm
26 - Tela asfáltica 35 mm
27 - Sapata
28 - Algeroz da parede meação
29 - Parede de alvenaria 550 mm (piso 1)

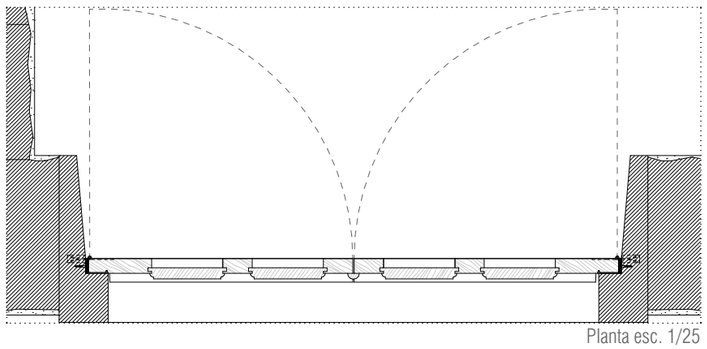
Fig.133. Corte construtivo (estrutura permanente) esc. 1:25



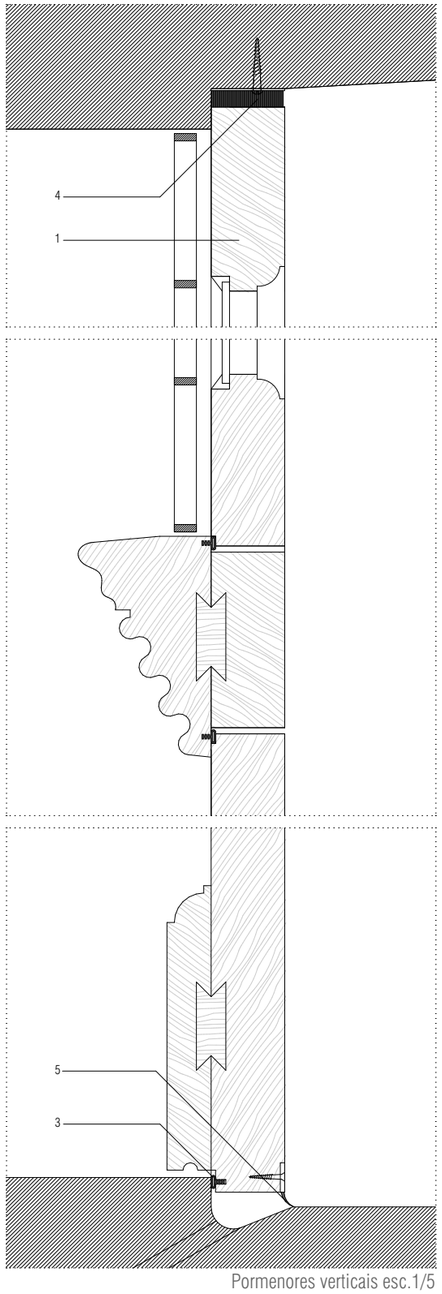
Corte esc. 1/25



Alçado exterior esc.1/25



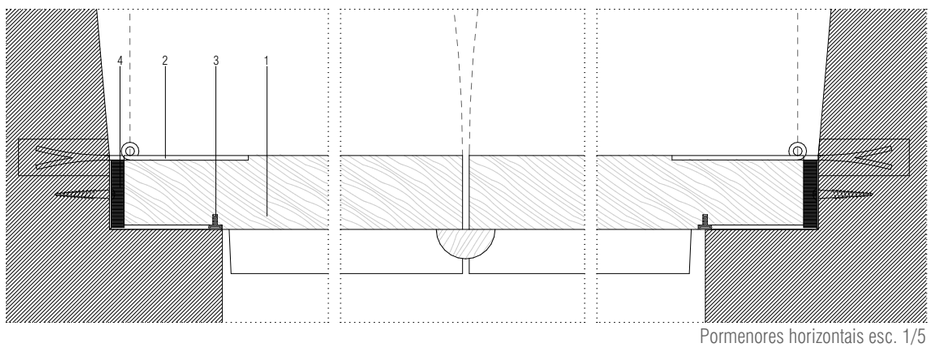
Planta esc. 1/25



Pormenores verticais esc.1/5

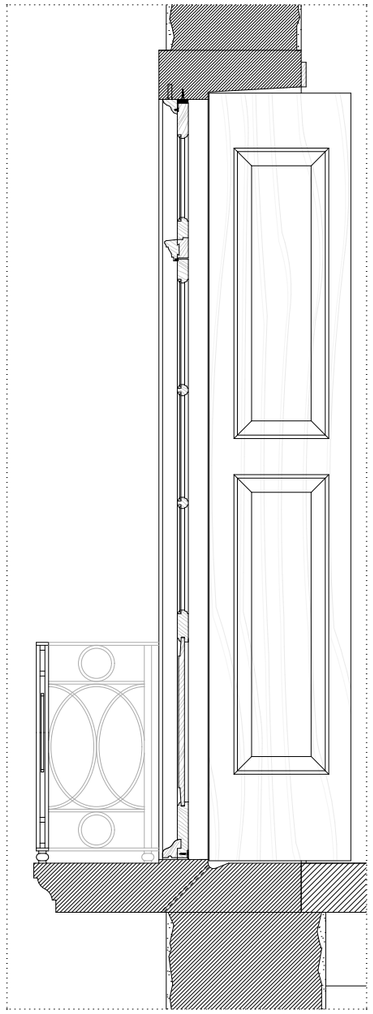
LEGENDA:

1 - Caixilho de madeira existente
2 - Dobradiça
3 - Perfil vedante de neoprene
4 - Perfil vedante tipo pelúcia
5 - Perfil vedante tipo pestana

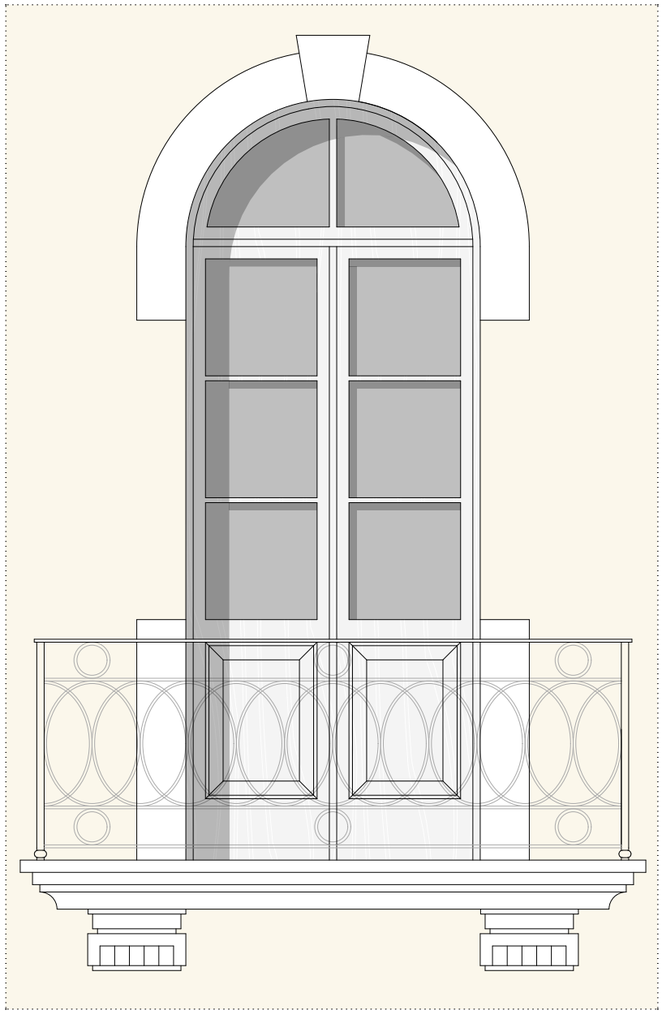


Pormenores horizontais esc. 1/5

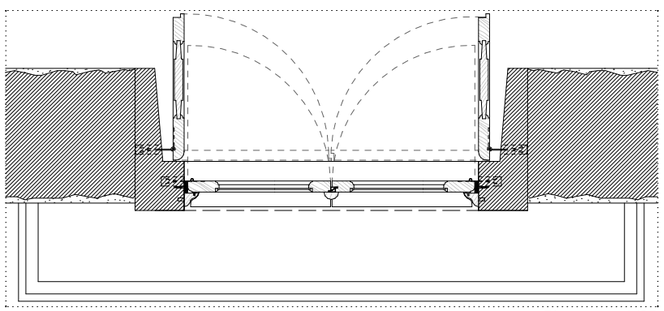
Fig.134. Porta exterior com duas folhas - melhorias introduzidas



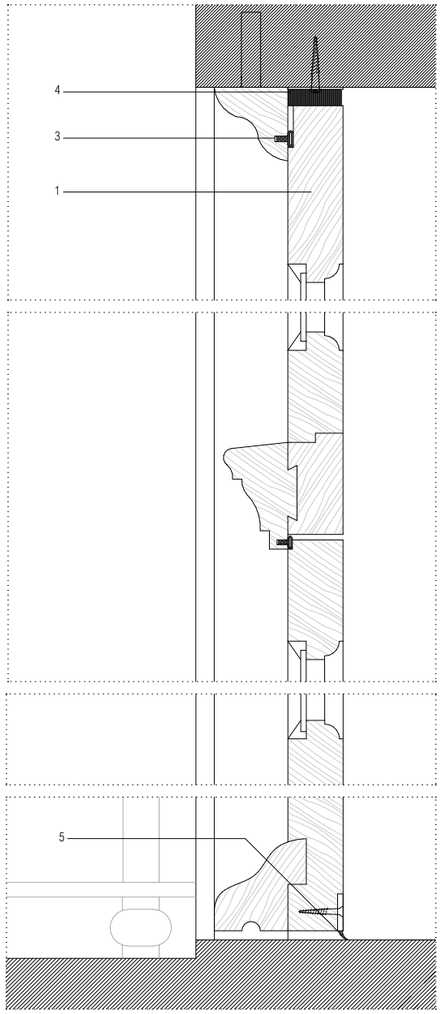
Corte esc. 1/25



Alçado exterior esc.1/25



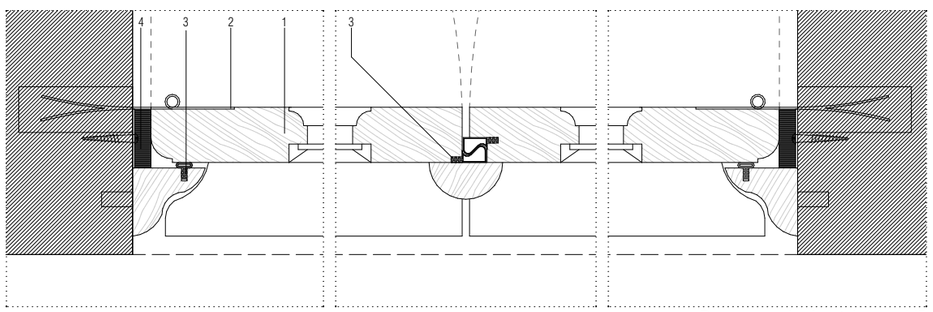
Planta esc. 1/25



Pormenores verticais esc.1/5

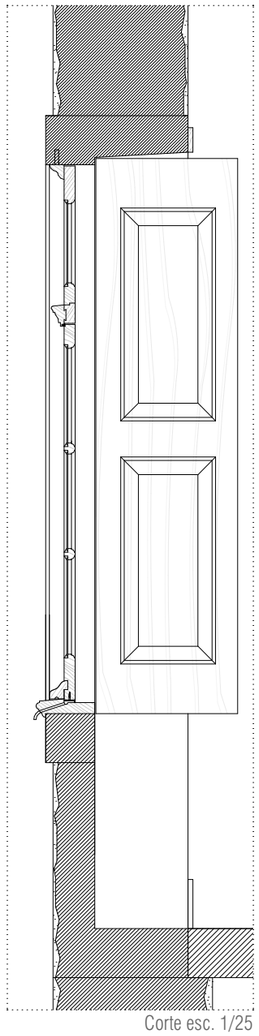
LEGENDA:

1 - Caixilho de madeira existente
2 - Dobradiça
3 - Perfil vedante de neoprene
4 - Perfil vedante tipo pelúcia
5 - Perfil vedante tipo pestana



Pormenores horizontais esc. 1/5

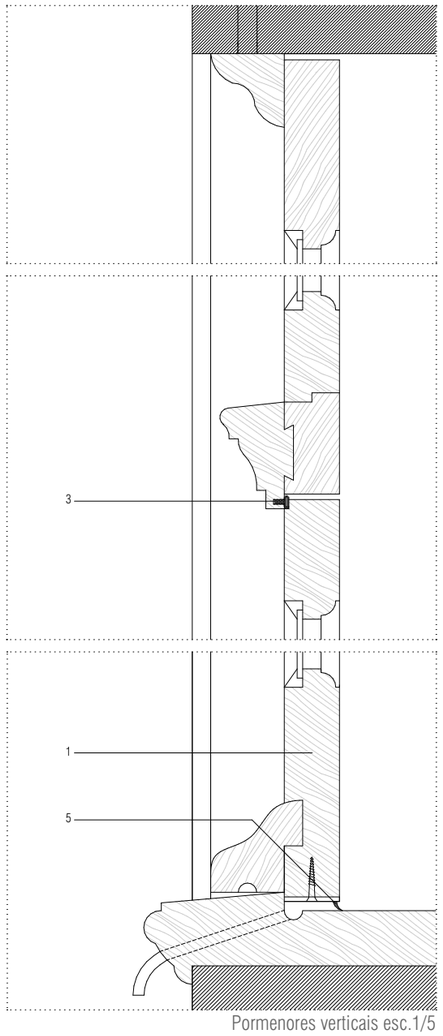
Fig.135. Janela de batente (sacada) - melhorias introduzidas



Corte esc. 1/25



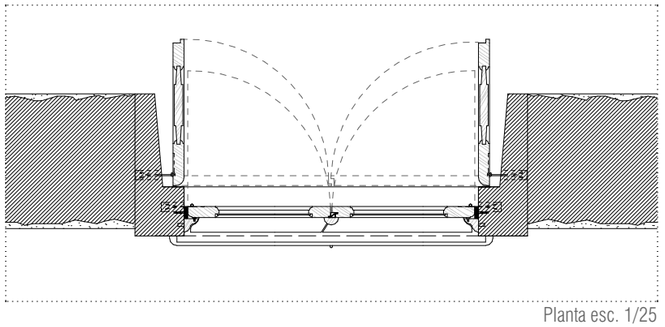
Alçado exterior esc.1/25



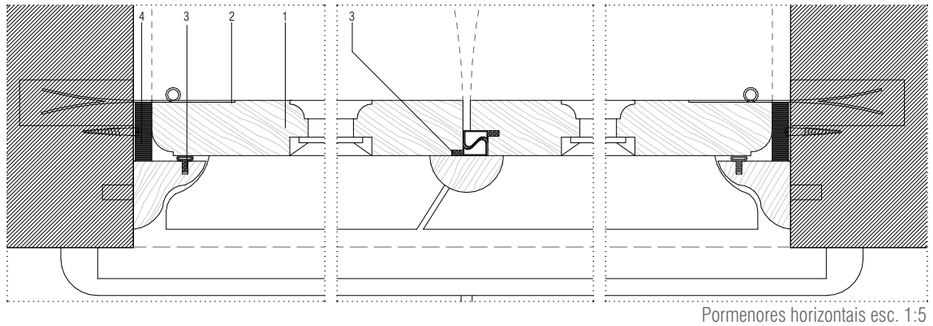
Pormenores verticais esc.1/5

LEGENDA:

1 - Caixilho de madeira existente
2 - Dobradiça
3 - Perfil vedante de neoprene
4 - Perfil vedante tipo pelúcia
5 - Perfil vedante tipo pestana

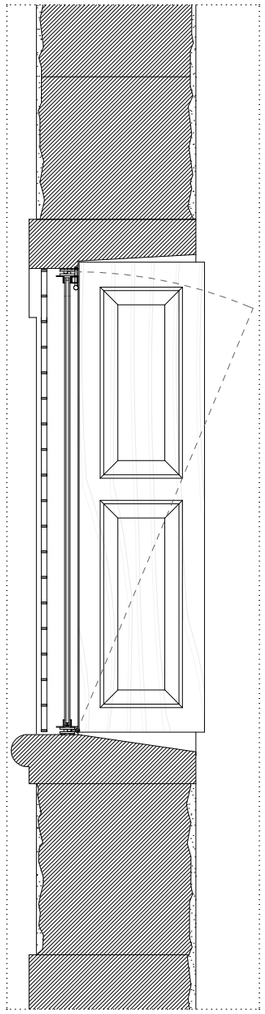


Planta esc. 1/25

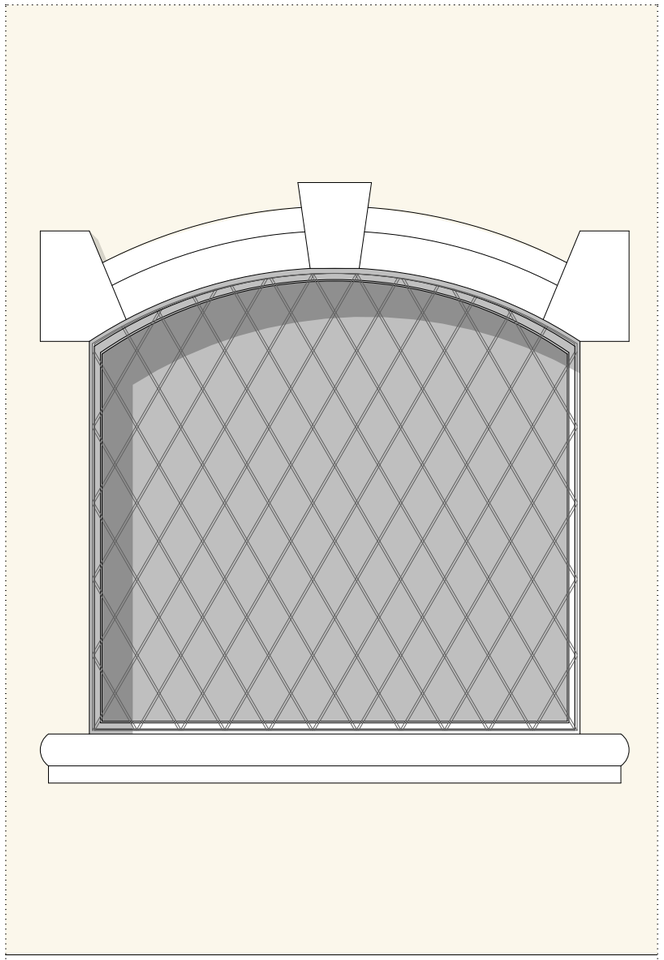


Pormenores horizontais esc. 1:5

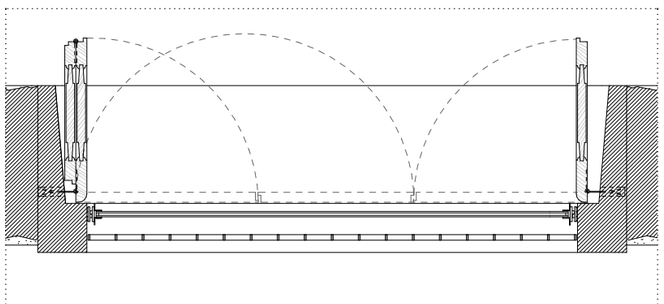
Fig.136. Janela de batente (peito) - melhorias introduzidas



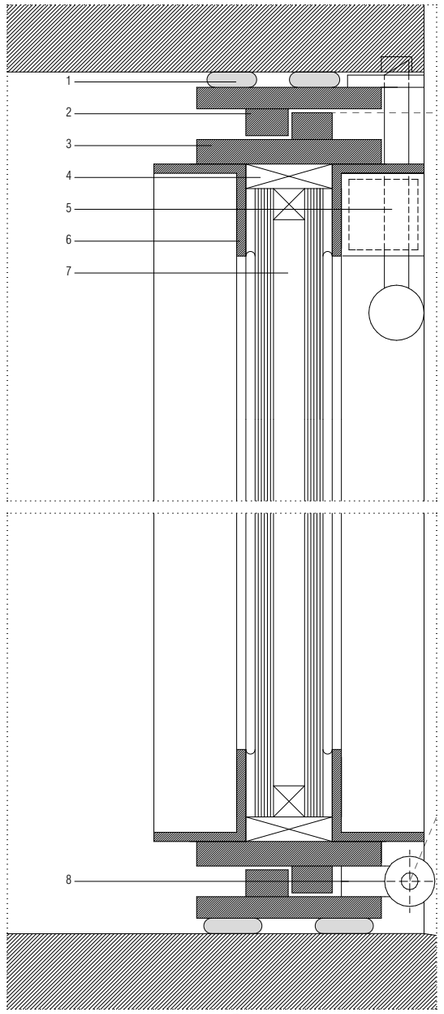
Corte esc. 1/25



Alçado exterior esc.1/25



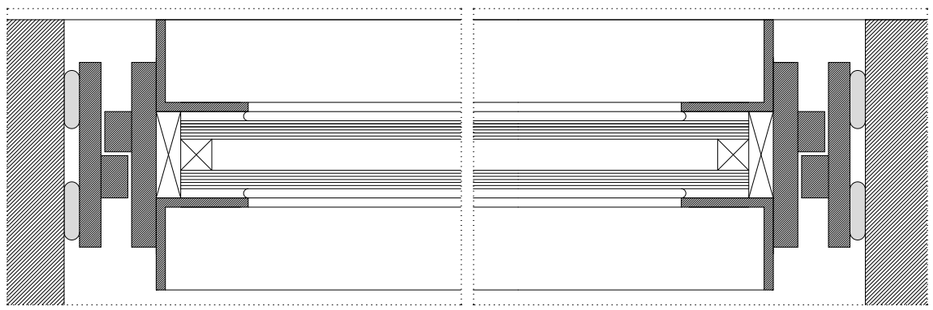
Planta esc. 1/25



Pormenores verticais esc.1/2

LEGENDA:

1 - Silicone
2 - Varão em aço inox 14 x 8 mm
3 - Barra chata em aço inox 60 x 6 mm
4 - Calço em neoprene
5 - Puxador
6 - Cantoneira em aço inox 30 x 30 mm
7 - Vidro duplo (6+10+6)
8 - Dobradiça



Pormenores horizontais esc. 1/2

Fig.137. Janela basculante (peito) - caixilho introduzido

3.4.2. O efémero

Contudo, apesar da restituição do edifício original, foi necessário criar um conjunto de dispositivos que permitissem a implementação dos novos usos, adequados às necessidades de conforto e habitabilidade exigidas e que permitiram "pôr o edifício a funcionar". Para o desenho destes novos dispositivos foi elaborado um conjunto de premissas que regraram o pensamento dos mesmos: intervir o mínimo na estrutura e envolvente; evitar introduzir cargas adicionais; optar por estruturas facilmente montáveis e desmontáveis; serem reversíveis e aptos a diferentes usos; e por último, facilitar o acesso às infra-estruturas, de modo a assegurar a sua manutenção e reparação.

Estabelecidas as condicionantes, desenvolvemos um módulo com 2 metros de largura por 3,90 de profundidade – associado à métrica da estrutura existente (distância entre pilares/asnas) – que é multiplicado e apropriado de formas distintas de modo a responder às necessidades de cada piso e acomodar as instalações necessárias para os compartimentos correspondentes. (fig.138). No piso térreo é pensado como: cozinha coletiva/bar; instalações sanitárias; elevador e instalação sanitária acessível. E no piso superior como: copa e casa de banho; elevador e arrumos/área técnica. As dimensões, reduzidas ao mínimo, quer em planta, quer em altura – pé direito de 2,40 metros – permitem que se crie este núcleo distribuidor, próximo da escala humana, inserido num espaço amplo comum, para que todos compartimentos possam usufruir de luz e ventilação natural.

Contudo, como podemos verificar no subcapítulo referente à proposta projectual, estas "ilhas organizadoras" têm abordagens distintas em ambos os pisos (fig.139), como forma de se adaptarem às necessidades programáticas que propomos para cada um. Como já referimos, o piso térreo privilegia o espaço na sua amplitude, com um carácter mais público, de uso coletivo. Porém, no primeiro piso, propusemos uma abordagem diferente, de certo forma oposta ao uso do piso térreo. Não só para salientarmos a diversidade programática que é possível propor para este antigo armazém, mas também como forma de acentuarmos a flexibilidade do módulo, ao se apropriar facilmente a diferentes usos.

Deste modo, ao propormos um uso de carácter mais privado no primeiro piso, privilegiando o espaço delimitado por cada módulo, as condições de habitabilidade tornam se obrigatoriamente mais exigentes. O núcleo é prolongado até a fachada, permitindo isolar dignamente, térmica

e acusticamente, cada módulo. Por sua vez, com a extensão do mesmo, é possível ainda o reaproveitamento do espaço entre as asnas do primeiro piso, como se tratasse de um piso intermédio, como referimos anteriormente.

Para o suporte destes núcleos é selecionado um sistema construtivo metálico conhecido como *Light Steel Framing*[97] , ou, aço leve (fig.140). Estas estruturas, em aço galvanizado têm como principais vantagens a sua leveza, resistência, rapidez de construção e facilidades transporte, sendo por este motivo o método que consideramos mais adequado em relação às exigências referidas anteriormente. Por sua vez, estas estruturas são revestidas por painéis de contraplacado fabricado com folhas de madeira de bétula, que além de encerrarem os espaços criados pelas estruturas de metal, ajudam a conferir estabilidade e solidez às mesmas. No espaço compreendido entre os painéis é aplicada lã de rocha, que permite isolar térmica e acusticamente estes módulos, sendo ainda possível usar as perfurações existentes nos perfis de aço leve para a passagem de instalações, como a água e eletricidade.

Com o mesmo carácter provisório, são desenhadas as escadas de serviço (fig.125), como uma estrutura leve, de metal, solta da parede pedra pré-existente. Estas peças surgem para aceder aos arrumos e galeria técnica, no piso térreo, e ao piso intermédio da divisão superior.

Por fim, entre as condicionantes técnicas das infra-estruturas é de salientar ainda os ductos verticais/*couretes* destacados ao longo da proposta de intervenção (representados a vermelho nos desenhos), pela importância que têm na concepção do projecto, ao proporcionarem a ponte entre o perene/permanente e o efémero/temporário. Ductos estes, introduzidos para acomodar as instalações necessárias para o funcionamento dos módulos, como o abastecimento de água, drenagem de esgotos, ventilação e rede eléctrica, que optamos por evidenciar na intervenção

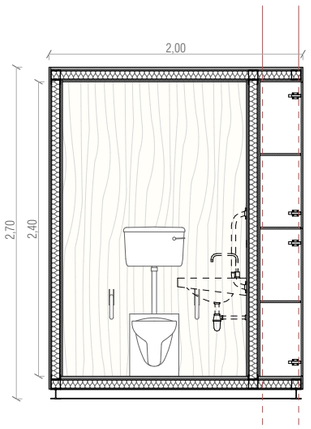
---

[97] *"A construção em Aço Leve (também conhecida pela expressão inglesa Light Steel Framing) é um sistema que se baseia na utilização de aço como elemento principal de uma estrutura. Desta forma, em vez de uma abordagem mais tradicional de betão e tijolo, a estrutura de uma construção é constituída por centenas de perfis metálicos em aço galvanizado e enformados a frio. Os perfis em Aço Leve são produzidos a partir de chapas de aço com reduzida espessura e por isso, aliam à sua alta resistência uma leveza considerável. Deste modo, para além de se obter um melhor desempenho a nível da segurança estrutural, é igualmente possível conceder uma maior liberdade criativa na concepção do projecto. O sistema Light Steel Framing pode também ser utilizado para a reabilitação de edifícios, nomeadamente em centros históricos onde as zonas de acesso costumam ser mais limitadas. É importante referir que a reabilitação ou remodelação de espaços em edifícios antigos permite manter o mesmo aspecto ou traçado existente, trazendo contudo melhorias significativas em termos de conforto e segurança. Numa obra de reabilitação, algumas vantagens do Aço Leve são ainda mais relevantes: é o caso da rapidez de construção, da redução das dificuldades de transporte e elevação, da ausência da necessidade de reforçar a estrutura do edifício e da redução de escombros."*
in https://www.perfisa.pt/construcao-em-light-steel-framing (Consultado a 27 de Fevereiro de 2018)

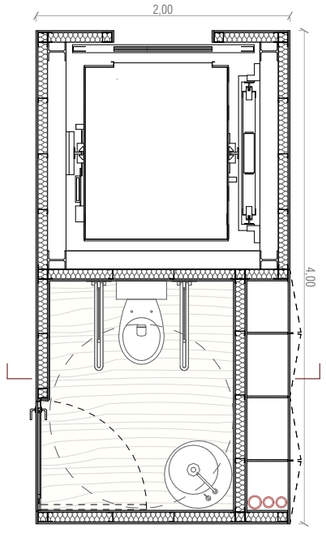
(fig.141). Esta opção facilita não só a manutenção das suas condutas, como ainda reafirma a modulação do espaço. Estes ductos gerais, isolados térmica e acusticamente, permitem a ligação ao sistema de desenfumagem no exterior, que surgem no mesmo alinhamento, assim como a ligação à rede de águas pública, localizado no pavimento do passeio da via pública, cuja conexão aparece dissimulada no piso térreo.

Por sua vez, para o benefício do conforto e segurança, estas *couretes* permitem ainda assegurar o sistema de ventilação proposto para o edifício. Em prol de uma atitude mais sustentável, propomos um sistema de ventilação misto, no qual a extração de ar é feita mecanicamente através de ventiladores existentes nos compartimentos de serviço, as instalações sanitárias e cozinhas, diretamente ligados aos ductos verticais, e a admissão de ar natural junto das janelas. Aqui, o reforço das vedações das caixilharias e portadas existentes, já mencionado, têm o papel crucial ao ajudar a reduzir as perdas térmicas durante a noite.

Contudo, admitimos que não são cumpridas as normas de renovação de ar, aquecimento e arrefecimento desejáveis, uma vez que a inserção de equipamentos adequados para um melhor controlo da temperatura do edifício entraria em conflito com o carácter da proposta, uma intervenção sustentável e pouco intrusiva. Além de dispendiosos, a inserção destes equipamentos de grandes dimensões acarreta condicionantes técnicas, quer pela quantidade de tubagens, quer pelo diâmetro das mesmas, assim como pelo impacto do mesmos no exterior. Porém, caso se revele necessário, deixamos em aberto a instalação de sistemas de ar condicionado convencional, (também conhecido como *split*) cuja ligação das unidades ao exterior estariam assegurada pelos ductos destacados, que permitem a passagem das tubagens necessárias.

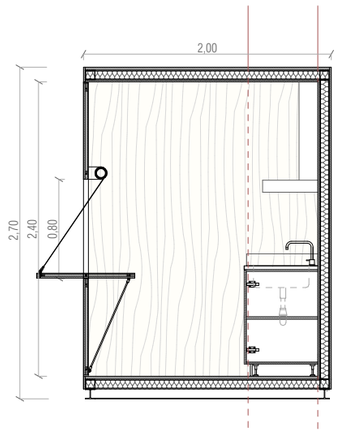


Corte transversal 1:50

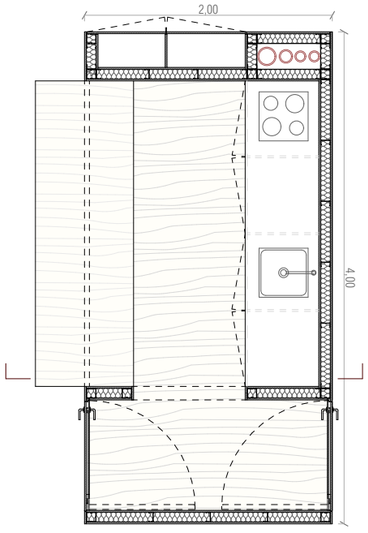


Planta 1:50

Módulo acessibilidades

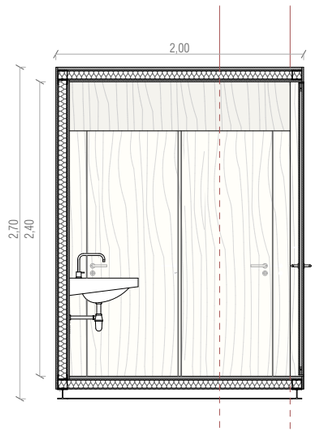


Corte transversal 1:50

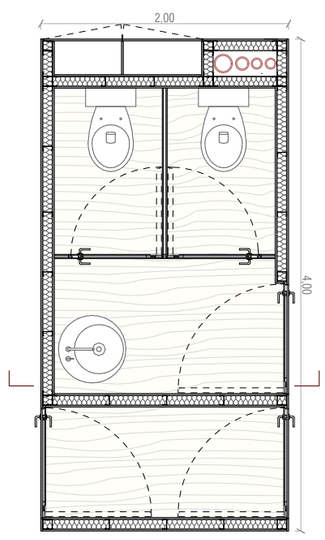


Planta 1:50

Módulo cozinha coletiva/bar

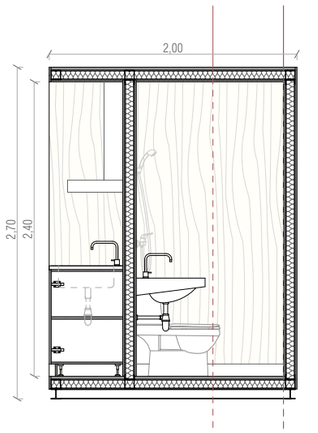


Corte transversal 1:50

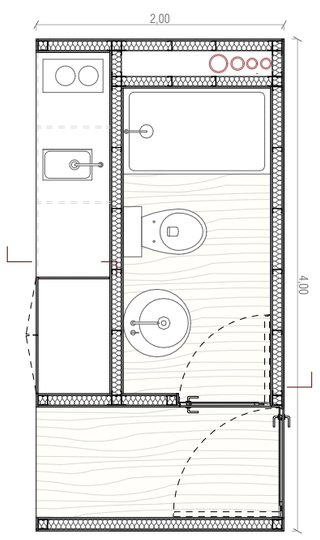


Planta 1:50

Módulo instalação sanitária



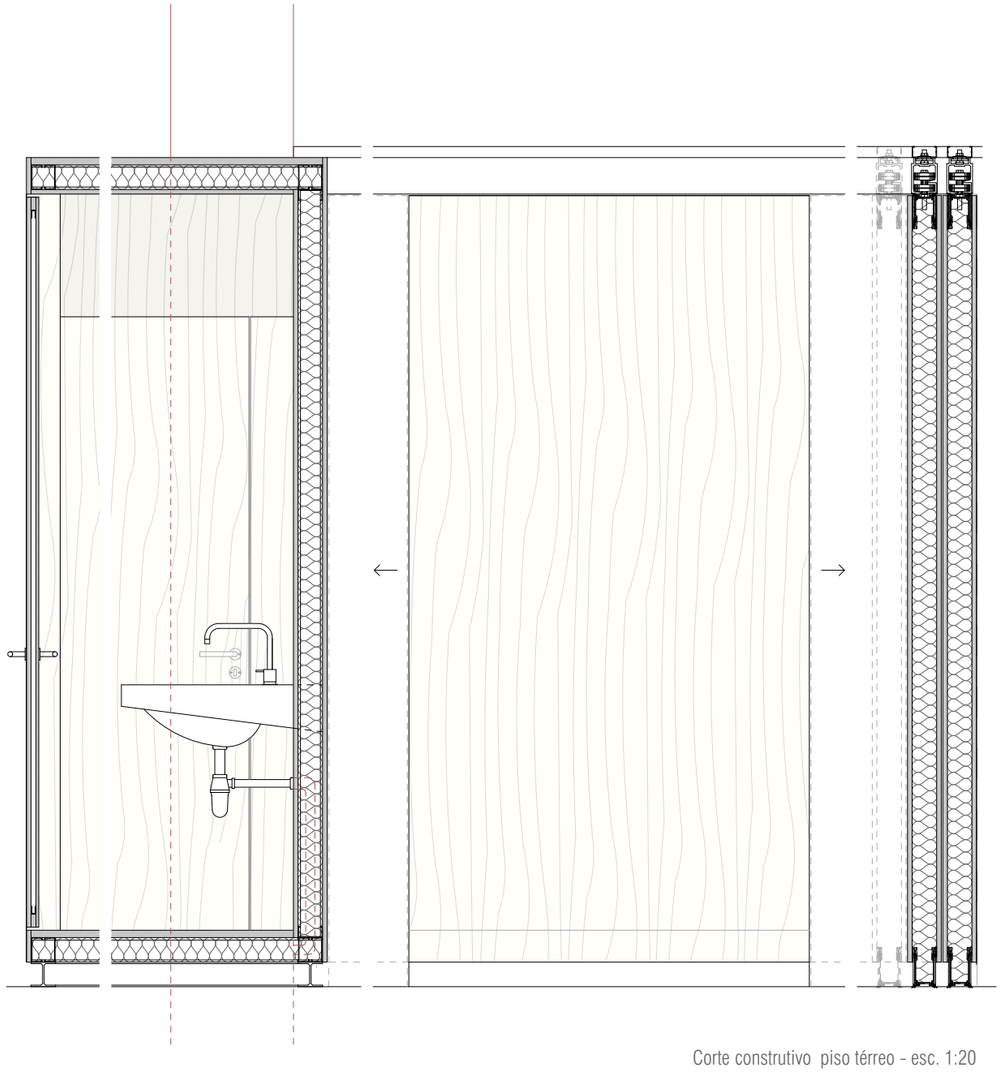
Corte transversal 1:50



Planta 1:50

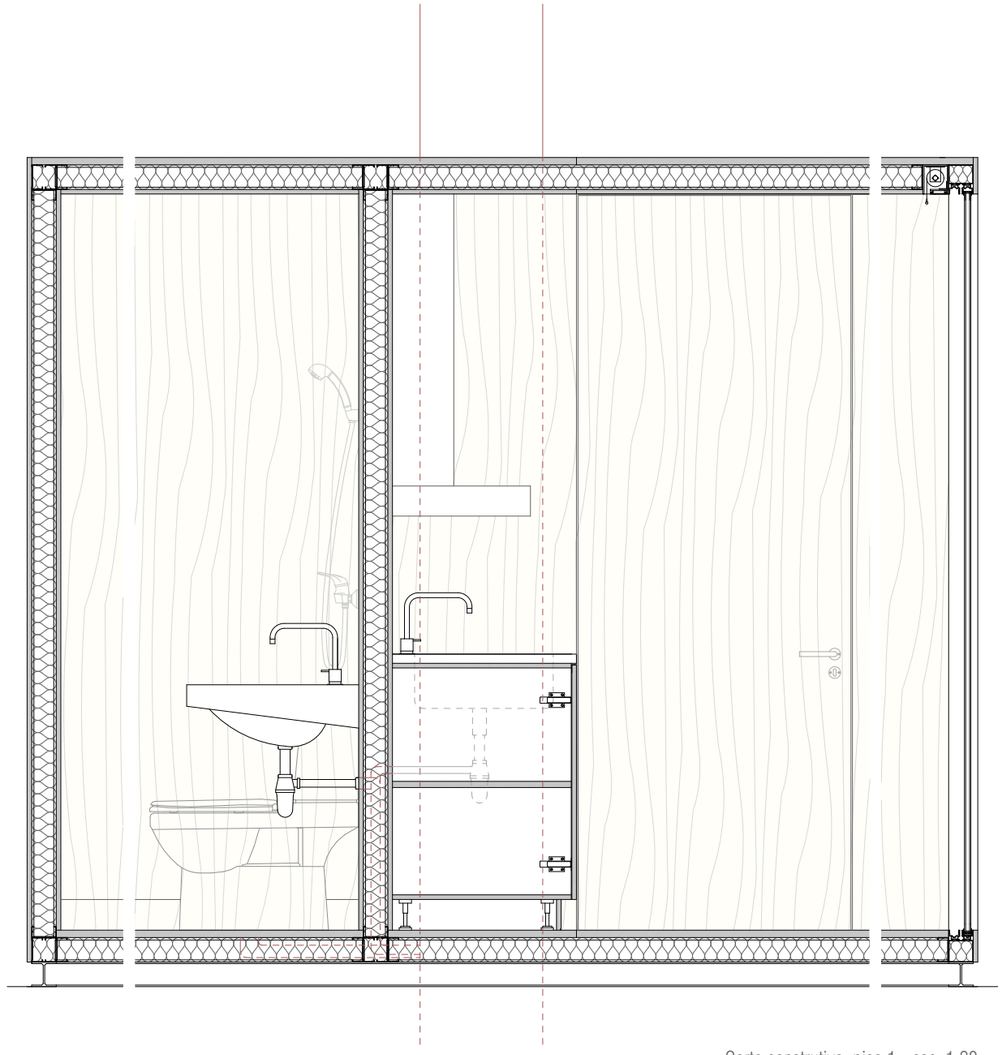
Módulo copa + casa de banho

Fig.138. Variantes do módulo



Corte construtivo piso térreo - esc. 1:20

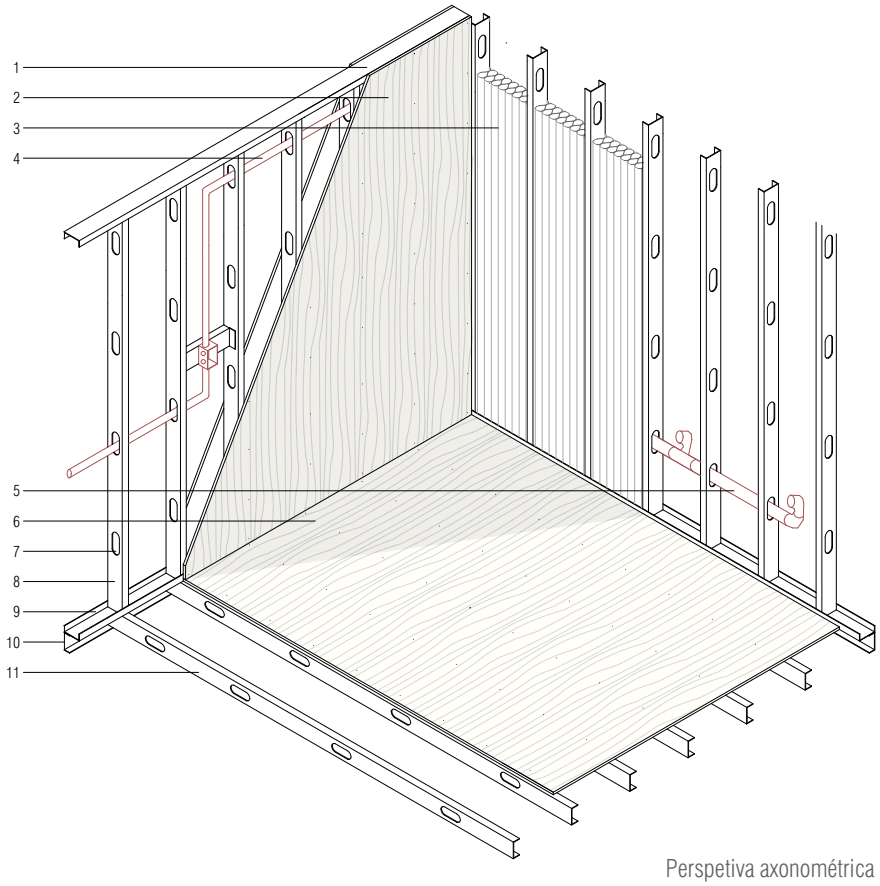
Paineis de correr (espaços abertos)



Corte construtivo piso 1 - esc. 1:20

Caixilharia de vidro de correr (espaços encerrados)

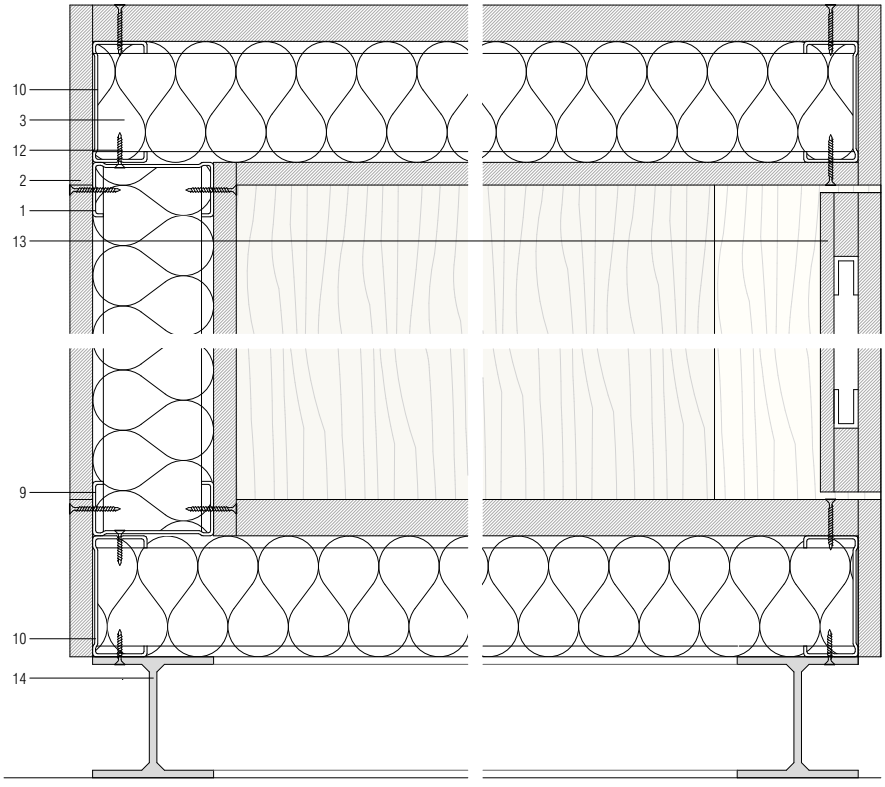
Fig.139. Apropriação dos módulos ao espaço



Perspetiva axonométrica

Legenda:

1 - Montante em aço leve 80 mm - soleira superior
2 - Contraplacado de bétula tipo "Wisa-Shauman" 15 mm
3 - Placas semi rígidas de lã de rocha 80 mm
4 - Conduta de eletricidade
5 - Conduta de àgua
6 - Contraplacado de bétula tipo "Wisa-Shauman" 24 mm
7 - Perfurações alinhadas que permitem a passagem de condutas
8 - Montante em aço leve 80 mm - perfil "C"
9 - Montante em aço leve 80 mm - soleira inferior
10 - Montante em aço leve 80 mm - sanefa
11 - Montante em aço leve 80 mm - viga entre piso
12 - Parafuso
13 - Porta de abrir pivotante 900 mm x 2700 mm
14 - Perfil metálico 80 x 80 mm (suporte da estrutura em aço leve)



Pormenores verticais - esc. 1:5

Fig.140. Pormenores construtivos do módulo

LEGENDA :

Existente Recuperado / Novo

1 - Asna de madeira
2 - Forro de madeira
3 - Isolamento térmico e acústico 80 mm
4 - Barreira pára-vapor
5 - Contra ripa de madeira
6 - Ripa de madeira
7 - Telha Marselha
8 - Argamassa de fixação
9 - Telha de beirado
10 - Algeroz da fachada
11 - Caixilho de dulo rail tipo "VITROCSA"
12 - Portada de madeira com duas folhas
13 - Janela de sacada com caixilho de batente
14 - Guarda de ferro varanda
15 - Lage de betão armado 200 mm
16 - Parede de alvenaria 650 mm (piso 0)
17 - Reboco armado
18 - Tirante de metal
19 - Guarda de ferro janelas
20 - Portada de madeira com três folhas
21 - Caixilho basculante de alumínio novo de perfil reduzido tipo "SAPA SLIM CASE"
22 - Paredes divisórias de correr tipo "MAXPERETE"
23 - Terra
24 - Manta geotextil 30 mm
25 - Caixa de brita compactada 150 mm
26 - Argamassa de assentamento 20 mm
27 - Tela asfáltica 35 mm
28 - Massame de betão leve 100mm
29 - Microbetão 50 mm
30 - Ligação à rede de águas pública
31 - Pavimento exterior público
32 - Chaminé
33 - Ducto infrastrutural 200 mm x 575 mm revestido com 30 mm de lã de rocha
34 - Escadas de serviço em metal
35 - Parede de alvenaria 550 mm (piso 1)
36 - Algeroz da parede meação

- Área do ducto destinada a tubagens
- Tubagens (extração de ar mecânica, drenagem de esgotos, abastecimento de águas)
- Renovação do ar (admissão de ar natural e extração de ar mecânica)
- Renovação do ar (proposta de ar condicionado convencional (*split*))

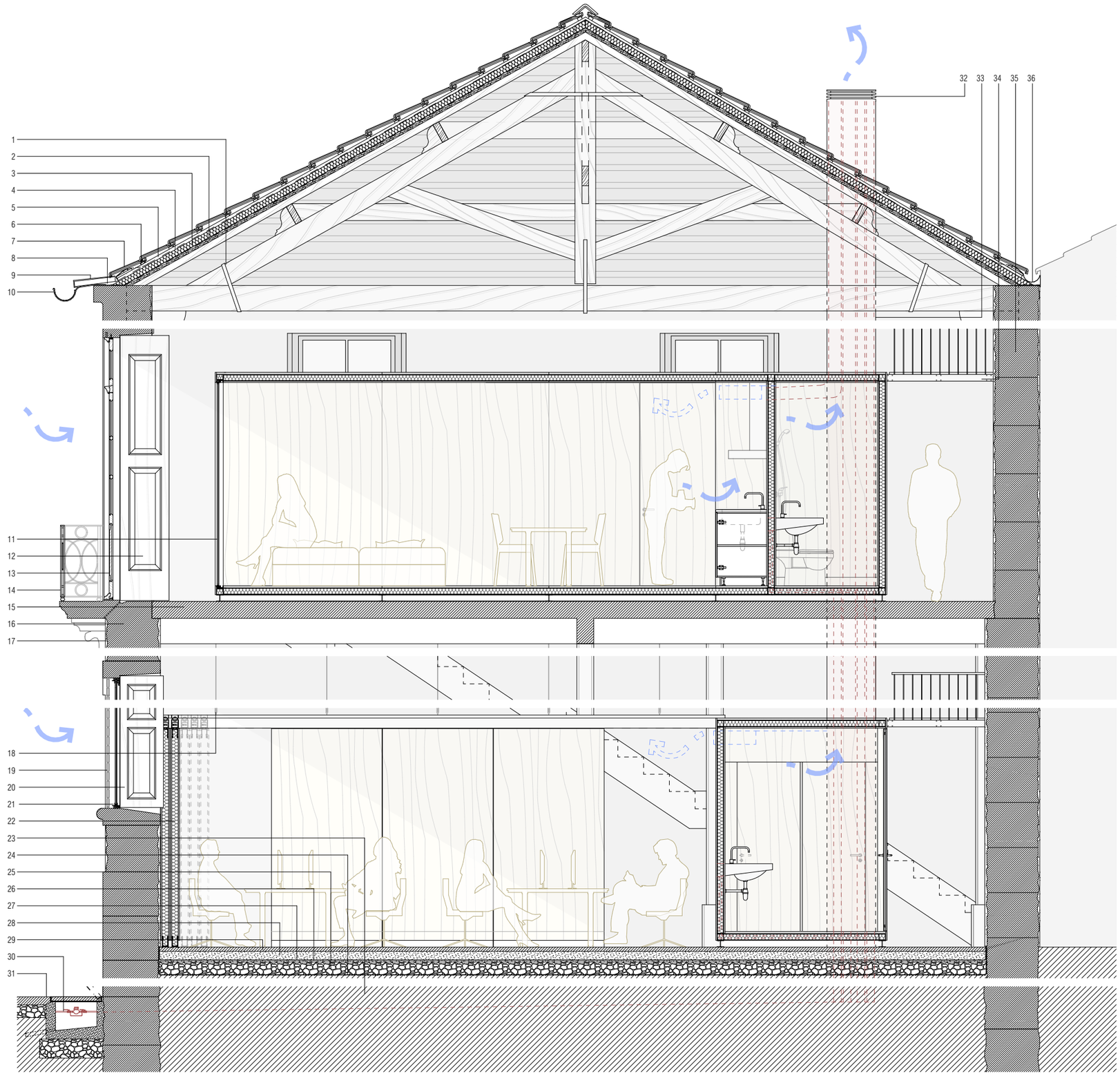


Fig.141. Corte esquemático/construtivo esc.1:50

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação que aqui apresentamos permitiu elaborar uma metodologia reflexiva e projectual relativa à prática de intervenção no edificado existente, com valor patrimonial. O contributo das diversas teorias em torno desta matéria que surgiram ao longo dos tempos, incluindo as mais recentes, manifestaram-se fundamentais para uma aproximação a esta temática, assim como se tornaram essenciais para a interpretação e definição de uma estratégia de intervenção, focada no nosso caso de estudo, o Antigo Armazém de Vinho Porto, localizado no Cais de Gaia.

Este pequeno armazém, característico do antigo Entreposto de Vinho do Porto, paisagem urbana associada à exploração vinícola, carrega uma enorme tradição histórica como em tantas outras unidades industriais, instaladas não só em Portugal, como por toda a Europa. Como verificamos, factores como a deslocação da produção, a terciarização e a evolução tecnológica, contribuíram significativamente para o abandono destas áreas e a consequente degradação das mesmas, pondo em causa a salvaguarda destes testemunhos para a memória das gerações futuras.

Como tal, torna-se essencial documentar este tipo de edificado e garantir o levantamento do património industrial, como forma de evidenciar os seus elementos de valor arquitectónico, patologias, características construtivas e da envolvente onde se insere, capazes de aclarar os diferentes tempos de construção e ocupação, preservando assim a história destes núcleos urbanos. Em simultâneo, é também pertinente a criação estratégias enquadradas nas condicionantes económico-sociais contemporâneas, capazes de contribuir para a requalificação dos centros históricos, como forma de demonstrar que é possível transformar estas problemáticas em oportunidades desenvolvimento para as cidades.

Por sua vez, estas questões são ainda mais oportunas quando o objecto de estudo se insere num contexto histórico que nos é bastante próximo, tornando-se ainda mais relevante esta reflexão, dadas as actuais transformações face ao património dos centros históricos do Porto e Vila Nova de Gaia. Como vimos, o nosso caso de estudo é parte integrante de um núcleo urbano consolidado, no qual a realidade transmitida pela paisagem urbana onde se insere, encontra-se longe das dinâmicas culturais, sociais e urbanas que lhe deu origem.

Consideradas as potencialidades deste edifício industrial, quer pelo seu valor patrimonial, quer pela sua localização estratégica, desenvolveu-se uma metodologia de intervenção para este caso de estudo, como forma de responder ao problema levantado – o património industrial

devoluto. Uma reflexão, sobre a forma de projecto, capaz de salvaguardar e valorizar a sua história e materialidade, e, em simultâneo, adaptar o permanente ao que apuramos serem as necessidades da sociedade contemporânea e do lugar. Uma hipótese de retorno à cidade, através de equipamentos sociais e culturais capazes de dinamizar o espaço e de atrair novos públicos, que se preocupa com a preservação da configuração original do edifício e identidade do lugar, convertendo-o num novo espaço, útil para a cidade.

A solução proposta procura responder aos problemas inerentes à temática da intervenção em património industrial, que resulta da interpretação das condicionantes do lugar e do edifício. Estabelece-se uma relação entre o permanente e o temporário, desde a aproximação territorial ao detalhe construtivo, na medida em que o novo procura adaptar-se ao existente, sem perturbar a sua história, pelo contrário, dando-lhe continuidade.

O programa, por sua vez, é proposto de uma forma simples e com poucos recursos, através de estruturas móveis, com carácter efémero, localizadas estrategicamente de forma a definirem os espaços enunciados, que podem ser utilizados de uma forma livre e espontânea, revelando uma flexibilidade de usos. Tira-se ao máximo partido do potencial dos materiais usados, com autenticidade e sobriedade, sem negar o pré-existente.

Propusemos uma solução não só para as preocupações urbanas e arquitectónicas, mas também às tectónicas e infra-estruturais, ao se actualizarem os níveis de conforto e segurança do edifício com a integração de uma nova rede infra-estrutural, fazendo prevalecer o património edificado. Procuramos o melhor proveito do que à partida seria a adversidade da proposta, que causaria um impacto visual negativo devido ao grau de intrusividade, isto é, a introdução de elevadores, instalações sanitárias e infraestruturas, e assumimo-la como matéria do projecto, com um propósito bem delineado, estabelecer a ponte entre o permanente e o temporário. Há uma intenção clara em assumir o problema das infra-estruturas, comum à maioria das propostas de intervenção em edifícios antigos, particularmente os de interesse patrimonial, e expor o seu lado pedagógico, como forma de incentivar a boas práticas, com a flexiblidade necessária para se ajustar às exigências contemporâneas.

Desta forma, foi possível elaborar uma proposta de intervenção experimental, na qual os usuários são os principais intervenientes ao moldarem o espaço conforme as suas necessidades. Os dispositivos autoportantes propostos organizam intencionalmente o espaço e reconfiguram o pré-existente, onde a aparência monolítica e abstracta é subvertida através da multiplicidade de usos que resultam das suas caraterísticas deslizantes e rebatíveis. Recorre-se a dispositivos

flexíveis que são interligados pelos intérpretes que experimentam e organizam o espaço.

Esta intervenção sobre o património construído vai além do simples confronto entre o passado e o presente. Neste projecto definem-se objectos aparentemente autónomos para dar resposta às novas necessidades. Objectos estes que se distinguem da estrutura pré-existente pela sua materialidade e configuração formal, valorizando assim a leitura do edifício no seu todo, incluindo a nova intervenção e clarificando a sua evolução histórica. Deste modo, as diferentes camadas que o compõe e sua história ficam expostas e o ambiente resulta numa simultaneidade de tempos que se justapõem e desenham um todo.

Através desta correlação de discursos, entre o permanente e o temporário, o projecto para o Antigo Armazém de Vinho do Porto poderá contribuir para futuras reflexões acerca da intervenção contemporânea não só para o antigo Entreposto de Vinho do Porto de Vila Nova de Gaia, como para outras cidades onde a identidade e a memória do seu património são postas em causa, ao proporcionarmos a implementação de soluções com o mesmo carácter noutros lugares. De certa forma, esta intervenção assume-se também como um complemento à requalificação do núcleo urbano, uma vez que propõe alternativas aos problemas da cidade, criando um novo polo de dinamização, num centro histórico sem vivacidade e abrindo novas possibilidades de operar neste contexto pós-industrial, ao permitirmos que este exemplo sirva de referência para outros casos de património industrial que se encontram devolutos.

É urgente abraçar atitudes mais sustentáveis ao invés das novas construções, de modo a reverter o desrespeito que existe pelo património edificado, particularmente o industrial, permitindo que as gerações futuras reconheçam a herança deixada pelos seus antecessores e, em simultâneo, permitir que num futuro próximo o património industrial volte a ser um meio de desenvolvimento das cidades.

"(...)São cidades como sonhos: todo o imaginável pode ser sonhado mas também o sonho mais inesperado é um enigma que oculta um desejo, ou o seu contrário, um terror. As cidades como os sonhos são construídas de desejos e de medos, embora o fio do seu discurso seja secreto, as suas regras absurdas, as perspectivas enganosas, e todas as coisas escondam outra. (...) Até as cidades julgam ser obra da mente ou do acaso, mas nem uma nem outra bastam para suster as suas muralhas. De uma cidade não desfrutas as sete ou setenta e sete maravilhas, mas sim a resposta que dá a uma tua pergunta."[98]

[98] CALVINO, Itálo - *As cidades invisíveis*. Traduçao de José Barreiros. Alfragide: Teorema, 2011, pág 53 - 44.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA. VV - *Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro*. Eduardo Souto de Moura. Porto, White & Blue, 2001.

AA.VV. – *Edição Comemorativa da Ponte da Arrábida.* Porto: CMP, 1983

AA.VV. -*100 Anos de Património: Memória e Identidade*. Portugal 1910 - 2010. Lisboa: IGESPAR, 2011

AGUIAR, José - *Cor e Cidade Histórica: Estudos Cromáticos e Conservação do Património.* Porto: FAUP, 2002

AGUIAR, José; CABRITA A. M. Reis; APPLETON, João - *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais*. Lisboa: LNEC, 2005, vol.1

ALMEIDA, Carlos, - *A História do Douro e do vinho do Porto*, Volume I. Afrontamento, 2011.

ALMEIDA, Graça, GUIMARÃES, Gonçalves - *Adriano Ramos Pinto: vinhos e arte.* Vila Nova de Gaia: Ramos Pinto, 2013

APPLETON, João - *Reabilitação de Edifícios Antigos, patologias e tecnologias de intervenção*. Lisboa: Orion, 2003.

ARAÚJO, Henrique - *A Casa Ferreira. A construção Antropológica do sucessor*. Lisboa: Quetzal Editores, 2001.

AZEVEDO, João António Monteiro, 1881 - *Descripção Topographica e historica de Villa Nova de Gaya*. Vila Nova de Gaia. 1881

BOITO, Camillo.- *Os restauradores*, Coleção Artes e Ofícios, Ateliê Editorial, 2008

BRANDÃO, Pedro - *A identidade dos lugares e sua representação coletiva*. Lisboa: CESUR-IST, 2008

CALVINO, Itálo; - *As cidades invisíveis*. Traduçao de José Barreiros. Alfragide: Teorema, 2011

CANNATÀ, Michele; FERNANDES Fátima - *Construir no tempo*. Lisboa: Estar-editora, 1999

CAPITEL, Anton, - *Metamorfosis de monumentos y teorias de la restauración*, Madrid: Alianza Forma, 1992.

CARVALHO, José Rentes de - *Ernestina*. Lisboa: Quetzal Editores, 2014

CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património*. Colecção Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70, 2010

CHOAY, Françoise - *As Questões do Património, Antologia para um combate.* Colecção Arte e Comunicação. Lisboa: Edições 70, 2011

COSTA, Alves e FERNANDEZ, Sérgio - *Atelier 15*; Lisboa: Uzina Book, 2014

DEPLAZES, Andrea – *Constructing architecture : materials processes structures : a handbook.* Basel: Birkhäuser, 2008

DIAS, Manuel Graça – *João Mendes Ribeiro, arquitectura e cenografia*. Coimbra: XM, 2003

ESPOSITO, Antonio - *Eduardo Souto de Moura*. Barcelona: GG, 2003

FÔIJA, João; NASCIMENTO, Eduardo; RIBEIRO, João Mendes – *Casa da Escrita, Coimbra*. Coimbra: CMC, 2013

FREITAS, Vasco (coord) - *Manual de Apoio ao Projecto de Reabilitação de Edifícios Antigos*. Porto: OERN, 2012

GRACIA, Francisco de - *Construir en lo construído: la arquitectura como modificación.* Madrid: Nerea, 2001

GUICHARD, François, PEREIRA, Gaspar Martins, GUIMARAENS, David, - *O Vinho do Porto*. Porto: Instituto do Vinho do Porto, 2003

KOOLHAAS, Rem, BRUCE, Mau - *S, M, L, XL*, Nova Iorque: The Monacelli Press, 1995

MAIOR, Visconde de Villa - *O Douro Ilustrado.* Lisboa: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 1990

RUSKIN, John - *A lâmpada da memória*, Coleção Artes e Ofícios, Ateliê Editorial, 2008.

SIZA VIEIRA, Álvaro - *01 textos,* Porto: Civilização ed., 2009.

SIZA VIEIRA, Álvaro - *Imaginar a evidência*, Lisboa: Edições 70, 2000.

SOLÀ-MORALES, Ignacio de - *Del contraste a la analogia.* Barcelona: Gustavo Gili. 2006

SOLÀ-MORALES, Ignasi de - *Intervenciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006, p. 21

TÁVORA, Fernando - *Da Organização do Espaço*, Porto: FAUP Publicações, 2007.

TOMÉ, Miguel - *Património e Restauro em Portugal,* Porto: FAUP Publicações, 2002.

TOSTÕES, Ana; CANNATÀ, Michele; FERNANDES Fátima (coord.) - *João Mendes Ribeiro: arquitecto : obras e projectos 1996-2003*. Porto: Asa Editores, 2003

VENTURI, Robert - *Complejidad y contradicción en la arquitectura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003

VIEIRA, João, LACERDA, Manuel (coord.) – Kits – *Património Industrial.* Coleção KITS - PATRIMÓNIO; IHRU / IGESPAR, 2010

VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel - *Restauração*. Série Artes & Ofícios. São Paulo: Ateliê Editorial, Série Artes & Ofícios, 2000

Trabalhos académicos / Artigos / Publicações

AA. VV - *Património Arquitectónico. Registo, Interpretação e Critérios de Intervenção*, in «Património Estudos», nº9, Lisboa: IPPAR, 2006

AA.VV - *A la recherche du temps perdu*. JA- Jornal Arquitectos, nº213, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Nov/Dez 2003.

AGUIAR, José - *Memória, Cidade e Projecto - Questões e paradoxos na conservação do património arquitectónico e urbano*, In I Congresso da Ordem dos Arquitectos, Évora, 2000

DOMINGUES, Álvaro - *Património Industrial e Requalificação Urbana: actas do Colóquio de Museologia Industrial - Reconversão e Musealização de Espaços Industriais*; Porto: Associação para o Museu da Ciência e Indústria, 2002

FIGUEIRA, Jorge - *Do Românico ao Minimalismo: os Caminhos da Intervenção Patrimonial em Portugal*, Revista Património, 2016, pág.16 a 23.

LOPES, Nuno Valentim - *Reabilitação de Caixilharias de Madeira em Edifícios do Século XIX e Início do Século XX. Do restauro à selecção exigencial de uma nova caixilharia: o estudo do caso da habitação corrente portuense*. Dissertação de Mestrado em Reabilitação do Património Edificado. Porto: FEUP, 2006

OLIVEIRA, Rafael - *Estratégia(s) de Transformação do Espaço Público no Entreposto do Vinho do Porto em Vila Nova de Gaia* . Prova Final de Licenciamento em Arquitectura . Porto: FAUP, 2006

PEREIRA, António Nunes - *Para uma terminologia da disciplina de protecção do património construído*, In J-A: Jornal dos arquitectos nº213; Lisboa: 2003

PEREIRA, Maria Abrunhosa – *Tipologias de caves do entreposto de Gaia.* Prova de Dissertação.

Professor responsável: Manuel Fernandes de Sá. Porto: FAUP, 2005

PEREIRA, Mariana Abrunhosa - *As arquiteturas do vinho de um porto monofuncional* in Revista da Faculdade de Letras. Porto, III Série, vol. 9, 2008

RIBEIRO, João de Lima Mendes - *Arquitectura e Espaço Cénico, Um percurso biográfico.* Dissertação de Doutoramento na área científica de Arquitectura. Coimbra: FCTUC, 2008

SILVA, Mariana – *Salvaguarda e valorização do Património Industrial em Portugal. Contributo para a Intervenção na Fábrica de Cermâmica das Devesas*. Prova de dissestação. Prof. Responsável: Luís Ferreira, Porto: FAUP, 2015

SIMÕES, Miguel – *Metodologia de intervenção em património edificado. Intervenção num palacete no centro histórico de Braga* . Prova de dissestação. Prof. Responsável: Joaquim Teixeira, Porto: FAUP Publicações, 2016

TEIXEIRA, Joaquim - *Salvaguarda e valorização do edificado habitacional da cidade histórica.* Dissertação de Doutoramento na área científica de Arquitectura. Porto: FAUP, 2013,

TEIXEIRA, Joaquim José Lopes - *Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX*. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Porto: FAUP, 2004

VELOSO, Cláudia - *A história das cidades termina no século XX e não no século XVIII*. Entrevista a Jorge Custódio. In: Pedra & Cal : revista da conservação do património arquitectónico e da reabilitação do edificado. Ano I – Nº 4, 1999

Publicações On-line

Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas. ArchDaily Brasil, 2015 in https://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto (Consultado a 23 de Novembro de 2017)

Caves de Vinho do Porto candidatam-se a património da humanidade. Jornal de Noticias, 2015 in http://www.jn.pt/local/noticias/porto/vila-nova-de-gaia/interior/caves-de-vinho-do-porto candidatamse-a-patrimonio-da-humanidade-4893287.html (Consultado a 27 de Março de 2017)

Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Monumentos e sítios. ICOMOS In http://www.icomos.pt/ (Consultado a 14 de Abril de 2017)

Construção em Light Steel Framing. Perfisa in https://www.perfisa.pt/construcao-em-light-steel-framing (Consultado a 27 de Fevereiro de 2018)

Conversion of the West Wing of the former Colégio das Artes, CAV – Centre for Visual Arts. Divisare in https://divisare.com/projects/302249-joao-mendes-ribeiro-fernando-guerra-fg-sg-luis-ferreira-alves-centre-for-visual-arts-cav (Consultado a 3 Março de 2018)

DOMINGUES, Àlvaro; PEREIRA, Mariana Abrunhosa - *World of Wine: a vista do Porto para Gaia com mais um chiringuito*. Jornal Público, 2017 in https://www.publico.pt/2017/06/16/local/opiniao/world-of-wine-a-vista-do-porto-para-gaia-com-mais-um-chiringuito-1775636. (Consultado a 17 de Julho de 2017)

Memória, Património, Reabilitação. Operação de reabilitação urbana da área de reabilitação Urbana do Centro histórico de Vila Nova de Gaia. Vila Nova de Gaia: GAIURB, 2016 p.30 in https://issuu.com/gaiurb.info/docs/volume_1_oru_ch_2017 (Consultado a 27 de Janeiro de 2017)

PEREIRA, Bárbara - "*LX Factory*", *a fábrica de ideias e experiências artísticas de Lisboa*. Agencia EFE, 2 de Junho de 2015 in https://www.efe.com/efe/portugal/destacada/lx-factory-a-fabrica-de-ideias-e-experiencias-artisticas-lisboa/50000440-2628910 (Consultado a 3 de abril de 2017)

PEREIRA, Gaspar Martins - *Porto: um vinho com história.* Instittuto do vinho do porto in https://www.ivdp.pt/pagina.asp?codPag=9 (Consultado a 23 de Março de 2017)

Pinacoteca do Estado de São Paulo / Paulo Mendes da Rocha + Eduardo Colonelli + Weliton Ricoy Torres. Archdaily Brasil, 10 de Maio de 2015 in https://www.archdaily.com.br/br/787997/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo-paulo-mendes-da-rocha (Consultado a 3 Março de 2018)

RIBEIRO, João Mendes - Casa da Escrita. ArchDaily Brasil. 18 de Julho de 2011 in https://www.archdaily.com/150913/casa-da-escrita-joao-mendes-ribeiro (Consultado a 3 Março de 2018)

SANTOS, Luís – *LX Factory está no top das melhores "fábricas ressuscitadas" do mundo*. Público, 2014 in http://p3.publico.pt/vicios/em-transito/14328/lx-factory-esta-no-top-das-melhores-quotfabricas-ressuscitadasquot-do-mundo (Consultado a 3 de abril de 2017)

"The Switch House" Ampliação do Tate Modern / Herzog & de Meuron. Archdaily Brasil, 7 de Outubro de 2017 in https://www.archdaily.com.br/br/880577/the-switch-house-ampliacao-do-tate-modern-herzog-and-de-meuron (Consultado a 2 de Fevereiro de 2018)

Cartas, Convenções e Recomendações

1931 | Carta de Atenas - I Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos

1933 | Carta de Atenas - IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

1964 | Carta de Veneza - II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos

1975 | Carta de Amesterdão - Congresso sobre o Património Arquitectónico Europeu

1987 | Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades Históricas

2000 | Carta de Cracóvia sobre os Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído

2003 | Carta do ICOMOS - Princípios Para a Análise, Conservação E Restauro Estrutural Do Património Arquitectónico

2011 | Carta do ICOMOS - Critérios para a Conservação do Património Arquitectónico do Século XX

Créditos de Imagens

Fig.1. Fotografia do autor

Fig.2. Fotografia autor

Fig.3. Diagrama editado pelo autor

Fig.4. Disponível em: http://www.viveroporto.com/wp-content/uploads/2016/12/IMG_9784-1024x682.jpg

Fig.5. Disponível em: https://images.metmuseum.org/CRDImages/dp/web-large/DP808439.jpg

Fig.6. Disponível em: https://images.adsttc.com/media/images/599d/f768/b22e/38f0/8900/00da/slideshow/The_Casa_d_Oro_Venice_Ruskin.jpg?1503524709

Fig.7. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.

Fig.8. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/-6hfczEz1hdo/UuKSLFaU46I/AAAAAAAAAoc/tWLstXaNU8Q/s1600/portosombrio_fabrica+cer%C3%A2mica+devesas+06.jpg

Fig.9. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/-kUIceajaYto/UuKSnTb10qI/AAAAAAAAAos/0jkkaqp2ZIQ/s1600/portosombrio_fabrica+cer%C3%A2mica+devesas+09.jpg

Fig.10. Disponível em: https://www.fromtheskies.it/wp-content/uploads/2017/09/red-bull-air-race-2017-porto-2.jpg

Fig.11. Disponível em: https://traveldigg.com/tate-modern-the-modern-art-gallery-located-in-london/9 de dezembro

Fig.12. Disponível em: http://www.tozecanaveira.com/EVENTOS/At-Moto-2014-Lx-Factory/

Fig.13. Disponível em: http://www.lxfactory.com/PT/residentes/comercio-lazer/lxmarket/

Fig.14. Disponível em: MAIOR, Visconde de Villa - O Douro Ilustrado. Lisboa: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 1990

Fig.15. Fotomapa da plataforma online Google Maps

Fig.16. Arquivo do Instituto Português de Fotografia

Fig.17. Disponível em: http://portoarc.blogspot.pt/2012/08/

Fig.18. e 19. Disponível em: http://memoriasgaiensesbibliotecadegaia.blogspot.pt/2014/03/a-melhor-colecao-oitocentista-de-vistas_7019.html

Fig.20. Arquivo Municipal de Vila Nova de Gaia

Fig.21 e 22. Disponível em: ARAÚJO, Henrique - A Casa Ferreira. A construção Antropológica do sucessor. Lisboa: Quetzal Editores, 2001.

Fig.23. e 24. Arquivo Municipal de Vila Nova de Gaia

Fig.25. Disponível em: ARAÚJO, Henrique - A Casa Ferreira. A construção Antropológica do sucessor. Lisboa: Quetzal Editores, 2001.

Fig.26. Disponível em: http://dourovalley.eu/Multimedia/12/75/Cais-de-Gaia-2_1024x768.jpg

Fig.27. e 28. Disponível em: OLIVEIRA, Rafael - Estratégia(s) de Transformação do Espaço Público no Entreposto do Vinho do Porto em Vila Nova de Gaia . Prova Final de Licenciamento

em Arquitectura . Porto: FAUP, 2006, p. 37 a 41

Fig.29. e 30. Disponível em: http://observador.pt/2017/06/13/wow-antigos-armazens-de-vinho-do-porto-dao-lugar-ao-world-of-wine/

Fig.31. Fotografia do autor

Fig.32. Disponível em: https://holidaysportugal.eu/porto/caves-do-vinho-do-porto/

Fig.33. Disponível em: https://www.winelands.pt/epages/2759-160616.sf/pt_PT/?ObjectPath=/Shops/2759-160616/Products/%22EXP08PO+-+Porto%22

Fig.34. Disponível em: https://www.guiadacidade.pt/static/co/upload_img/2000/1073/thumb_800_1415655033.jpg

Fig.35. Fotografia do autor

Fig.36. Fotografia aérea da plataforma online Google Maps, editada pelo autor

Fig.37. e 38. Fotografias do autor

Fig.39. Fotomapa da plataforma online Google Maps, editada pelo autor

Fig.40. Fotografia do autor

Fig.41. Disponível em: https://c7.alamy.com/comp/BEAC3H/passenger-ferry-boat-ramos-pinto-offley-sandeman-port-lodge-av-diogo-BEAC3H.jpg

Fig.42. a 52. Fotografias do autor

Fig.53 a 60. Desenhos do autor

Fig.61 e 62. Fotomontagens elaboradas pelo autor

Fig.63. Fotografia aérea da plataforma online Google Maps

Fig.64. a 79. Fotografias do autor

Fig.80. a 94. Fotografias do autor

Fig.95. e 96. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/762180/arquipelago-centro-de-artes-contemporaneas-menos-e-mais-arquitectos-plus-joao-mendes-ribeiro-arquitecto

Fig.97 a 99. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/787997/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo-paulo-mendes-da-rocha

Fig.100 e 101. Disponível em: https://divisare.com/projects/302249-joao-mendes-ribeiro-

fernando-guerra-fg-sg-luis-ferreira-alves-centre-for-visual-arts-cav

Fig.102. Disponível em: https://www.gettyimages.pt/detail/foto/portugal-porto-ribeira-do-douro-alfandega-imagem-royalty-free/603720298?esource=SEO_GIS_CDN_Redirect

Fig.103. Disponível em: http://recursos.visitporto.travel/pois/2059_4.jpg

Fig.104. Disponível em: http://elestimulo.com/wp-content/uploads/2015/06/635688454560909457.jpg

Fig.105. Disponível em: https://media.timeout.com/images/103486757/image.jpg

Fig.106. Disponível em: https://www.pinterest.pt/pin/120752833736424152

Fig.107. Disponível em: http://www.klatmagazine.com/wp-content/uploads/2013/07/Klat_Donald_Judd_House_Studio_3.jpg

Fig.108. a 113. Disponível em: https://www.archdaily.com/150913/casa-da-escrita-joao-mendes-ribeiro

Fig.114 a 118. Disponível em: http://guiasdearquitectura.com/pt/produtos/packs/castelo-branco-district/_497

Fig.119 a 141. Desenhos do autor

ANEXOS

POP- 1750

ARQUIVO GERAL

L/E: 04-01
P+. 36
Doc. 48

CAMARA MUNICIPAL DE GAIA
ARQUIVO

Ca. Barra de Gaya - Serviço
N.º 220
16 Junho 1922

IMPOSTO DO SELO
50 CENTAVOS

1159

PASSADA A LICENÇA N.º 233 DE 1922

Exma Camara

Adriano Ramos Pinto & Irmão, Ldo desta vila, requer licença para reconstruir um armazem com andar na Rua D. Affonso III a dobrar para a Rua Guilherme Gomes Fernandes, desta vila e conforme o projecto junto, pelo que

P.e de deferimento

Gaia, 20 de Janeiro de 1922

R. Ramos Pinto & Irm.ão Ld.a

4-5-9

DEFERIDO nos termos de informação havida. Gaia, em sessão da Comissão Executiva de 6 de Julho de 1922

A Secretário

A. Ally.

Dias

J. Ramos

Guerra

Moraes.

Ex.ma Camara

A licença poderá ser concedida. Deve cumprir as leis em vigor e depositar doze escudos. Findará a obra dentro do prazo de doze meses.

Repartição

Arquitecto Municipal

CAMARA DE GAIA
5 JUL 1922
3ª REPARTIÇÃO (OBRAS)

2

1,65

Câmara do Gaya - Secção de Obras
Nº 247
7 Julho 1922

Exma Câmara

Adriano Ramos Pinto & Irmão, Lim.ª desta vila ao abrigo do artº 172 do Código de Posturas em vigor, requer à Exma Câmara licença para estabelecer sobre a Rua Guilherme Gomes Fernandes desta vila, conforme o projecto junto, uma passagem ou passadiço formado de cimento armado e ferro, e assim

P.e de deferimento

Gaia, 20 de Janeiro de 1922

A. R. Pinto & Irmão Lda

2,65

A Comissão Executiva da Camara de Gaia acorda em julgar competente o presente processo, mandar citar os interessados para a medição e arbitramento da servidão que se trata e autorisar a Presidencia a fazer seguir todos os demais termos do mesmo processo. Gaia, de Julho de 1922.

Informe a Repartição d'Obras.
Gaia, 6-7.º-1922.

A Comissão Executiva da Camara de Gaia acorda em julgar competente o presente processo, mandar citar os interessados para a medição e arbitramento da servidão que se trata Marcelino d'Almeida Lucas e Maria Antonia Telheiro e autorisar a Presidencia a fazer seguir todos os demais termos do processo

Gaia 13-7-922

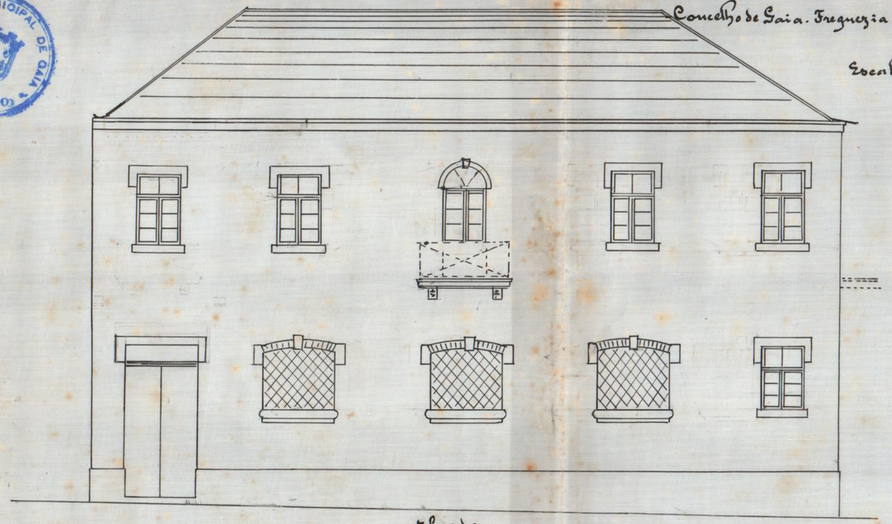
CÂMARA MUNICIPAL DE GAIA
ARQUIVO

Concelho de Gaia. Freguezia da Stª Marinha. Rua D. Affonso III

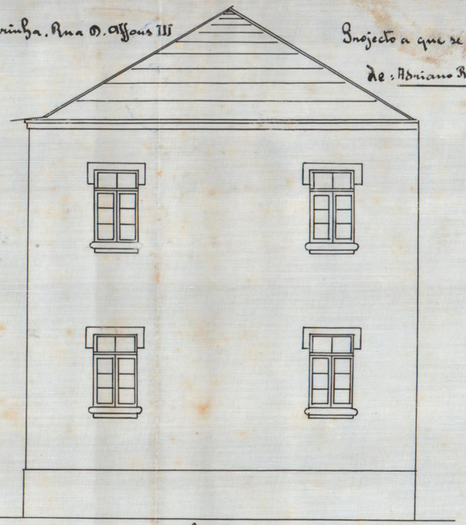
Escala 1:100

Projecto a que se refere o requerimento

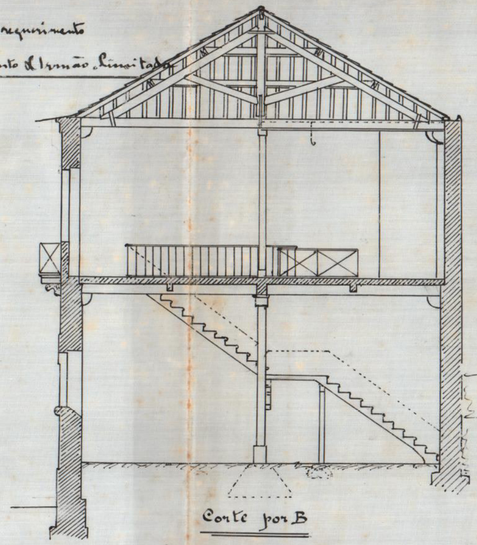
de: Adriano Ramos Pinto & Irmão Limitada



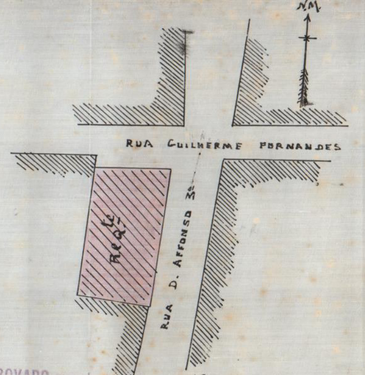
Alçado



Alçado



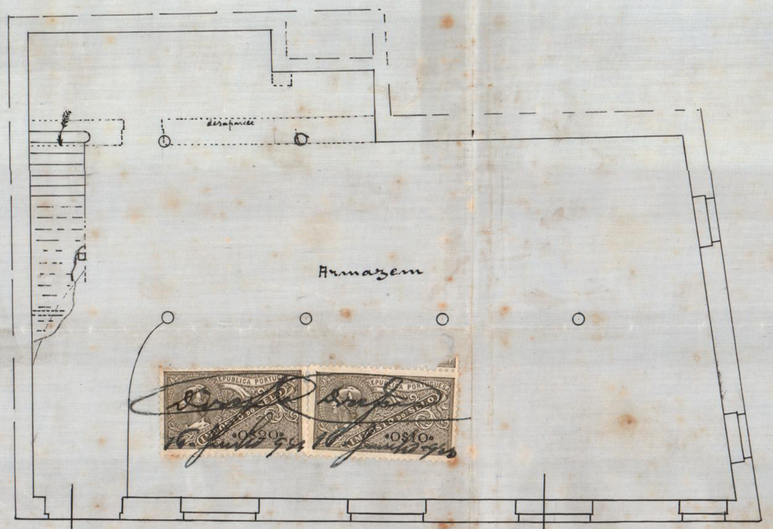
Corte por B



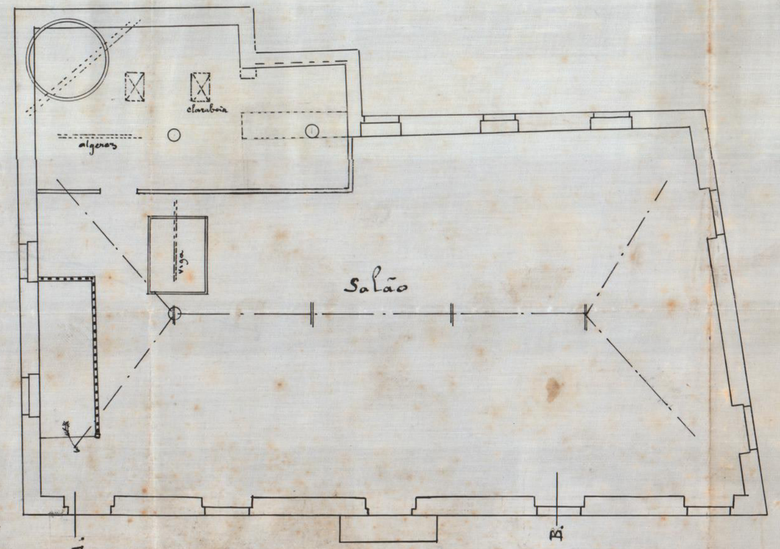
Planta topografica

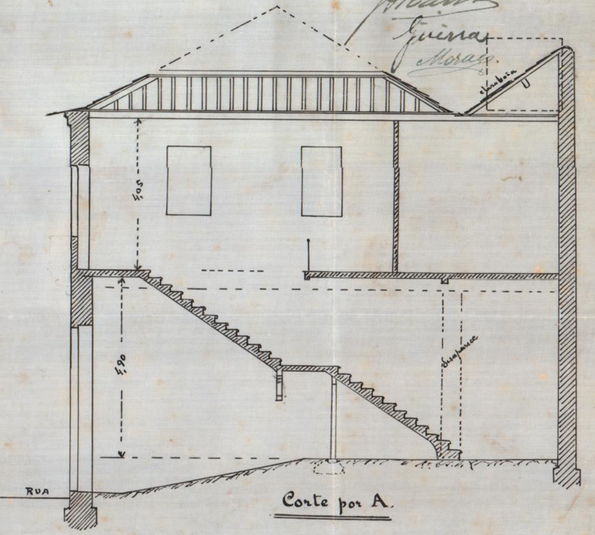
Escala 1:500

APROVADO segundo as disposições legais e regulamentares vigentes pela 3.ª Repartição que deverão ser observadas no alvará de licença.
Gaia, em sessão da Comissão Executiva de 6 de Julho de 192 2



Plantas





Corte por A.

Escala 1:100